



## SEPTIMA PARS

Então Vossa Excelência juntou-se hoje a nós para ouvir como foi a minha vida de casado?

Penso que ireis achar o relato sem muitos incidentes — e, espero, menos incómodo para a vossa sensibilidade — do que os tempos tempestuosos da minha primeira juventude. Ainda que tenha de vos dizer, com pesar, que a verdadeira cerimónia do meu casamento com Zyanya foi ensombrada pela tormenta e tempestade, estou muito feliz por poder dizer que a maior parte da nossa vida conjugal foi alegre e tranquila. Não quero dizer que tenha sido sempre insípida; com Zyanya experimentei muitas outras aventuras e emoções; na verdade, só a sua presença encheu de entusiasmo cada um dos meus dias. Também nos anos que se seguiram ao nosso casamento, os Mexíca atingiram o auge do seu poder, crescendo com vigor e, em algumas ocasiões, vi-me envolvido em acontecimentos que agora me apercebo terem sido de alguma importância. Mas esses tempos foram para Zyanya e para mim — e, sem dúvida, também para a maioria das pessoas vulgares — apenas uma espécie de figuras em movimento num mural pintado, diante do qual vivíamos as nossas vidas privadas, os nossos pequenos triunfos e a nossa pequena e insignificante felicidade.

Oh, não quer isto dizer que considerássemos *insignificante* qualquer dos pequenos aspectos do nosso casamento. Há algum tempo perguntei a Zyanya como fazia para contrair o pequeno círculo de músculos da sua *tipili*, que tornava o nosso acto de amor tão excitante. Corou de tímido prazer e murmurou:

— «É como quando pestanejo. Acontece simplesmente quando o faço. Não acontece com as outras mulheres?»

— «Não conheço todas as mulheres — respondi — e não as desejo conhecer agora que tenho a melhor de todas.»

Mas Vossa Excelência não estará interessado nestes detalhes caseiros. Penso que o melhor que posso fazer para que vejais e aprecieis Zyanya, é compará-la com a planta a que chamamos *metl*, se bem que o *metl* não seja tão belo como ela era, e não ame, nem fale, nem ria.

O *metl*, Excelência, é aquela planta do tamanho de um homem, verde ou azul, a que nos ensinastes a chamar *maguey*<sup>1</sup>. Gratificante, generoso e bonito de ver, o *maguey* é o vegetal mais útil que cresce em qualquer lado. As folhas largas e curtas podem ser cortadas e estendidas de maneira a constituírem o telhado impermeável de uma casa. Podem ser batidas e transformadas em polpa, prensadas e secas para fazer papel. As fibras das folhas podem ser separadas e torcidas para dar forma a qualquer tipo de cordão, desde a corda ao fio, e este pode ser tecido para fazer um pano grosseiro, mas útil. Os espinhos duros e aguçados que estão na borda das folhas podem servir de agulhas, alfinetes ou pregos. Serviram aos nossos sacerdotes como instrumentos de tortura, mutilação e auto-flagelação.

As folhas dos rebentos, que crescem quase à flor da terra, são brancas e suaves, e podem ser cozinhadas para fazer um doce delicioso. Ou podem ser postas a secar, e servem para alimentar uma fogueira sem deitar fumo; e as cinzas brancas que ficam servem para tudo, desde alisar o papel de casca de árvore até fazer sabão. Se se cortarem as folhas centrais de *maguey* e se se extrair a parte central, obtém-se a seiva clara da planta da qual se fabrica uma bebida saborosa e nutritiva. Barrada sobre a pele, previne as rugas, as borbulhas e as manchas; as nossas mulheres usam-na para isso. Os homens preferem deixar fermentar o suco do *maguey* até se converter no *octli* alcoólico, ou “*pulque*”<sup>2</sup>, como lhe chamais. As crianças preferem-no cozido até se transformar num xarope, por vezes tão pesado e doce como o mel.

Resumindo, o *maguey* oferece cada uma das partes e partículas do seu ser, para o bem de quem o faz crescer e trata dele. E Zyanya era como ele, se bem que incomparavelmente melhor. Possuía o bom de cada uma das suas partes, na sua maneira de ser, em todas as suas acções, e não apenas para mim. Apesar de eu desfrutar do melhor que nela havia, nunca conheci uma pessoa que não a amasse, a estimasse e a admirasse. Zyanya não era apenas Sempre, ela era tudo.

---

<sup>1</sup> No México e em Cuba; pita. (N. do T.)

<sup>2</sup> Licor que se extrai do suco das pitas. (N. do T.)

Mas não devo malbaratar o vosso tempo, Excelência, com sentimentalismos. Deixai-me recordar as coisas pela ordem em que elas se sucederam.

Depois de termos escapado aos assassinos Zyú e sobrevivido àquele feroz tremor de terra, eu e Zyanya levámos sete dias a regressar a Tecuantépec pela rota de terra. Não sei se foi por o terramoto ter aniquilado os selvagens ou por estes terem pensado que tinha acabado connosco, o caso é que nenhum deles nos perseguiu e assim não se nos deparou qualquer obstáculo ao atravessar as montanhas, à excepção da sede e da fome ocasionais. Teria podido caçar algum animal com a *maquáhuitl*, mas havia muito tempo que tinha perdido o meu cristal de acender fogueiras às mãos dos ladrões do istmo e nada tinha para fazer lume; a fome também nunca foi tanta a ponto de comermos carne crua. Encontrámos suficientes bagas, frutos silvestres e ovos de aves, que *podíamos* comer crus, e tudo isso nos proporcionava sucos que bastassem para nos sustentar até encontrarmos algum dos riachos pouco frequentes na montanha. À noite, amontoávamos folhas secas e dormíamos entre elas, abraçados, para nos darmos calor mútuo e outras satisfações.

Talvez estivéssemos os dois um pouco mais magros quando chegámos a Tecuantépec, ainda que certamente andrajosos, descalços e com os pés feridos, pois as nossas sandálias tinham ficado gastas pelas rochas das montanhas. Chegámos ao pátio da hospedaria cansados e agradecidos, e Béu Ribé saiu a correr para nos dar as boas-vindas, com um misto de preocupação, exasperação e grande alívio no rosto.

— «Pensei que tinham desaparecido, como o nosso pai, e que nunca mais voltariam! — disse ela, meio a rir, meio zangada, depois de nos ter abraçado ardentemente, primeiro a Zyanya e depois a mim —. No momento em que vos perdi de vista, pensei que era uma aventura tola e perigosa...»

A voz dela baixou, enquanto nos observava, e vi o seu sorriso desaparecer. Passou de novo a mão ao de leve pelo rosto e repetiu:

— «Tola... perigosa...» — Os olhos arregalaram-se-lhe quando viu mais de perto a irmã e humedeceram-se quando se dirigiram para mim.

Apesar de ter vivido muitos anos e de ter conhecido muitas mulheres, ainda não consigo saber como podem perceber intensamente e com segurança quando outra mulher se deitou com um homem pela primeira vez, quando fez a irreversível mudança de donzela para mulher. Lua que Espera olhou para a irmã com surpresa e decepção e para mim com ira e ressentimento.

— «Vamos casar-nos.» — apressei-me a dizer.

Zyanya prosseguiu:

— «Esperamos que aproves, Béu. No fim de contas, és a chefe da família.»

— «Então, devias ter-me dito antes! — disse a rapariga mais velha, com voz sufocada —. Antes de... — Parecia estar ofendida por isso. Nessa altura os seus olhos não estavam húmidos, mas em brasa —. E não justamente com um estrangeiro *qualquer*, mas com um bruto mexícatl lascivo que pega em qualquer mulher, sem discriminação. Como pudeste fazer isso, Zyanya? Se não fosses tão disponível — a voz tornou-se mais forte e mais desagradável —, é provável que tivesse regressado com uma sebenta fêmea Zyú, pendurada no seu comprido e insaciável...»

— «Béu! — soluçou Zyanya —. Nunca te ouvi falar assim. Por favor! Eu sei que aconteceu de repente, mas posso garantir-te que Záa e eu nos amamos.»

— «De repente! Garantes-me... — disse Lua que Espera, furiosa, e descarregou a sua raiva para cima de mim — *Tens* a certeza? Ainda não provaste todas as mulheres desta família!»

— «Béu!» — implorou Zyanya mais uma vez.

Tentei reconciliá-las, mas parecia acobardado.

— «Não pertenço à nobreza *pípiltin*. Só posso casar-me uma vez na vida.»

Aquilo granjeou-me um olhar de Zyanya pouco mais terno do que o da irmã, irritado e feroz. Assim, acrescentei rapidamente: — Quero Zyanya por esposa. Sentir-me-ia muito honrado, Béu, se te pudesse chamar irmã.»

— «Muito bem! mas apenas para dizer adeus à irmã. Então parte e leva a tua... a tua *escolha* contigo. Graças a ti, ela não terá aqui nem honra, nem respeito, nem nome, nem lar. Nenhum sacerdote dos Bê'n Záa vos quererá casar.»

— Já sabemos isso — disse eu —. Iremos casar a Tenochtítlan. — A minha voz soou firme —: Mas não será uma cerimónia clandestina ou vergonhosa. Casar-nos-á um dos mais altos sacerdotes da corte do Uey-Tlatóani dos Mexíca. A tua irmã escolheu um forasteiro, sim, mas não um vagabundo. E ela casar-se-á comigo com o teu consentimento ou sem ele.»

O silêncio que se seguiu foi longo e tenso. Escorriam lágrimas pelas faces quase identicamente belas, quase identicamente desgostosas das raparigas; o suor escorria pelas minhas. Estávamos os três nos vértices de um triângulo atado por invisíveis tiras de *óli*, esticando-se cada vez mais, numa incrível tensão. Mas antes que qualquer delas se partisse, Béu afrouxou a tensão. O seu rosto perdeu a energia e os seus ombros também, e disse:

— «Lamento. Por favor, perdoa-me Zyanya. E irmão Záa. Claro que têm a minha bênção, os meus melhores votos de felicidade. E peço-vos que

esqueçam as outras palavras que disse. — tentou rir de si própria, mas o riso ficou entrecortado —. Foi de repente, tal como dizes. Tão inesperado. Não é todos os dias que perco... uma querida irmã. Mas agora entrem. Lavem-se, comam e descansem.»

Lua que Espera odiou-me desde esse dia até agora.

Zyanya e eu estivemos mais ou menos dez dias na hospedaria, mas mantendo uma discreta distância entre nós. Tal como antes, partilhou o quarto com a irmã e eu fiquei com um só para mim, e tivemos muito cuidado em não fazer demonstrações públicas de afecto. Enquanto recuperávamos da nossa expedição abortada, Béu parecia recompor-se do desgosto e da melancolia que o nosso regresso tinha causado. Ajudou Zyanya a escolher entre os seus pertences e entre os bens que pertenciam às duas, as relativamente poucas coisas insubstituíveis que levaria consigo.

Como eu estava outra vez sem uma semente de cacau, pedi emprestada às jovens uma pequena quantia para as despesas da viagem, e mais alguma coisa que enviei por um mensageiro-veloz para entregar à família que o infeliz barqueiro pudesse ter deixado em dificuldades. Informei também do incidente o Bishósu de Tecuantepec, que disse que, por sua vez, iria informar o senhor Kosi Yuela dessa última selvajaria cometida pelos desprezíveis Huave Zyú.

Na véspera da nossa partida, Béu surpreendeu-nos com uma festa, como o teria feito se Zyanya se casasse com um homem dos Ben Záa. Assistiram a ela todos os hóspedes da hospedaria e havia alguns convidados de entre a gente da terra. Tinha contratado músicos para tocar e dançarinos esplendidamente bem vestidos para dançar o *genda lizáa*, que é a tradicional dança de «espírito de consanguinidade» da Gente Nuvem.

Com uma última aparência de bons sentimentos entre os três, na manhã seguinte, Zyanya e eu despedimo-nos de Béu com solenes beijos. Não fomos imediatamente ou directamente para Tenochtitlan. Encaminhámo-nos para norte, cada um de nós carregando um volume, através das terras planas do istmo, pelo caminho por onde eu tinha chegado a Tecuantepec. Já que nessa jornada tinha que pensar noutra pessoa, fui especialmente cauteloso com os vilões que se aproximassem no caminho. Levava a *maquáhuitl* à mão e olhava atentamente para o terreno sempre que havia algum arbusto onde pudesse estar alguém escondido.

Não tínhamos ainda andado meia distância, quando Zyanya me disse com simplicidade, mas ao mesmo tempo emocionada e ansiosa.

— «Imagina. Vou para tão longe de casa como nunca estive.»

Aquelas palavras envaideceram-me o coração e fizeram-me amá-la muito mais. Ia confiadamente aventurar-se ao que para ela era um vasto

território desconhecido, só porque o fazia sob a minha protecção. Sentia-me orgulhoso e agradecido por o seu *tonáli* e o meu se terem unido. Toda a gente que fez parte da minha vida foi deixada para trás em tempos passados, mas Zyanya foi de alguma maneira o presente, sempre novo, sem se tornar trivial com a intimidade.

— «Nunca acreditei — disse ela, estendendo os braços — que pudesse *existir* uma tão grande extensão apenas de terra!»

Mesmo olhando para a árida visão do istmo, consegui dizer isto e fez-me sorrir e partilhar o seu entusiasmo. Seria sempre assim durante os nossos «presentes» e «futuros». Teria o privilégio de lhe dar a conhecer coisas que para mim eram prosaicas, mas novas e estranhas, para ela. E, na sua incansável alegria, fazia com que eu as visse de novo, como se fossem completamente novas e exóticas.

— «Olha esta planta, *Záa*. Está viva! *Repara!* E tem medo, a pobrezinha. Vês? Quando lhe toco num ramo, enrola as folhas e mostra espinhos como caninos brancos.»

Poderia ter sido uma jovem deusa, tardiamente nascida de Tatoínan, mãe dos deuses, e enviada novamente do céu para se familiarizar com ela. Por isso encontrava mistério, maravilhas e encanto no mínimo pormenor deste mundo, incluindo eu, e ela própria. Estava tão plena de vida e cintilante como o brilho encerrado numa esmeralda. Surpreendia-me continuamente com as suas atitudes inesperadas perante coisas que eu considerava vulgares.

— «Não, não nos dispamos — disse, na nossa primeira noite de caminho —. Faremos amor, oh sim, mas vestidos, como fizemos nas montanhas. — Naturalmente que protestei, mas manteve-se firme e explicou-me porquê —. Deixa-me ter uma pequena e última modéstia até ao casamento, *Záa*. E então, ao ficarmos nus pela primeira vez, será como se tudo fosse novo e diferente, como se nunca o tivéssemos feito antes.»

Repito-vos, Excelência, que a narração completa da nossa vida conjugal deve ser muito pouco dramática, porque sentimentos como alegria e felicidade são muito mais difíceis de exprimir por palavras do que por factos. Só posso dizer que, nessa altura, eu tinha vinte e três anos e Zyanya, vinte, e os amantes dessa idade são capazes dos maiores extremos e de um vínculo que nunca mais conhecerão. De qualquer maneira, esse primeiro amor entre nós nunca diminuiu; cresceu em profundidade e intensidade, mas não sei dizer porquê.

Porém, agora, que o estou a recordar, creio que Zyanya podia ter estado muito perto de o dizer por palavras, há muito tempo, naquele dia em que partimos juntos. Um desses cómicos pássaros corre caminhos fugiu velozmente de ao pé de nós; era o primeiro que via na vida.:

— «Porque é que um pássaro prefere a terra ao céu? — perguntou pensativa. — Eu não o faria se tivesse asas. E tu, Záa?»

Ayyo, o espírito dela tinha asas e eu participava da alegria dos seus sonhos. Desde o princípio, fomos companheiros que partilhávamos cada aventura que se desenrolava. Amávamos a aventura e amávamo-nos um ao outro. Nenhum homem e nenhuma mulher poderiam pedir mais do que os deuses nos tinham dado a ambos — excepto, talvez, a promessa do seu nome: que era para sempre.

No segundo dia, encontrámo-nos com uma caravana de mercadores que viajava para norte e cujos carregadores transportavam conchas de tartarugas bico de gavião. Estas seriam vendidas aos artesãos *olméca*, para serem aquecidas, torcidas, e aproveitadas na confecção de ornamentos e incrustações. Fomos bem recebidos pelos mercadores e, apesar de Zyanya e eu podermos viajar mais rapidamente por nossa conta, por uma questão de segurança, seguimos na companhia deles até ao seu destino, a cidade de Coátzacoálcos, cruzamento de rotas comerciais.

Mal havíamos chegado ao mercado local — e Zyanya serpenteava entusiasmada por entre as bancas apinhadas de mercadorias e de roupa — quando uma voz familiar gritou:

— «Com que então, não morreste! Teremos enforcado aqueles desgraçados por nada?»

— «Glutão de Sangue! — exclamei — E Cozcatl! O que é vos trouxe a estas partes longínquas?»

— «Oh, o aborrecimento!» — Disse o velho guerreiro com voz entediada.

— «Ele quer dizer que estávamos preocupados contigo.» — Disse Cozcatl, que deixara de ser um rapazinho e se convertera num adolescente desajeitado, que parecia ter apenas joelhos e cotovelos.

— «Não, não estava preocupado, mas sim *aborrecido* — insistiu Glutão de Sangue —. Mandei construir uma casa em Tenochtitlan, mas a supervisão dos pedreiros e estucadores não é um trabalho muito edificante. Os pedreiros também me deram a perceber que estariam melhor sem as minhas ideias. E Cozcatl achou os estudos na escola mais ou menos insípidos depois de todas as aventuras por que passou. Assim, o rapaz e eu decidimos seguir o teu rasto e averiguar o que tinhas andado a fazer durante estes anos.»

Cozcatl acrescentou:

— «Não tínhamos a certeza de estar a seguir a rota correcta até chegarmos aqui e encontrarmos quatro homens que tentavam vender algumas coisas de valor. Reconhecemos o teu alfinete de pedra de sangue para o manto.»

— «Não conseguiram dar uma razão satisfatória para a posse desses artigos — disse Glutão de Sangue —, pelo que os apresentámos ao tribunal do mercado. Foram julgados, condenados e mortos por garrote. Ah, bem, estou certo de que o mereciam por qualquer outro delito. Seja como for, aqui tens o teu alfinete, o teu cristal de acender lume e o enfeite para o nariz...»

— «Fizeste bem. Eles roubaram-me, feriram-me e deixaram-me como morto.»

— «Foi isso que pensámos, mas *esperávamos* que não estivesses — disse Cozcatl —. E não tínhamos mais nada com que passar o tempo. Assim, tínhamos começado a explorar esta costa a partir daí. E tu, Mixtli, o que tens feito?»

— «Também tenho andado a explorar. Como sempre em busca de um tesouro,»

— «Encontraste algum?» — grunhiu Glutão de Sangue.

— «Bem, encontrei uma esposa.»

— «Uma esposa — pigarreou e cuspiu para o chão com desprezo —. E nós que receávamos que só tivesses morrido.»

— «O mesmo velho rezingão — disse eu a rir —. Mas quando a virem...»

Olhei à volta da praça, chamei-a e num instante ela estava junto a nós, tão imponente como Pela Xila ou a Senhora de Tolan, mas infinitamente mais bela. Nesse pequeno espaço de tempo tinha comprado uma blusa, uma saia, sandálias que trocara pelas roupas manchadas da viagem e trazia aquilo a que chamamos uma jóia viva — um escaravelho iridescente de muitas cores — presa na sua brilhante madeixa branca. Acho que, tal como Cozcatl e Glutão de Sangue, até eu fiquei de boca aberta de admiração.

— «Tinhas razão em protestar comigo, Mixtli — concedeu o velho —. *Ayyo*, uma donzela do Povo Nuvem. É, na verdade, um tesouro de valor incalculável.»

— Eu conheço-vos, senhora — disse Cozcatl delicadamente. — Sois a jovem deusa de um templo disfarçado de hospedaria.»

Depois de os ter apresentado a todos, e depois de os meus dois velhos amigos, julgo eu, terem instantaneamente ficado apaixonados por Zyanya — disse:

— «Ainda bem que nos encontrámos. Eu ia a caminho de Xicalánca, onde me espera outro tesouro. Penso que nós os quatro o poderemos transportar e, então, não preciso fretar carregadores.»

Assim, fomos caminhando, tranquilamente, através das terras onde as mulheres mascavam como manatins e os homens andavam inclinados sob o peso dos seus nomes, em direcção a Cupílco, a capital, e para a ofi-



cina do Mestre Tuxtem, que nos mostrou os artigos que tinha confeccionado com os dentes gigantes. Uma vez que já conhecia a qualidade do material que lhe tinha dado para trabalhar, não me surpreendi *tanto* como aconteceu com Zyanya, Cozcatl e Glutão de Sangue, quando vimos o que ele tinha feito.

Tal como eu lhe pedira, tinha talhado estatuetas de deuses e deusas mexíca, algumas delas do tamanho do meu antebraço, bem como adagas talhadas e pentes que eu também lhe sugerira. Mas além desses objectos, havia caveiras do tamanho das de crianças arvesadamente gravadas com cenas de antigas lendas. Também tinha feito caixinhas artisticamente trabalhadas com as respectivas tampas, e frascos para perfume de *copáli* com rolhas do mesmo material. Tinha talhado medalhões, fechos para mantos, apitos e pregadeiras em forma de pequenos jaguares, mochos, requintadas mulheres nuas, flores, coelhos e caras sorridentes.

Em muitas dessas coisas, os pormenores eram tão delicados que apenas podiam ser apreciados através do escrutínio do meu cristal de aumentar. Visto assim, até a *tipili* era visível num ornamento com uma rapariga nua, não maior do que o espinho de um *maguey*. Seguindo as minhas instruções, Tuxtem não tinha desperdiçado nem um pequeno fragmento, ou apara; tinha feito também adornos de nariz, brincos e delicados palitos para os dentes e para os ouvidos. Todas essas coisas, pequenas e grandes, tinham um brilho branco pérola, como se possuíssem luz interior própria, ou tivessem sido talhadas pela lua. Eram tão agradáveis ao tacto como à vista; o artesão alisara de tal forma as superfícies que mais se assemelhavam aos seios de Zyanya. Tal como a sua pele, pareciam dizer: «Toca-me, acaricia-me, desliza as tuas mãos por cima de mim.»

— «Prometestes-me, jovem Senhor Olho Amarelo — disse Tuxtem — que só pessoas conhecedoras poderiam possuir estas coisas. Permite-me a presunção de escolher a primeira dessas pessoas.»

Dizendo isto, ajoelhou-se para beijar a terra em frente de Zyanya, depois levantou-se e pôs-lhe à volta do pescoço uma corrente de delicados e sinuosos elos, que lhe deveria ter custado um tempo incontável a esculpir numa parte comprida e dura do dente. Zyanya sorriu, radiante, e disse:

— «Na verdade, o Mestre Tuxtem está a honrar -me. Nunca haverá outro trabalho como este. Deveria ser reservado aos deuses.»

— «Eu só acredito no que é credível — disse ele —. Uma bela jovem, com uma luz no cabelo e um nome em *lóochi* que sei que significa Sempre, é uma deusa muito mais credível do que as outras.»

Tuxtem e eu dividimos os artigos como tínhamos combinado e depois, por sua vez, dividi a minha parte em quatro e envolvi cuidadosamente cada objecto em algodão. As pedras trabalhadas eram muito mais leves e

com menos volume do que os dentes originais, resultando assim fardos leves para que eu e os meus companheiros os pudéssemos levar sem utilizar carregadores. Dali fomos primeiro a uma hospedaria em Xicalánca, onde alugámos quartos para descansar, tomar banho, comer e dormir.

No dia seguinte, selecionei uma das nossas novas aquisições: uma pequena adaga com estojo, com a cena de Quetzalcóatl remando ao largo no seu barco feito de serpentes emplumadas gravada. Depois vesti as minhas melhores roupas e, enquanto Cozcatl e Glutão de Sangue levavam Zyanya a conhecer Xicalánca, fui ao palácio solicitar uma audiência ao nobre governador de Cupílco, o Tabascoöb, como ali era chamado. Devido a este título deram os espanhóis — e eu não sei porquê — um novo nome a toda essa terra que antes era o país de Olméca.

O senhor recebeu-me muito atenciosamente. Como quase todas as pessoas de outras nações, provavelmente não sentia nenhum afecto prodigioso por nós, os Mexica. Mas o seu país vivia do comércio, e o nosso era o mais numeroso de todos os comerciantes.

— «Senhor Tabascoöb, — disse eu. — Um dos vossos artesãos locais, o Mestre Tuxtem, fez-me há pouco tempo um trabalho artístico, único no seu género, com o qual espero fazer um negócio proveitoso. Mas considero conveniente que o primeiro exemplar deva ser apresentado ao senhor deste país. Assim, ofereço-vos esta peça em nome do meu próprio senhor, o Uey-Tlatoáni Auítzotl de Tenochtítlan.»

— «Um gesto cortês e um presente generoso — disse ele, examinando a bainha da adaga, com grande admiração —. Um trabalho muito, muito belo. Nunca vi nada igual.»

Em troca, o Tabascoöb deu-me um pequeno canudo de ouro para o Mestre Tuxtem e uma caixa com uma colecção de animais marinhos — estrelas-do-mar, cavalos-marinhos, um coral, tudo banhado a ouro para preservação e realçar a beleza — para dar de presente ao Venerado Orador Auítzotl. Abandonei o palácio com a sensação de que, pelo menos, tinha ajudado um pouco as boas relações, no futuro, entre Cupílco e Tenochtítlan.

Tinha a intenção de mencionar isso a Auítzotl, quando, imediatamente depois da nossa chegada ao Coração do Mundo Único, fui chamado à sua presença. Tinha a esperança de que o presente de boas relações de Tabascoöb pudesse induzir o Venerado Orador a satisfazer o meu pedido: que Zyanya e eu fôssemos casados por um sacerdote do palácio, com categoria e credenciais impressionantes. Mas Auítzotl apenas me lançou um olhar com os olhos avermelhados e grunhiu.

— «Como ousas vir solicitar-nos um favor, depois de ter desobedecido às nossas ordens expressas?»

Honestamente não compreendi e perguntei:

— «Desobedecido, como, meu senhor?»

— «Quando nos trouxeste a narração da tua primeira expedição para sul, dissemos-te que permanecesses disponível para uma posterior discussão. Em vez disso, desapareceste e privastes os Mexíca de uma possível e valiosa oportunidade de fazer a guerra. Agora regressas, dois anos depois, dois anos demasiado tarde, para nos convenceres com lisonjas a apadrinhar uma coisa tão insignificante como um casamento!»

Ainda perplexo, disse:

— «Garanto-vos, Senhor Orador, que nunca me teria ido se suspeitasse estar a desobedecer. Mas... *que* oportunidade se perdeu?»

— «As tuas palavras-pintadas contavam como a vossa caravana tinha sido atacada por bandidos mixtéca. — Levantou a voz irado —. Nunca deixámos sem vingança um ataque aos nossos viajantes *pochtéca*. — Estava obviamente mais zangado comigo do que com os bandidos —. Se tivesses estado disponível para exercer pressão sobre essa afronta, teríamos tido uma boa desculpa para mandar um exército contra os Mixtéca. Mas sem que haja uma queixa...»

Murmurei as minhas desculpas e baixei a cabeça em sinal de humildade, mas fiz, ao mesmo tempo, um gesto suplicante.

— «Os miseráveis Mixtéca, meu senhor, possuem muito pouco coisa digna de ser conquistada. No entanto, desta vez regresso de outras terras com notícias de um povo que, esse sim, possui algo de bastante valor, e também eles merecem castigo, pois trataram-me violentamente.»

— «Quem? Como? O que possuem? Fala! Talvez ainda te possas redimir na nossa estima.»

Contei-lhe como tinha descoberto o habitat barricado por mar e rochas dos Chóntaltin, ou dos Zyú, ou dos Desconhecidos, esse isolado e pernicioso ramo da tribo Huave. Contei-lhe como essa gente é a única que sabe como, onde e quando mergulhar para encontrar os caracóis marinhos e como fazer para que essas feias lesmas produzam um maravilhoso corante púrpura profundo, que nunca desaparece nem debota. Sugeri que esse produto único teria um valor incalculável no mercado. Disse-lhe como o meu guia tzapotéca tinha sido assassinado pelos Desconhecidos e como Zyanya e eu tínhamos escapado com dificuldade ao mesmo destino. Durante a minha narração, Auítzotl tinha deixado o trono de pele de urso e, excitado, começara a percorrer a sala.

— «Sim. — disse ele, sorrindo vorazmente —. O ultraje contra um dos nossos *pochtéca* pode justificar uma invasão punitiva e o corante, só por si, pode pagá-la. Mas porquê subjugar apenas a miserável tribo Huave. A terra de Uaxyácac tem muito mais tesouros para serem adquiridos. Não há

muitos anos, no reinado do meu pai, os Mexíca humilharam esses altivos Tzapotéca.»

— «Quero fazer lembrar ao Venerado Orador — disse eu rapidamente — que nem sequer o vosso pai, Motecuzóma, pode manter durante muito tempo esse povo distante como vassalo. Para o conseguir é necessária uma guarnição considerável em permanência nesse país. E para manter essa guarnição é preciso manter linhas de abastecimento. Mesmo que fosse imposto e mantido um governador militar, isso custar-nos-ia muito mais do que qualquer saque ou tributo.»

— «Pareces ter sempre um argumento contra os homens que querem a guerra» — vociferou Auítzotl.

— «Nem sempre, meu senhor. Neste caso, sugerir-vos-ia procurar a adesão dos Tzapotéca como aliados. Ofereci-lhes as honras de lutar ao lado das vossas tropas quando cairdes em cima dos bárbaros Huave. Então, ponde essa tribo derrotada sujeita a tributo, não directamente a vós, mas ao Senhor Kosi Yuela de Uaxyácac, para lhes entregarem todo o corante púrpura daí para a frente e para sempre.»

— «O quê? Fazer uma guerra e renunciar aos seus frutos?»

— «Deixai-me terminar, Venerado Orador. Depois da vossa vitória, fiz um tratado através do qual Uaxyácac se comprometa a não vender a púrpura senão aos mercadores mexíca. Desta forma beneficiarão as duas nações, se bem que, é claro, os nossos *pochtéca* revenderão o corante a um preço muito mais elevado. Assim, amarrareis os Tzapotéca a nós, com vínculos de um comércio crescente... e, por terem lutado ao lado dos Mexíca pela primeira vez, numa aventura militar comum.»

O seu olhar fixo no meu começou a ser especulativo.

— «E se eles lutarem uma vez como nossos aliados, podê-lo-ão fazer outra vez e outra. — Olhou para mim com um olhar quase amistoso —. A ideia é boa. Daremos ordem de marcha tão depressa quanto os nossos astrólogos escolham um dia propício a tal. Apronta-te, Tequíua Mixtli, para assumir o comando dos guerreiros que te serão atribuídos.»

— «Mas, Senhor, eu vou casar.»

— «*Xoquíui* — resmungou esta palavra que é uma blasfémia. — Podes casar-te em qualquer altura, mas um guerreiro está sempre sujeito a ser chamado, especialmente se tiver uma posição de comando. Também és parte demandante neste assunto. És o nosso pretexto para invadir as fronteiras de Uaxyácac.»

— «A minha presença física não é necessária, Senhor Orador. O pretexto já eu deixei bem preparado. — E contei-lhe como tinha informado o nobre governante de Tecuantépec das acções perversas dos Desconhecidos, através do Senhor Bishósu daquelas terras. — Nenhum Tzapotéca sente

afecto por essa adventícia tribo Huave, pelo que, o vosso caminho até eles não será impedido. Na verdade, é muito provável que Kosi Yuela não precise de absolutamente nenhuma adulação para se unir a vós nessa incursão de castigo, meu Senhor — fiz uma pausa, e disse com modéstia: — Espero ter feito a coisa certa, com a finalidade de facilitar antecipadamente os negócios entre senhores, exércitos e nações.»

Por um curto espaço de tempo, não houve outro som na sala do que o tamborilar dos dedos de Auítzotl sobre o apoio da cadeira, que suspeito ser feita de pele humana.

— «Disseram-nos que a tua futura noiva é maravilhosamente bela — disse, por fim. — Muito bem. Nenhum homem que tenha feito serviços exemplares pela sua nação deve pedir que se anteponham os prazeres de guerra aos prazeres da beleza. Casar-vos-eis aqui, no salão de baile da corte, que mandámos decorar recentemente. Um sacerdote do palácio officiará... o nosso sacerdote da deusa do amor, Xochiquézal, penso eu, não do deus da guerra, Huitzilopóchtli... e todos os nossos criados servirão. Convida todos os teus companheiros *pochtéca*, os teus amigos, qualquer pessoa que queiras. Entretanto, tu e a tua mulher podeis ir pela cidade e escolher um qualquer local que vos agrade para fixar residência, um local que ainda não esteja ocupado ou que o proprietário queira vender e esse será o presente de casamento de Auítzotl.



No devido momento, na tarde do dia do meu casamento, aproximei-me, nervoso, da entrada do salão de baile, e detive-me o tempo suficiente para observar a multidão através do meu cristal; depois, longe de toda a vaidade, guardei-o dentro de meu rico manto novo, antes de entrar na sala. Tinha visto a nova decoração do vasto átrio, pinturas murais que poderia reconhecer mesmo sem assinatura... e que na multidão de nobres, cortesãos e plebeus privilegiados, havia um homem alto que, mesmo estando de costas naquele momento, podia reconhecer como o artista Yei-Ehécatl Pocuía-Chimáli.

Abri passagem entre a gente, uns estavam parados, falando com loquacidade e bebendo por taças douradas; outros, a maioria mulheres nobres da corte, já estavam ajoelhados ou sentados à volta de numerosas toalhas bordadas a fio de ouro, que tinham sido estendidas sobre o chão atapetado. A maior parte das pessoas estendia o braço para me dar uma palmada nas costas ou para me apertar a mão, sorrindo e murmurando felicitações. No entanto, como a tradição requeria, eu não dizia ou fazia qualquer gesto de

agradecimento. Fui até à parte da frente do salão, onde tinha sido estendido a toalha mais elegante de todas sobre um estrado elevado e onde alguns homens me esperavam, entre eles o Uey-Tlatoáni Auítzotl e o sacerdote de Xochiquézal. Depois de me cumprimentarem, os artistas da Casa do Canto começaram a tocar uma música.

Para a primeira parte da cerimónia — a da minha apresentação à idade viril — tinha pedido aos três *pochtéca* idosos que me fizessem essa honra, e naquele momento estavam sentados no estrado. Dado que tinham posto em cima da toalha pratos de *tamáltin* quentes e *octli* forte e, como estava estabelecido que os padrinhos se fossem embora depois do primeiro ritual, os três idosos já se tinham servido, a tal ponto que era absolutamente visível que estavam fartos, borrachos e meio adormecidos.

Quando se fez silêncio em todo o salão e apenas se ouvia a música, Auítzotl, o sacerdote e eu ficámos juntos. Penseis, talvez, que um sacerdote de uma deusa chamada Xochiquézal poderia, pelo menos, ser aseado nos hábitos, mas aquele estava tão profundamente ensebado, desgrenhado e hediondo como qualquer outro. E, como qualquer outro, aproveitou-se da ocasião para fazer o seu discurso fastidiosamente longo, mencionando muito mais as horrorosas armadilhas do casamento do que fazendo referência a qualquer dos seus prazeres. Finalmente terminou e Auítzotl falou, dirigindo algumas palavras directas aos três anciãos, sentados aos seus pés, que sorriam, bêbados e sentimentais:

— «Senhores *pochtéca*, o vosso companheiro mercador deseja tomar uma esposa. Olhem para este *xelolóni* que vos dou. Este é o sinal de que Chocóme-Xóchitl Tliléctic-Mixtli deseja terminar por si mesmo com os dias da sua irresponsável juventude. Tomem-no e deixem-no livre para ser um homem em toda a sua virilidade.

O velho que não tinha cabelo aceitou o *xelolóni*, que era um pequeno machado caseiro. Se eu fosse um plebeu comum na sua cerimónia de casamento, o *xelolóni* teria sido um simples utensílio de madeira e cabeça de quartzo, mas aquele tinha um cabo de prata maciça e um gume de fino jade. O velho brandiu-o na mão. Arrotou sonoramente e disse:

— «Ouvimos, Venerado Orador, nós e todos os aqui presentes, o desejo do jovem Tliléctic-Mixtli de que de aqui em diante carregará todos os deveres, responsabilidades e privilégios da virilidade. Como vós e ele o desejam, que assim seja.»

Bêbado como estava, fez um dramático movimento com o *xelolóni* e esteve a ponto de cortar o pé que restava ao seu colega coxo. Depois, os três homens levantaram-se e foram-se embora, levando o machado simbólico; o coxo ia aos saltos sobre o pé, entre os outros dois, e todos cambaleavam ao

saírem do salão. Não tinham partido havia muito tempo, quando ouvimos o clamor da chegada de Zyanya ao palácio; a multidão de plebeus da cidade, que se apinhava em frente ao edifício, gritava: «Rapariga feliz! Rapariga afortunada!»

Todas as ofertas tinham sido feitas na devida altura, porque ela tinha chegado exactamente quando o sol se escondia, como era apropriado. O salão de baile, que tinha ficado gradualmente escuro durante a cerimónia preliminar, começou então a iluminar-se com luzes douradas, conforme os criados foram acendendo as tochas de madeira de pinho nos ângulos que, a intervalos, se encontravam nas paredes pintadas. Quando o vestíbulo se encontrava resplandecente de luz, Zyanya cruzou a entrada, escoltada por duas damas do palácio. Era permitido a uma mulher no casamento — só essa vez na sua vida — embelezar-se ao extremo, utilizando todas as artes em enfeites das *auyaními*, as cortesãs: pintando o cabelo, aclarando a pele, avermelhando os lábios. Mas Zyanya não precisava de semelhantes artificios e não usara nenhum. Levava apenas uma simples saia e blusa de um virginal amarelo pálido, e seleccionara para essa ocasião os tradicionais galões de penas de pássaros brancos e pretos para acentuar o longo e flutuante cabelo negro com madeixas brancas.

As mulheres conduziram-na até ao estrado, por entre a multidão que murmurava de admiração; ela e eu ficámos diante um do outro. Ela parecia tímida e eu solene, como requeria a ocasião. O sacerdote recebeu de um dos seus assistentes dois objectos que entregou a cada um de nós: uma corrente de ouro da qual pendia uma bola de ouro perfurada, em cujo interior ardia um pouco de *copáli*, incenso. Eu levantei a minha corrente e balancei a bola em redor de Zyanya, deixando uma espiral de fumo azul pairando no ar, por cima dos seus ombros. Depois inclinei-me um pouco e ela pôs-se na ponta dos pés para me fazer o mesmo. O sacerdote recolheu os dois incensários e pediu que nos sentássemos lado a lado.

Nesse momento deveriam ter saído de entre a multidão os parentes e amigos trazendo-nos ofertas. Como nenhum dos dois os tínhamos, apenas Glutão de Sangue, Cozcatl e a delegação da Casa dos Pochtéca se aproximaram. Todos eles, cada um por sua vez, beijaram a terra na nossa frente e deixaram os diversos presentes — os de Zyanya eram roupas: blusas, saias, xailes e coisas semelhantes, tudo da melhor qualidade: para mim, também uma certa quantidade de roupa, além de uma apreciável quantidade de armas: uma *maquáhuitl* bem gravada, uma adaga, um feixe de flechas.

Depois de os ofertantes se retirarem, chegou o momento de Auítzotl e uma das damas nobres que tinha escoltado Zyanya nos cantarem, um da cada vez, os costumados conselhos paternais e maternais acerca do matrimónio. Numa voz monótona e sem emoção, Auítzotl preveniu-me, entre

outras coisas, para não ficar na cama depois de ouvir o Pássaro Madrugador, Pápan, mas para me levantar imediatamente e começar a trabalhar. A mãe substituta de Zyanya recitou-lhe uma longa lista de obrigações conjugais, tudo, absolutamente tudo, e pareceu-me até que a sua receita favorita para fazer *tamáltin*. Como se se tratasse de um sinal, chegou um criado trazendo uma fumegante bandeja de milho e rolos de carne fresca, que colocou diante de nós.

O sacerdote fez um gesto e Zyanya e eu pegámos num bocado de *tamáli* e demo-lo a comer ao outro, o que, se nunca o tentastes, digo-vos que é difícil de pôr em prática. O meu queixo ficou bastante engordurado e o nariz de Zyanya teve a mesma sorte, mas cada um de nós, finalmente, conseguiu comer um bocadinho da oferenda do outro. Enquanto fazíamos isto, o sacerdote deu início a outra lengalenga longa e rotineira, com a qual não vos vou aborrecer. Tudo terminou quando ele se inclinou para nós, pegando numa ponta do meu manto e na ponta da blusa de Zyanya e as amarrou juntas.

Estávamos casados.

De repente, a música suave soou alto e exultante, e propagaram-se gritos de alegria entre os convidados ali reunidos. A partir desse momento toda aquela rigorosa cerimónia se transformou num convívio. Os criados moviam-se por todo o salão com rapidez, distribuindo pelas toalhas bandejas de *tamáltin* e jarros de *octli* e de chocolate. Todos os convidados esperavam por essa altura para comer e se embebedarem, até que as tochas se apagassem ao amanhecer ou os homens caíssem inconscientes e fossem levados para casa pelas mulheres e pelos escravos. Zyanya e eu deveríamos comer delicadamente, e depois seríamos conduzidos discretamente — toda a gente fingiria que éramos invisíveis — para o nosso quarto de núpcias, que ficava, ao cimo das escadas, numa parte do palácio posta por Auítzotl à nossa disposição. No entanto, naquela altura, rompi com a tradição.

— «Desculpa-me um momento, querida, — sussurrei a Zyanya, e levantei-me para atravessar o salão, o Venerado Orador e o sacerdote olharam-me, perplexos, e abriram as bocas, deixando ver bocados de *tamáltin* meio mastigados.

Na minha longa vida, fui sem dúvida odiado por muitas pessoas, nem sequer sei por quantas, pois nunca me preocupei em as contar ou recordar. Mas tinha então, naquela noite, naquele mesmo salão, um inimigo mortal, um inimigo declarado e implacável, e com as mãos manchadas de sangue. Chimáli mutilara e matara várias pessoas que me eram queridas. A sua próxima vítima, mesmo antes de mim, seria Zyanya. O ter assistido ao nosso casamento era a sua maneira de ameaçar e o desafio para que eu fizesse qualquer coisa para o deter.



Enquanto andava à procura de Chimáli, dando voltas pelos quatro cantos cheios de convidados sentados, estes foram deixando de tagarelar até que se fez um silêncio expectante. Até os músicos baixaram o som dos instrumentos para prestar atenção. Por fim, o silêncio que imperava no salão foi quebrado por um ruído de espanto, quando, com um golpe da minha mão, lancei para muito longe a taça dourada que Chimáli levava aos lábios e que bateu musicalmente contra as suas próprias pinturas murais.

— «Não bebas muito — desse-lhe eu e toda a gente ouviu —. Vais precisar das ideias limpas, de manhã. Ao nascer do sol, Chimáli, no bosque de Chapultépec. Só nós os dois, mas com qualquer tipo e quantidade de armas que quiseres. De morte.»

Olhou-me com uma mistura de desgosto, desprezo e uma certa diversão, depois olhou para os vizinhos espantados. Em privado, teria recusado aquele desafio, ou posto condições e até evitado, humilhando-se. Mas como o repto fora acompanhado por um golpe insultante, visto e ouvido por todos os cidadãos importantes de Tenochtitlan, encolheu os ombros, pegou na taça de *octli* de outra pessoa, ergueu-a num brinde perverso e disse, com clareza:

— «Chapultépec. Ao amanhecer. De morte.» — Bebeu-o de um trago, levantou-se e saiu orgulhosamente do salão.

Quando regresssei ao estrado, a multidão começou a murmurar e a conversar outra vez, atrás de mim, mas de modo algum a conversa parecia subjugada ou atemorizada. Zyanya olhava-me, perplexa, mas não me perguntou coisa alguma, nem se queixou por eu ter arruinado um momento tão feliz. O sacerdote, no entanto, lançou-me um olhar sinistro e começou:

— «Muito pouco auspicioso, jovem...»

— «Calai-vos! — vociferou o Venerado Orador, e o sacerdote fechou a boca. Depois, Auítzotl voltou-se para mim e disse-me entre dentes: — Transtornou-te a tua repentina passagem a adulto e a esposo.»

— «Não, meu Senhor. Estou no meu perfeito juízo e tenho uma boa razão para...»

— «Razão! — disse, interrompendo-me sem levantar a voz, o que fazia com que esta soasse ainda mais iracunda do que se estivesse a gritar —. Uma razão para fazeres um escândalo público no dia do teu casamento? Uma razão para teres deitado a perder uma cerimónia preparada para ti como se fosses nosso próprio filho? Uma razão para agredir o nosso cortejo e convidado pessoal?»

— «Lamento muito se vos ofendi, meu Senhor — disse eu, mas acrescentei obstinadamente — «O meu Senhor teria pensado ainda mais mal de mim, se eu tivesse fingido não me aperceber da zombaria que um inimigo fazia de mim com a sua presença.»

— «Os teus inimigos são problema teu. O artista do palácio é nosso e tu ameaçaste-o de morte. E, olha para ali, ele ainda tem de decorar toda uma parede deste salão.»

— «Pode ser que ainda a acabe, Senhor Orador. Chimáli era um lutador muito mais capacitado do que eu quando estávamos os dois na Casa do Desenvolvimento da Força.»

— «Nesse caso, em vez de perder o nosso artista do palácio, perderíamos o conselheiro que nos informou e nos deu motivo para estarmos a preparar-nos para invadir uma nação estrangeira. — Previno-te agora, e um aviso do Uey-Tlatoáni Auítzotl conhecido por Monstro da Água, não é para se levar de ânimo leve. Se qualquer dos dois morrer amanhã, seja o nosso valioso pintor Chimáli seja Mixtli, que ocasionalmente nos tem dado valiosos conselhos, será Mixtli a quem culparemos. Será Mixtli quem pagará, ainda que seja ele a morrer.»

Lentamente, para que eu não me enganasse no que ele queria dizer, virou os olhos carrancudos para Zyanya.

— «Deveríamos estar a rezar, Zaa.» — disse Zyanya suavemente.

— «Estou a rezar.» — respondi honesta e fervorosamente.

A nossa câmara tinha todos os móveis necessários, excepto a cama, que nos seria entregue apenas no quarto dia depois da cerimónia. Os dias e as noites intermédias deveríamos passá-los a jejuar — refreando-nos ambos de alimentos e de consumir a nossa união — enquanto rezávamos aos nossos vários deuses favoritos para que fossemos bons, um com o outro, e para que o nosso casamento fosse uma união feliz.

Mas eu estava silenciosamente empenhado num tipo muito diferente de oração. Pedia apenas a todos os deuses existentes que eu e Zyanya sobrevivêssemos à manhã seguinte, para podermos *ter* um casamento. Já antes tinha passado por situações precárias, mas nenhuma como esta, da qual, seria muito possível não poder sair, por muito que fizesse. Se por uma proeza ou sorte, ou porque o meu *tonáli* assim o destinasse, conseguisse acertar e matar Chimáli, teria de escolher entre duas coisas. Regressar ao palácio e deixar que Auítzotl me executasse por ter instigado o duelo, ou fugir e deixar Zyanya para ser castigada, sem dúvida de maneira horrível. A terceira circunstância previsível era que Chimáli me conseguisse matar, pelo seu melhor conhecimento de armas ou porque eu detivesse o meu golpe para não o matar, ou porque o seu *tonáli* fosse mais forte. Neste caso, eu estaria além do castigo de Auítzotl e este lançaria o seu furor sobre a minha querida Zyanya. O duelo terminaria numa destas três eventualidades, e cada uma delas era impensável. Mas não, havia outra possibilidade:

simplesmente se eu não me apresentasse no bosque de Chapultépec ao amanhecer...

Enquanto pensava no impossível, Zyanya estava sossegadamente a desfazer a pouca bagagem que tínhamos trazido. A sua exclamação de júbilo fez-me despertar do meu lúgubre sonho. Levantei a cabeça de entre as mãos para ver que ela tinha encontrado, num dos meus cestos, a antiga figurinha de barro de Xochiquétzal, a que eu tinha guardado desde a desgraça de minha irmã.

— «A deusa que vigiava enquanto nos casávamos» — disse Zyanya, sorrindo.

— «A deusa que te criou para mim — disse eu —. Ela, que governa todo o amor e beleza.»

— «Oh, sim, é — disse ela com sinceridade —. Estás sempre a surpreender-me.»

— «Receio que nem todas as minhas surpresas tenham sido agradáveis para ti. Como o meu desafio a Chimáli, esta noite.»

— «Não conheço o nome, mas parece-me já o ter visto antes. Ou alguém parecido com ele.»

— «Foi a ele que viste, apesar de, imagino, nessa altura, não se vestir como um elegante cortesão. Deixa-me explicar-te e tenho esperança de que compreenderás porque tive que deitar a perder a nossa cerimónia de casamento, porque não pude adiar o que disse... e o que ainda tenho que fazer.»

A minha explicação instantânea da estatueta de Xochiquétzal, momentos antes — que tinha desejado que fosse uma recordação do nosso casamento — foi a primeira mentira inocente que contei a Zyanya. No entanto, naqueles momentos em que lhe contava a minha vida passada, então, sim, fui culpado de algumas omissões deliberadas. Comecei pela primeira traição de Chimáli, quando ele e Tlatli se negaram a salvar a vida de Tzitzitlíni e deixei algumas lacunas na narração, como a razão de a minha irmã ter estado em perigo. Contei-lhe como Chimáli, Tlatli e eu nos tínhamos encontrado outra vez em Texcóco e, omitindo alguns dos detalhes mais horríveis, como tinha dissimulado para vingar a morte da minha irmã. Como, por alguma piedade ou debilidade, me sentira satisfeito por a vingança ter caído apenas sobre Tlatli, deixando Chimáli escapar. E como, a partir daí, ele tinha continuamente pago esse favor, prejudicando-me a mim e aos meus. Por fim, disse:

— «Tu mesma me contaste como pretendeu ajudar a tua mãe quando...»

Zyanya arquejou:

— «Foi ele o viajante que ajudou... que *matou* a minha mãe e o teu...»

— «Foi ele — disse eu, quando ela, discretamente, fez uma pausa —. E por tudo isso que se passou, quando o vi arrogante, sentado na nossa festa de casamento, decidi que ele não mataria mais.

— «Deves na verdade defrontá-lo — disse ela, ferozmente. — E derrotá-lo, não importa o que diga ou faça o Venerado Orador. Mas talvez os guardas não te deixem sair do palácio ao nascer do sol?»

— «Não, Auítzotl não sabe tudo o que te disse, pensa que é uma questão de honra. Não me deterá. Deter-te-á a ti em meu lugar. E é por isso que o meu coração sofre... não pelo que me poderá acontecer, mas sim pelo que tu poderás sofrer devido à minha impetuosidade.»

Zyanya pareceu ficar ressentida com aquela observação:

— «Achas-me menos corajosa do que tu? Seja o que for que se passe no campo do duelo ou que aconteça depois, estarei à espera de boa vontade. Já disse! Se detiveres agora a tua mão, Zaa, é porque o estás a fazer como desculpa. Nunca eu poderia viver contigo depois disso.»

Sorriu tristemente. Assim, a quarta e última escolha fechou-se sobre mim. Abanei a cabeça e acolhi-a ternamente nos meus braços.

— «Não — disse com um suspiro —. Não vou deter a minha mão.»

— «Nunca pensei que o fizesses — disse ela, como se fosse um facto que, ao casar-se comigo, se tivesse casado com um Campeão Águia —. Agora não falta muito para o amanhecer. Deita-te um bocado e apoia a tua cabeça em mim. Dorme enquanto puderes.»

Parecia que tinha acabado de encostar a cabeça ao seu peito macio, quando ouvi umas pancadinhas discretas na porta e a voz de Cozcatl a chamar por mim:

— «Mixtli, o céu está a clarear, está na hora.»

Levantei-me, molhei a cabeça num vasilha de água fria e ajeitei a roupa enxovalhada.

— «Ele acaba de sair do embarcadouro — disse Cozcatl —. Talvez tente montar-te uma emboscada.»

— «Então, só vou precisar de armas para lutar de perto, não para lançar. Traz a minha lança, a adaga e a *maquáhuitl*.»

Cozcatl foi a correr e eu passei uns momentos amargos e doces despedindo-me de Zyanya, que me disse palavras de encorajamento e me garantiu que tudo iria correr bem. Dei-lhe um último beijo e descí a escada, onde Cozcatl estava à minha espera com as armas. Tinha esperado que Glutão de Sangue também aparecesse, mas não estava ali. Já que ele tinha sido o Mestre Cuachic que nos ensinara a ambos, a Chimáli e a mim, na Casa do Desenvolvimento da Força, não seria bem visto que desse conselhos e

apoio a nenhum de nós, quaisquer que fossem os seus sentimentos acerca do resultado do duelo.

Os guardas do palácio não fizeram qualquer movimento para nos impedir de sair pela porta que conduzia, através do Muro da Serpente, para dentro de O Coração do Mundo Único. O som das nossas sandálias sobre o pavimento de mármore fazia eco entre a Grande Pirâmide e os numerosos edifícios menores. A praça parecia muito maior do que o normal naquele amanhecer opalino e vazio, não havendo outras pessoas a não ser alguns sacerdotes, arrastando os pés para os seus deveres do nascer do sol. Virámos à esquerda no portão do lado oeste do Muro da Serpente e seguimos através das ruas e das pontes dos canais da margem da ilha, mais perto do continente, e no embarcadouro requisitei uma das canoas reservadas ao uso do palácio. Cozcatl insistiu em remar para me conduzir através daquela extensão não muito grande de água, para que eu pudesse conservar a força dos meus músculos.

O nosso *acáli* embateu na margem junto da colina chamada Chapultépec, no sítio onde um arco do aqueduto liga a colina à cidade. Por cima das nossas cabeças, os rostos esculpidos dos Venerados Oradores Aúitzotl, Tixoc, Azayácatl e o primeiro Motecuzóma, olhavam-nos desde o que antes fora uma rocha natural. Estava lá outra canoa, a corda a que estava amarrada era agarrada por um pajem do palácio, que, apontando para cima e para um lado da colina disse educadamente:

— «Ele espera-vos no bosque, Meu Senhor.»

— «Tu esperas aqui com o outro pajem de armas — disse eu a Cozcatl. — Em breve saberás se depois preciso ou não de ti.»

Pus a adaga de obsidiana à cintura da minha tanga, peguei na espada de gume de obsidiana com a mão direita e com a esquerda empunhei a lança de ponta de obsidiana. Fui até ao topo da elevação e olhei para baixo, para o interior do bosque.

Aúitzotl tinha começado a construir um parque naquilo que, anteriormente, fora um bosque silvestre. Esse projecto apenas seria terminado muitos anos depois — banhos, fontes, estátuas — mas a floresta já tinha sido cortada na sua densidade para deixar apenas de pé os incalculavelmente antigos e altos *ahuehuétque*, ciprestes, e o tapete de erva e de flores silvestres que crescia por baixo deles. Esse tapete era quase invisível para mim e os portentosos ciprestes pareciam pairar sem raízes, como que por magia, na neblina azul pálida que se projectava no solo, enquanto Tonatíu se erguia. Chimáli teria igualmente podido ficar invisível para mim, se se tivesse escondido algures sob essa neblina. Mas, quando utilizei o meu cristal, vi que ele tinha decidido despir-se e encostar-se ao grosso ramo de um cipreste, que se estendia horizontalmente, a metade da minha altura, cima do nível

do solo. O braço direito, estendido de Chimáli empunhando o cabo de um *maquáhuítl*, alongava-se também junto ao ramo. Por instantes aquilo confundiu-me. Porquê uma emboscada tão facilmente visível? Porque estava sem roupa?

Quando percebi a sua intenção, creio que devo ter sorrido como um coiote. Na recepção da noite anterior, não me tinha visto uma única vez usar o cristal para ver, e era óbvio que ninguém o tinha informado de que eu possuía um objecto artificial para melhorar a visão. Despira a roupa de cores brilhantes, para que o corpo se confundisse com a cor cinzenta escura do cipreste. Pensava que dessa maneira seria invisível para o seu velho amigo Toupeira, o companheiro de estudos Perdido no Nevoeiro, enquanto eu iria tacteando e procurando entre as árvores. A única coisa que tinha que fazer era esperar ali, a salvo, até que entre os meus tenteios vacilantes e cegos, passasse por fim por baixo dele. Então, projectando a *maquáhuítl* para baixo, de um só golpe, eu estaria morto.

Por um momento, senti que seria quase injusto da minha parte ter a vantagem do cristal, com o qual descobrira onde ele se encontrava, mas pensei: «Deve estar muito satisfeito com a minha decisão de nos encontrarmos aqui.» Depois de me ter liquidado, vestir-se-ia e regressaria à cidade para contar como nos tínhamos defrontado cara a cara, corajosamente, e como tínhamos tido um duelo selvagem e cavalheiresco, até ele, por fim, me ter vencido. Conhecendo bem Chimáli, estava certo de que até faria uns pequenos cortes para tornar a sua história mais verídica. Voltei a pôr o cristal dentro do manto, deixei cair a *maquáhuítl* no chão, peguei com as duas mãos no cabo nivelado da lança e entrei na névoa do bosque.

Caminhei devagar e astutamente, como ele esperaria do inepto Perdido no Nevoeiro; os joelhos flectidos, os olhos semicerrados, como os de uma toupeira. Claro que não fui directamente à árvore em que se encontrava, mas comecei a dar voltas no bosque, começando numa ponta, buscando por entre uma fila de árvores à mesma distância, depois voltei-me ao longo de outra fila. De cada vez que me aproximava de uma árvore, procurava chegar o mais longe possível, dando golpes cegos com a lança, do lado oposto do tronco, antes de me afastar. No entanto, tinha tomado mentalmente nota do local onde se escondia e da posição do ramo em que estava estendido. Quando me aproximei desse lugar, comecei gradualmente a levantar a lança da sua posição horizontal, até que a ergui direita à minha frente, apontando para cima, como Glutão de Sangue me tinha ensinado a levá-la na selva, para afastar os jaguares que permaneciam nos ramos à espera de se deixarem cair, exactamente como Chimáli estava a fazer naquele momento. Com a arma em riste, assegurei-me de que ele

não pudesse deslizar para a minha frente; teria de esperar até a ponta da minha lança e eu passaríamos debaixo dele para então me atacar a parte de trás da cabeça ou no pescoço.

Aproximei-me da árvore dele como tinha feito com as outras, agachando-me e devagar, caminhando dissimuladamente, voltando continuamente o meu rosto carrancudo, espreitando de um lado para o outro, mantendo o meu olhar cegueta ao mesmo nível, sem olhar para cima. No momento em que cheguei debaixo do ramo dele, sustive a arma com as duas mãos e ao passar brandi-a com todas as minhas forças. Houve um momento em que o coração me deixou de pulsar, uma vez que a ponta da lança não lhe chegou a tocar, deteve-se antes de lhe tocar na carne, pois caiu com uma pancada surda sobre o ramo e fez com que os meus braços se sentissem entorpecidos com o golpe. No entanto, Chimáli devia estar a dar balanço à *maquáhuitl* nesse preciso momento, já que, simultaneamente, perdeu o equilíbrio, caindo de costas exactamente atrás de mim. O ar saiu-lhe dos pulmões, enquanto a *maquáhuitl* lhe saltava da mão. Voltei-me rapidamente e ataquei-o na cabeça com o cabo da lança, deixando-o inanimado.

Inclinei-me sobre ele para notar que não estava morto, mas que ficaria inconsciente durante algum tempo. Assim, apanhei simplesmente a sua espada e voltei para o monte, onde recuperei a minha e fui juntar-me aos dois jovens pajens de armas. Cozcatl deu um pequeno grito de alegria quando me viu com a arma do meu opositor:

— «Sabia que o matarias, Mixtli!»

— «Não o matei. Deixei-o sem sentidos, mas quando despertar o pior que pode sofrer é uma dor de cabeça. Se é que desperta. Prometi-te uma vez, há muito tempo, que quando chegasse o momento de executar Chimáli, tu decidirias de que forma se faria. — Tirei a adaga da tira da minha cintura e entreguei-lha. O pajem olhava para nós com horrorizada fascinação. Guiei Cozcatl até ao bosque —. Encontrá-lo-ás facilmente. Vai e dá-lhe o que merece.»

Cozcatl assentiu e afastou-se da minha vista, com a adaga na mão, monte abaixo. Eu e o pajem esperámos. Este tinha a cara pálida e contorcida, e tragava a saliva, fazendo um esforço para não vomitar. Quando Cozcatl voltou, antes de chegar suficientemente perto para poder falar, pudemos ver que a adaga já não estava lustrosamente negra, mas sim vermelha e brilhante.

No entanto, ele negou com a cabeça, ao aproximar-se, e disse:

— «Deixei-o viver, Mixtli.»

— «Como? Porquê?» — exclamei eu.

— «Ontem à noite ouvi as palavras ameaçadoras do Venerado Orador — disse, desculpando-se —. Estive tentado a fazê-lo, tendo o Chimáli

indefeso à minha frente, mas não o matei. Uma vez que ele ainda vive, o Senhor Orador não pode descarregar a sua ira em cima de ti. Apenas tirei isto a Chimáli.»

Tinha o punho convulsivamente apertado, até que o abriu para que eu pudesse ver dois glóbulos reluzentes e viscosos e uma coisa mole encarnaçada, cortada mais ou menos pela metade da sua extensão.

Disse ao desgraçado pajem, que fazia um esforço para não vomitar:

— «Já ouviste. Ele está vivo. No entanto, vai precisar da tua ajuda para regressar à cidade. Vai, trata de parar a hemorragia e espera que recupere os sentidos.»

— «Assim sendo, o homem Chimáli está vivo — disse Auítzotl friamente —. Se se pode chamar a isso vida. Assim, cumpriste com a nossa proibição de o matar, pelo menos de o matar *completamente*. Esperas alegremente que não nos sintamos ofendidos e não nos vingemos como tínhamos prometido — prudentemente, não disse nada —. Concedemo-vos que obedeceste às palavras por nós ditas, mas não compreendeste muito bem o que dissemos em silêncio. E o que é isso? Que uso poderemos dar a esse homem nas presentes condições?»

Por essa altura eu já me resignara a ser, em todas as entrevistas com o Uey-Tlatoáni, o foco dos seus olhos iracundos. Outros tremariam e desanimariam sob o influxo daquele horrível olhar, mas eu tomava-o como uma coisa natural.

— «Talvez, se o Venerado Orador quiser ouvir as razões pelas quais tive que desafiar o artista do palácio, — disse eu, — o meu Senhor se possa sentir inclinado a ver com maior benevolência o trágico duelo que teve lugar.»

Ele apenas grunhiu, e tomei isso como autorização para falar. Con-tei-lhe grande parte da mesma história que tinha contado a Zyanya, omiti apenas todos os acontecimentos de Texcóco, já que tinham envolvido intimamente o assassinato do meu filho recém-nascido, levado a cabo por Ahuítzotl, daí os meus receios pela minha esposa. Auítzotl grunhiu outra vez, depois meditou sobre o assunto — ou, pelo menos, foi o que pensei devido ao seu carrancudo silêncio — e por fim disse:

— «Nós não empregámos o artista Chimáli pela sua vil amoralidade ou, apesar dela, pelas suas desprezíveis propensões sexuais, a sua natureza vingativa ou a sua tendência para a traição. Nós apenas o empregamos pelas suas pinturas, que ele faz muito melhor do que qualquer outro pintor nos nossos dias e em épocas passadas. Claro que tu não mataste o homem, mas mataste certamente o artista. Como lhe tiraste os olhos das órbitas, não mais poderá pintar. Já que a língua lhe foi cortada, nem sequer poderá di-



zer a nenhum outro dos nossos artistas o segredo da composição daquelas cores únicas que inventou.»

Mantive-me calado, pensando apenas e com satisfação, que o mudo e cego Chimáli nem nunca poderia sequer revelar ao Venerado Orador que tinha sido eu que causara a desgraça pública e a execução da sua filha mais velha.

Ele continuou, como se estivesse a resumir o caso a favor e contra mim.

— «Ainda estamos encolerizados contigo, mas devemos aceitar como atenuante as razões que nos deste pela tua conduta. Devemos aceitar que era um indubitável assunto de honra. Devemos também aceitar que obedeceste às nossas palavras, deixando o homem viver, e nós manteremos também a nossa palavra. Ficas livre de qualquer castigo.»

Eu disse sincera e agradecidamente:

— «Obrigado, meu Senhor.»

— «No entanto, já que fizemos a nossa ameaça em público e toda a população sabe disso neste momento, alguém deve expiar pela perda do nosso artista do palácio. — Detive a respiração, pensando que certamente seria Zyanya, mas disse apenas, com indiferença —. Bem, depois pensaremos nisso. A culpa irá recair sobre alguma nulidade disponível, mas todos devem saber que as nossas ameaças não são levadas pelo vento.»

Deixei sair o fôlego reprimido. Ele tinha razão. Mesmo que parecesse desumano, realmente não conseguia sentir pena ou culpa a favor dessa vítima desconhecida, talvez um escravo rebelde, que morreria pelo capricho daquele tirano orgulhoso.

Auítzotl concluiu, dizendo:

— «O vosso velho inimigo será expulso do palácio assim que o *tíctil* acabar de vendar os seus ferimentos. Chimáli terá de viver numa lixeira como qualquer mendigo da rua. Tiveste a tua vingança, Mixtli. Qualquer homem preferiria estar morto a ficar como tu o deixastes. Vai ter com a tua mulher, que, provavelmente, estará muito preocupada com o teu bem-estar.»

Sem dúvida que estava, tanto por mim como por ela, mas Zyanya era uma mulher da Gente Nuvem, e não deixaria notar a sua preocupação a nenhum criado do palácio que passasse. Quando entrei na câmara, estava de joelhos a rezar com o rosto tão graciosamente sereno como a sua posição, e a expressão não se alterou enquanto eu não lhe disse:

— «Está feito. Ele está acabado e eu estou perdoado.»

Então chorou e riu, e voltou a chorar, e abraçou-me com tanta força, mantendo-me entre os seus braços como se nunca mais me quisesse deixar partir outra vez.

Quando lhe contei tudo o que se tinha passado, disse-me:

— «Deves estar quase morto de fadiga. Deita-te outra vez e...»

— «Vou deitar-me — disse eu —, mas não para dormir. Tenho que te dizer uma coisa. O escapar à tangente de um perigo parece que tem um certo efeito sobre mim.»

— «Já sei — disse ela, sorrindo —. Posso senti-lo. Mas Záa, ainda deveríamos estar a rezar.»

— Não há forma mais sincera de rezar do que amar-te.»

— «Não temos cama.»

— «O chão atapetado é mais suave do que uma gruta na montanha. E estou ansioso por que cumpras a promessa que me fizeste.»

— «Ah, sim, lembro-me — disse ela. E devagar, sem resistência mas tentadora, despiu-se para mim, tirando tudo o que trazia vestido, excepto o colar de elos branco pérola que o artesão Tuxtem lhe tinha pendurado ao pescoço em Xicalánca.

Já vos contei, meus senhores, que Zyanya era como um vaso simétrico de cobre queimado, brilhando como mel posto ao sol? A beleza do seu rosto tinha-a conhecido havia já algum tempo, mas a do corpo, tinha-a conhecido pelo tacto. Naqueles momentos em que o estava a ver, teve razão na sua promessa, já que parecia como se fosse o nosso primeiro contacto. Literalmente, senti dor ao possuí-la.

Quando ficou nua à minha frente, todas as suas partes femininas pareciam pulsar, num oferecimento ardente de si mesmas. Os seios mantinham-se erguidos e firmes, nas suas esferas de pálido cobre, as suas auréolas coloridas de cacau sobressaíam como pequenos globos e os mamilos estendiam-se, pedindo para ser beijados. A *tipili* levantava-se também alta e saliente embora estivesse imóvel com as pernas modestamente unidas, os seus suaves lábios abriam-se ligeiramente, na parte alta, onde se juntavam, para permitir uma visão da pérola rosada do *xacapili*, que naquele momento estava húmido, como que acabado de sair do mar...

Basta.

Apesar de Sua Excelência não estar presente neste momento para me calar com a sua habitual repulsa, não vos vou contar o que então se passou. Fui francamente explícito acerca das minhas relações com outras mulheres, mas Zyanya foi a minha amada esposa e creio que serei o mais miserável avaro com a sua recordação. De tudo o que possuí na vida, só me restam as minhas recordações. Na verdade, penso que elas são o único tesouro verdadeiro que qualquer ser humano tem a esperança de possuir para sempre. E esse foi o nome dela. Sempre.

Mas estou a divagar. O nosso delicioso acto de fazer amor não foi o último acontecimento daquele dia pródigo em acontecimentos. Zyanya e eu estávamos abraçados, a nossa respiração nessa altura era suave e eu começava a adormecer, quando ouvimos umas pancadinhas na porta, como as que Cozcatl tinha dado antes. Entre a névoa do sono, esperando não ser citado a participar noutra duelo, pus-me de pé com um esforço, pus o manto por cima e fui investigar. Era um criado do palácio.

— «Perdoai-me a interrupção das vossas devoções, senhor escrivão, mas um mensageiro-veloz traz um pedido urgente do vosso jovem amigo Cozcatl. Pede-vos para ir o mais rapidamente possível à casa do vosso velho amigo Extli-Quani. Parece que o homem está a morrer.

— «Tolices — disse com voz rouca —. Devem ter-se enganado na mensagem.»

— «Espero que sim, meu senhor disse ele obstinado —, mas receio que assim não seja.»

Tolices, disse para comigo mesmo, mas comecei a vestir-me à pressa enquanto explicava à minha mulher. Tolices — continuava a dizer para comigo —, Glutão de Sangue não pode estar a morrer. — A morte não conseguiria cravar os seus dentes na pele curtida e robusta do velho guerreiro. A morte não conseguiria chupar e deixar secos os seus sucos ainda vitais. Podia ser velho, mas um homem como ele, ainda cheio de apetites humanos, não era suficientemente velho para morrer. De qualquer maneira, fui o mais rapidamente que pude e o criado já me esperava num *acáli* no embarcadouro da corte, para chegar o mais depressa possível ao quartel Móyotlan da cidade.

Cozcatl estava à minha espera à porta da casa, que ainda não estava acabada, contorcendo as mãos com ansiedade.

— «O sacerdote da Comedora de Sujidade está neste momento com ele, Mixtli — disse, soluçando assustado —. Tenho esperança de que tenha suficiente alento para te dizer adeus.»

— «Então, *está* mesmo a morrer? — gemi —. Mas de quê? Na noite passada durante o banquete estava óptimo. Comeu como um bando inteiro de abutres e passou o tempo a passar a mão sobre as saias de todas as raparigas que o serviam. O que o pode ter atacado tão de repente?»

— «Suponho que os guerreiros de Auítzotl atacam sempre de repente.»

— «O *quê?*»

— «Mixtli, eu pensei que os quatro guardas do palácio tinham vindo à minha procura, pelo que fiz a Chimáli, mas eles atiraram-me para o lado e caíram em cima de Glutão de Sangue. Ele tinha a *maquáhuitl* na mão como sempre faz, pelo que não sucumbiu sem lutar e três dos quatro homens

estavam a sangrar copiosamente quando partiram. No entanto, uma das lanças atingiu o velhote e feriu-o profundamente.»

Ao aperceber-me dos factos Mixtli senti que um arrepio de frio me percorria o corpo. Auítzotl prometera executar uma nulidade disponível em meu lugar e devia tê-lo escolhido enquanto dizia aquilo; tinha descrito uma vez Glutão de Sangue como uma nulidade, por ser demasiado velho para servir para outra coisa a não ser fazer de ama nas minhas expedições mercantis. E dissera que *todos* deviam saber que as suas ameaças não eram levadas pelo vento. Bem, entre *todos* eu estava incluído. Tinha-me congratulado a mim próprio por me ter livrado do castigo, tinha-o celebrado com Zyanya e, nesse preciso momento, *aquilo* estava a ser levado a efeito. Não se destinava apenas a horrorizar-me e causar-me um agravo. Destinava-se a dissipar qualquer ilusão que eu pudesse conceber acerca da minha indispensabilidade, para me prevenir de que nunca mais deveria voltar a menosprezar os desejos do implacável déspota Auítzotl.

— «O ancião lega-te todas as suas posses, rapaz — disse uma nova voz. Era o sacerdote, que estava lá parado à porta, dirigindo-se a Cozcatl —. Já me encarregou do testamento, mas preciso de uma testemunha...»

Passei rapidamente pelo sacerdote e atravessei os aposentos dianteiros até chegar ao último. As paredes de pedra, ainda por alisar, estavam salpicadas de sangue e o meu velho amigo, jazia em cima da esteira, empapado em sangue, ainda que não se visse nele nenhuma ferida. Tinha apenas a tanga e estava estendido de barriga para baixo, a cabeça embranquecida voltada para mim, de olhos fechados.

Deixei-me cair, a seu lado, sem me importar com o sangue coagulado e disse de rompante:

— «Mestre Cuachic, sou o teu estudante Perdido no Nevoeiro!»

Os olhos do velho abriram-se lentamente. Depois, um deles fechou-se outra vez, brevemente, numa piscadela acompanhada por um débil sorriso. Mas os sinais da morte estavam ali: o olhar, outrora vivo e penetrante, tinha desaparecido e havia uma cor acinzentada ao redor das pupilas, o nariz, outrora agudo, convertera-se numa lâmina aguçada.

— «Lamento muito isto» — disse eu com a voz sufocada.

— «Não lamentos — disse languidamente e continuou com pequenos suspiros forçados —: Lutei até morrer. Há piores maneiras de morrer, e eu escapei a elas. Desejo-te... um fim tão bom como este. Adeus, Mixtli.»

— «Espera! — gritei, como se conseguisse deter a morte —. Foi Auítzotl que ordenou isto, porque venci Chimáli, mas tu não tinhas nada a ver com esse assunto. Nem sequer tomaste partido por nenhum de nós. Porque se vingou o Venerado Orador em ti?»

— «Porque fui eu — esforçou-se por dizer — quem vos ensinou aos

dois a matar. — Sorriu outra vez, enquanto fechava os olhos —. Ensinei-vos bem, não ensinei?»

Foram estas a suas últimas palavras e ninguém conseguia pronunciar um melhor epitáfio. Mas eu recusava-me a acreditar que ele nunca mais falaria. Pensei que talvez a posição em que estava não o deixasse respirar bem e que, se o virasse, descansaria melhor sobre as costas. Desesperadamente, agarrei nele, levantando-o, para o virar e, ao fazê-lo, saíram-lhe as entranhas.



Apesar ter chorado Glutão de Sangue e sentido o sangue ferver-me de ira perante o seu assassinato, encontrei alguma consolação no facto de Auítzotl nunca chegar a saber. Na troca de golpes de vingança, eu ainda tinha supremacia sobre ele. Havia-o privado de uma filha. Assim, fiz um esforço determinado para engolir o meu fel e a minha dor, para deixar o passado para trás e começar a preparar-me cheio de esperanças para um futuro livre de mais derramamentos de sangue, de dor, de rancor e de riscos. Zyanya e eu ocupámos as nossas energias na construção de um lar. O local que elegemos, com vos recordareis, foi comprado para nós por Auítzotl, como presente de casamento. Dessa vez não declinei a oferta e teria sido muito pouco oportuno da minha parte desdenhá-lo depois das nossas mútuas hostilidades, mas na verdade, eu não precisava de presentes.

Os velhos *pochtéca* tinham vendido o carregamento de penas e cristais da minha primeira expedição com tão grandes lucros que, mesmo depois de os ter dividido com Cozcatl e Glutão de Sangue, estava suficientemente rico para levar uma existência confortável, sem nunca mais ter de comerciar ou levantar a mão para fazer qualquer outro trabalho. Mas, além disso, a minha segunda entrega de mercadorias estrangeiras incrementou astronomicamente a minha riqueza. Se os cristais para acender lume tinham tido um notável sucesso comercial, os artigos talhados a partir das presas tinham causado uma positiva sensação e um frenesim de ofertas de compra entre a nobreza. Os preços que esses objectos atingiram fizeram-nos, a Cozcatl e a mim, suficientemente ricos para nos estabelecermos, e se tivéssemos querido, teríamos chegado a ficar inchados, complacentes e sedentários como os nossos velhos da Casa dos Pochtéca.

O lugar que Zyanya e eu tínhamos escolhido para a nossa casa ficava em Ixacuálco, um dos melhores locais da ilha, mas que apenas estava ocupado por uma pequena e pesada casa de adobe. Contratei um arquitecto e disse-lhe que a demolisse e construísse em seu lugar um sólido edifício

de pedra que pudesse ser um belo lar e um prazer para a vista de quem passasse, mas sem ostentação em qualquer dos seus aspectos. Já que o local era, como todos os da ilha, comprido e estreito, disse-lhe que fizesse dois pisos. Especifiquei-lhe que queria um terraço jardim, uma divisão dentro da casa para a sanita, com todos os acrescentos necessários, e uma parede falsa num dos quartos, com um lugar espaçoso, para esconder coisas.

Entretanto, sem me ter mandado chamar para outra consulta, Auítzotl marchava para sul, para Uaxyácac, não levando um imenso exército, mas antes um pequeno contingente com os guerreiros mais experientes: seriam no máximo quinhentos homens. Deixou o seu Mulher Serpente temporariamente no trono, mas levou consigo, como lugar-tenente, um jovem cujo nome é familiar, a vós espanhóis: Motecuzóma Xocóyotzin, o que quer dizer o Jovem Senhor Motecuzóma. Era, de facto, um ano mais novo do que eu, sobrinho de Auítzotl, filho do anterior Uey-Tlatoáni Axayácatl, portanto neto do primeiro e grande Motecuzóma. Até aí tinha sido um alto sacerdote do deus da guerra, Hitzilopóchtli, mas aquela expedição era a sua primeira prova numa guerra real. Teria muitas mais, porque deixara o sacerdócio para se converter num guerreiro profissional e, claro, num comandante de alta patente.

Mais ou menos um mês depois da tropa ter partido, começaram a chegar à cidade, a intervalos, mensageiros-velozes de Auítzotl e o Mulher Serpente tornou públicas as suas mensagens. Pelas primeiras notícias que os mensageiros trouxeram, era óbvio que o Venerado Orador estava a seguir o conselho que eu lhe tinha dado. Tinha enviado antecipadamente um aviso da sua chegada, e como eu predissera, o Bishósu de Uaxyácac dera as boas-vindas às tropas e contribuía com igual número de guerreiros. Essas forças combinadas de México e Tzapotéca invadiram as praias e as tocas de Os Desconhecidos, fazendo um trabalho rápido entre eles, matando suficientes homens para que os outros se rendessem e permitissem a recolha do seu tão bem guardado corante púrpura.

Mas os mensageiros que chegaram depois não traziam tão boas notícias. Os vitoriosos México tinham-se aquartelado em Tecuantépec, enquanto Auítzotl e o seu homólogo Kosi Yuela conferenciavam sobre assuntos de estado. Como aqueles guerreiros tinham durante muito tempo sido habituados ao seu direito de pilhagem em qualquer nação que vencessem, ficaram muito aborrecidos ao saberem que o seu chefe tinha cedido o único e visível saque, o preço da púrpura, ao governante daquela nação. Pareceu aos México terem travado uma batalha sem qualquer benefício excepto para o próprio país que tinham invadido. Uma vez que Auítzotl são daqueles homens que justificavam as suas acções perante os subordinados, para assim os apaziguarem, os México revoltaram-se simplesmente contra

qualquer contenção militar. Destroçaram, não respeitaram a disciplina e correram selvaticamente por toda a Tecuantépec, saqueando, violando e queimando.

Esse motim poderia ter quebrado as delicadas negociações que se levavam a efeito para uma aliança entre a nossa nação e Uaxyácac mas, por sorte, antes que os desenfreados Mexíca pudessem matar alguém importante e antes das tropas Texcála interferirem, o que teria significado imediatamente uma pequena guerra, o orgulhoso Auítzotl meteu na ordem a sua horda e prometeu-lhes que, imediatamente após o seu regresso a Tenochtítlan, pagaria pessoalmente a cada *yaoquízqui*, do seu tesouro pessoal, uma soma muito mais elevada do que poderiam esperar com o saque daquela nação. Como os guerreiros sabiam que Auítzotl era homem de palavra, aquilo foi o suficiente para pôr termo ao motim. O Venerado Orador também pagou a Kosi Yuela e ao Bishósu de Tecuantépec uma considerável indemnização pelos danos causados.

As notícias dos estragos feitos na cidade natal de Zyanya naturalmente que nos preocupou a ambos. Nenhum dos mensageiros-velozes nos pôde dar notícias sobre se a pilhagem atingira a pousada da nossa irmã Béu Ribé. Esperámos até que Auítzotl e as suas tropas regressassem e então fiz algumas discretas investigações entre os oficiais, mas nem assim consegui saber se se tinha passado alguma coisa com a Lua que Espera.

— «Estou muito preocupada com ela, Zía» — disse a minha mulher.

— «Pois parece que não se consegue saber nada, excepto indo a Tecuantépec.»

— «Eu poderia ficar aqui e continuar com a direcção da construção da nossa casa, se ponderasses...» — disse ela, hesitante:

— «Não precisas sequer de pedir. De qualquer maneira, já tinha em mente voltar a visitar esses sítios.»

Ela pestanejou de surpresa.

— «Tinhas? Porquê?»

— «Um assunto de negócio inacabado — contei-lhe —. Poderia esperar um pouco mais, mas o não ter notícias de Béu significa que tenho que ir agora.»

Zyanya compreendeu imediatamente e suspirou;

— «Queres ir outra vez à montanha que caminha na água! Mas não deves ir, meu amor! Aqueles bárbaros Zyú quase te mataram da última vez...»

Pus suavemente o dedo sobre os lábios dela.

— «Vou ao sul à procura de notícias da nossa irmã e é esta a verdade, a única verdade que deves dizer a qualquer pessoa que te perguntar. Auítzotl não deve ouvir qualquer rumor acerca de que eu possa ter outro objectivo.»

Ela assentiu, mas disse com tristeza:

— «Agora tenho que me preocupar pelas duas pessoas que amo.»

— Regressarei são e salvo e também saberei de Béu. Se foi molestada, verei o que posso fazer. Ou, se ela preferir, pode vir comigo, quando eu regressar. E também te vou trazer outras coisas preciosas.»

Claro que Béu Ribé era o que mais me preocupava e a razão imediata para voltar a Uaxyácac. Mas também vos podereis aperceber, reverendos frades, que estava perto de consumir o plano que tinha preparado com muito cuidado. Quando sugeri ao Venerado Orador que invadisse os Desconhecidos e que chegasse a acordo em tomar como tributo eterno todo o corante púrpura que eles conseguissem recolher, não lhe mencionei o vasto tesouro que havia na gruta do Deus do Mar. Pelas perguntas que fiz aos guerreiros que regressaram, sabia que, mesmo vencidos, os Desconhecidos não tinham feito qualquer referência sobre a existência daquele corante. Mas eu sabia onde era a gruta em que estava escondido, e tinha conseguido que Auítzotl dominasse suficientemente os Zyú para que me fosse possível ir e conseguir para mim aquelas fabulosas riquezas.

Teria levado Cozcatl comigo, mas estava também muito ocupado, a acabar de construir a casa que tinha herdado de Glutão de Sangue, pelo que só lhe pedi autorização para levar emprestadas algumas armas do velho guerreiro. Depois dei uma volta pela cidade e reuni sete dos antigos companheiros de armas de Glutão de Sangue. Eram mais novos do que ele, embora uns anos mais velhos do que eu, mas eram ainda fortes e vigorosos; depois de os fazer jurar que guardariam segredo e de lhes explicar o que tinha em mente, ficaram bastante ansiosos pela aventura.

Zyanya ajudou-me a propagar a história de que eu ia saber o que se tinha passado com a irmã dela e que, enquanto andasse em viagem, aproveitaria também para fazer uma expedição comercial. Assim, quando eu e os sete nos dirigimos a sul pelo caminho de Coyohuacán, não despertámos comentários ou curiosidade. Claro que se alguém nos tivesse observado de perto, ter-se-ia interrogado sobre a variedade de cicatrizes, narizes partidos e orelhas cortadas do carregadores que eu havia escolhido. Se tivessem inspeccionado os volumes que os homens carregavam, aparentemente cheios de mercadoria para transaccionar, teriam sabido que continham, para além das rações de viagem e dos canudos de ouro em pó, apenas escudos de pele e todo o tipo de armas que fossem mais fáceis de manejar do que a lança comprida e ainda várias tintas para pintura de guerra, penas e outras insignias de um exército em miniatura.

Seguimos ao longo do caminho que nos levaria pela rota do sul, mas só até depois de Quaunáhuac. Então desviámo-nos abruptamente para a direita, ao longo de uma rota pouco utilizada e que conduzia a oeste e era



a mais curta para o mar. Uma vez que essa rota nos levava, a maior parte do caminho, através das áreas mais a sul de Michihuacán, teríamos tido problemas se alguém nos *tivesse* desafiado e examinado os nossos fardos. Ter-nos-iam tomado por espíões mexica e executado instantaneamente — ou talvez não tão instantaneamente. Todas as vezes que o nosso exército mexica tentou invadir aquelas terras, em tempos passados, foi sempre rechaçado graças às armas superiores dos Purémpecha, feitas com um metal misteriosamente duro e aguçado. Claro que cada Purémpe estava sempre em guarda contra a entrada de qualquer Mexícatl nas suas terras com um motivo dúbio.

Devo salientar que Michihuacán, Terra de Pescadores, que era como nós, os Mexíca, chamávamos ao que vós, os espanhóis, chamam agora Nova Galiza, seja qual for o seu significado. Para os nativos, tinha vários nomes nas suas diversas áreas — Xalisco, Nauyar, Ixu, Kuanáhata e outros — mas a maior parte chamava-lhe Tzintzuntzanní, Onde Existem Colibris, em homenagem à capital, que tinha o mesmo nome. A língua chama-se *poré* e, durante aquela jornada e as seguintes, aprendi o mais que pude dela — deles, deveria eu dizer, pois o *poré* tem muitas variantes de dialectos locais, tal como o *náhuatl*. Pelo menos tenho conhecimentos suficientes de *poré* para perguntar a mim próprio o porquê de vós, os espanhóis, insistirem em chamar Tarascans aos Purémpecha. Ao que parece, fostes buscar esse nome à palavra *taráskue*, que os Purémpecha usam para se designarem a si mesmos, prudentemente, numa «relação distante» com os outros povos vizinhos. Mas não importa, eu tive nomes mais do que suficientes e diferentes. E naquela terra tive outro: Anikua Pakapeti, que é equivalente a Nuvem Escura.

Michihuacán era e é uma nação rica e vasta, tão rica como o domínio dos Mexíca nunca foi. O seu Uandákuari, ou Venerado Orador, reinava, ou pelo menos cobrava tributo, na região que se estendia desde os pomares de fruta de Xichu e leste das terras de Otomí, até ao porto mercante de Patámkuaro, no oceano sul. E, ainda que os Purémpecha estivessem constantemente em guarda contra uma intrusão militar por parte dos Mexíca, não o estavam contra estes no comércio, pelo que intercambiavam as suas riquezas com as nossas. Os seus mercadores vinham ao mercado de Tlatli. Até nos enviavam diariamente mensageiros-velozes para trazer peixe fresco às mesas dos nossos nobres. Em troca, era permitido aos nossos mercadores viajar por todo Michihuacán sem serem incomodados, como eu e os meus sete presumíveis carregadores fizémos.

Se realmente tivéssemos pensado negociar ao longo do caminho, teríamos conseguido arranjar muitas coisas de valor: pérolas do coração das ostras; cerâmica de rico vidro; utensílios e ornamentos feitos de cobre,

prata, nácar e âmbar; objectos de brilhante lacado que só se conseguem encontrar em Michihuácan.

Esses objectos lacados podem levar a um artesão meses ou anos de trabalho, desde uma simples bandeja até a um imenso biombo.

Nós, os viajantes, podíamos adquirir qualquer produto local, excepto o misterioso metal de que já falei. A nenhum estrangeiro era sequer permitido pôr-lhe os olhos em cima: até as armas feitas desse metal eram guardadas, para serem distribuídas entre os guerreiros apenas quando delas necessitassem. Já que os nossos exércitos mexíca nunca haviam conseguido vencer uma única batalha contra essas armas, nenhum dos guerreiros tinha podido recolher uma simples adaga purémpe caída no campo de batalha.

Pois bem, não negociámos, mas os meus homens e eu provámos algumas comidas nativas que eram novas para nós ou que raras vezes estavam disponíveis, como, por exemplo, o licor de mel de Tláchco. As ásperas montanhas que circundavam esta nação, *zumbiam* literalmente durante todo o dia. Imagino que o que ouvia era a vibração produzida pelos homens que, no subsolo, escavavam em busca de prata, mas acima do solo, no exterior, podia de facto ouvir o zumbido de enxames e nuvens de abelhas entre as incalculáveis quantidades de flores dessas paragens. E, enquanto os homens escavavam por baixo para desenterrar a prata, as mulheres e os filhos trabalhavam na colheita e elaboração do mel dourado que essas abelhas produziam. Algumas vezes, apenas tinham que estender as mãos para apanhar esse doce sólido e claro; outras vezes, tinham que o deixar secar ao sol até ficar suficientemente cristalino. Algum desse mel era convertido por um método tão zelosamente guardado como o do fabrico do metal, numa bebida a que chamavam *chápari*. Esta, tinha efeitos muito mais potentes do que o viscoso *octli* que nós, os Mexíca, tão bem conhecíamos.

Visto que o *chápari*, tal como o metal, nunca tinha sido exportado de Michihuácan, os meus homens e eu bebemos todo o que pudemos enquanto por lá andámos. Também fazíamos um festim com peixes, pernas de rã e enguias do lago e do rio Michihuácan, cada vez que passávamos a noite numa hospedaria. Claro que, algum tempo depois, nos começámos a aborrecer da fartura aquática mas aquela gente tinha uma peculiar maneira de pensar contra a morte de qualquer animal disponível para a caça. Um Purémpe nunca caça um veado porque acredita que este é uma manifestação do deus sol, já que as hastes dos veados machos se assemelham a raios de sol. Nem sequer os esquilos podem ser laçados ou caçados com dardos, porque os sacerdotes Purémpecha, tão sujos e desgrenhados como os nossos, lhes chamam *tiuúmencha*, e esta palavra quer dizer «esquilos pretos». Assim, quase todas as refeições que comemos nas hospedarias eram à base de peixe e aves selvagens ou domésticas.

Tínhamos mais por onde escolher *depois* de termos comido. Creio que já vos mencionei as atitudes que os Purémpecha assumiam em relação às práticas sexuais. Um forasteiro poder-lhes-ia chamar um alívio perverso ou ideias muito liberais e tolerantes, dependendo da sua própria atitude, mas certamente satisfaziam todos os gostos concebíveis. Sempre que tínhamos que comer, o estalajadeiro perguntavam-me primeiro a mim e depois aos meus carregadores: «Quer um doce macho ou fêmea?» Eu não respondia pelos meus homens; pagava-lhes o suficiente para que escolhessem por si próprios. Mas, com Zyanya em casa à minha espera, não me sentia inclinado a provar as ofertas de cada país que visitava, como tinha feito nos meus tempos de solteiro. Invariavelmente, respondia ao estalajadeiro: «Nenhum dos dois, obrigado», e o estalajadeiro insistia sempre, pestanejando ou corando: «Prefere fruta verde, então?».

Para um viajante que procurasse o prazer, poderia, de facto, ser necessário especificar com clareza que tipo de companheiro de cama se desejava — homem, mulher, uma rapariguinha ou um rapazinho — porque em Michihuacán é por vezes difícil a um estrangeiro distinguir um sexo do outro, já que os Purémpecha observam outra prática peculiar, ou pelo menos faziam-no nesses tempos. Todos os que pertenciam a uma classe mais alta do que a dos escravos, retiravam todos os pêlos ou cabelos do corpo. Rapavam ou depilavam, de qualquer outra forma, a cabeça, as sobrancelhas e até o mais leve traço de velo debaixo dos braços ou entre as pernas. Homens, mulheres e crianças não tinham qualquer pêlo, à excepção das pestanas. A contrastar com os actos lascivos que poderão ter feito durante a noite, de dia andam modestamente vestidos com várias capas de mantos e blusas e, por isso, era difícil distinguir as mulheres dos homens. A princípio, concluí que a prática de usar o corpo liso e lustroso representava para os Purémpecha ou a singular noção de beleza ou uma passageira noção de moda. Mas poderia haver uma obsessiva razão sanitária para isso. No estudo que fiz da língua deles, descobri que o *poré* tem pelo menos oito palavras diferentes para caspa e muito mais para os piolhos.

Chegámos à beira do mar, que era como um imenso refúgio azul protegido do rebentar das vagas e das tempestades marítimas por braços de terra irregulares. Estavam ali situados o porto de pesca e a aldeia de Patámkuaro, assim chamada pelos seus habitantes, e Acamepúlco pelos nossos mercadores mexica; ambos os nomes, em *poré* e em *náhuatl*, foram-lhe dados devido às grandes extensões onde cresciam juncos e canas. Acamepúlco era um porto de pesca por direito próprio, e também um centro mercantil para as gentes que viviam ao longo da costa, a leste e a oeste, que chegavam em canoas para vender as suas mercadorias provenientes, tanto do mar como

da terra: peixes, tartarugas, sal, algodão, cacau, baunilha e outros produtos tropicais daquelas Terras Quentes.

Eu não tinha intenção de alugar, mas sim de comprar quatro espaçosas canoas de mar, para nós os oito remarmos, e assim não precisaríamos da presença de testemunhas. Mas a tarefa revelou-se muito difícil. A canoa normal que se utilizava nos nossos lagos, o *acáli*, fazia-se facilmente da leve madeira de pinho que ali havia. Mas a canoa de mar era feita do formidavelmente pesado e duro mogno, e levava meses de trabalho a construir. Quase todas as canoas de Acamepúlco eram usadas durante gerações pela mesma família e ninguém as queria vender, já que tal significaria a suspensão temporária do provento proporcionado pela caça e pela pesca, enquanto se construía uma nova que a substituísse. Por fim, consegui adquirir as quatro de que precisava, ainda que me tivessem custado todo o meu poder de persuasão, frustrantes dias de negociações e uma quantidade maior de ouro em pó do que a que pensava gastar.

E remar ao longo da costa para sueste, dois em cada uma, também não foi assim tão fácil. Apesar de termos grande experiência em canoas de lago e as águas destes serem por vezes agitadas tempestuosamente pelos ventos, não estávamos habituados àquelas águas agitadas por correntes e marés, mesmo com o tempo calmo que — e graças aos deuses — tivemos durante toda a nossa viagem por mar. Vários daqueles fortes e velhos guerreiros, cujos estômagos nunca se tinham revolvido perante os horrores nauseabundos da guerra, sentiram-se muito mal nos primeiros dias de viagem; eu não, talvez porque já antes tinha estado no mar. Mas depressa aprendemos a não navegar muito perto da costa onde o movimento da água era mais violento e imprevisível. Apesar de todos nos sentirmos como se estivéssemos num grande baloiço sobre o Mundo Único, passámos muito para lá da primeira rebentação das ondas, remando apenas até ao pôr-do-sol, para passar agradavelmente as noites sobre a areia macia da praia.

Aquela praia, como eu já antes vira, ia escurecendo gradualmente de um branco brilhante para um cinzento apagado e depois para o negro profundo das areias vulcânicas. Foi então, repentinamente, interrompida por um saliente promontório: a montanha que caminha na água. Graças ao meu topázio, e estando já perto do pôr-do-sol, dei instruções para desembarcar na praia.

Quando estávamos sentados à volta da fogueira do acampamento, repeti aos meus homens as acções planeadas para a missão do dia seguinte:

— «Alguns de vós poderão ter uma certa reserva em levantar a mão contra um sacerdote, mesmo sendo este de um deus estrangeiro. Não tenhais. Esses sacerdotes podem parecer desarmados, simplesmente incomodados face à nossa intrusão e desamparados perante as nossas armas, mas

não é assim. Na primeira oportunidade, chacinar-nos-ão a todos, trincar-nos-ão como carne na tábua e comer-nos-ão a seu bel-prazer. Amanhã, quando tudo estiver pronto, matá-los-emos sem piedade ou correremos o risco de nos matarem a nós. Lembrai-vos disso, e lembrai-vos dos meus sinais.»

Quando nos fizemos outra vez ao mar na manhã seguinte, já não éramos um jovem *pochtéca* com os seus velhos carregadores. Éramos um destacamento de sete temíveis guerreiros mexíca conduzidos por um não muito velho *cuachic* «velha águia». Tínhamos desfeito os nossos fardos, posto as nossas insígnias de guerra e tínhamo-nos armado. Eu levava o escudo insígnia *cuachic*, o bastão de comando e o elmo de *cuachic* de Glutão de Sangue. O único distintivo desse posto que me faltava era um osso atravessado no nariz, mas nunca o tinha perfurado para o poder usar. Os sete guerreiros trajavam, como eu, uma limpa armadura branca acolchoada; tinham prendido as penas de guerra no alto da cabeça com uma fita, de modo a formarem um leque, pintado nas faces ferozes desenhos de diferentes cores. Cada um de nós levava uma *maquáhuitl*, uma adaga e um dardo.

A nossa pequena frota remou audaciosamente para o promontório da montanha, sem se tentar esconder, mas sim com deliberada intenção de que os guardas nos vissem chegar. E assim foi, estavam à nossa espera na vertente da montanha, pelo menos doze desses malvados sacerdotes Zyú, com as suas vestimentas de peles esfarrapadas e remendadas. Não dirigimos as canoas para a praia para desembarcar mais facilmente, mas remámos em direcção a eles.

Não sei se era por ser uma estação do ano diferente ou se era por nos aproximarmos pelo lado oeste da montanha, o facto é que o oceano estava muito menos agitado do que na altura em que o falecido barqueiro tzapotéca e eu chegámos pelo lado leste. Não obstante, o mar estava suficientemente agitado e nós, marinheiros, inexperientes, teríamos embatido contra as rochas, se os sacerdotes não viessem ao nosso encontro, saltando de pedra em pedra para conduzirem as nossas canoas para um sítio protegido. Naturalmente que o fizeram apenas porque conheciam e temiam os costumes dos guerreiros mexíca, e fora com isso que eu já contara.

Atracámos os barcos em segurança e deixei um soldado a guardá-los. Então saltei para as rochas fazendo um gesto para que, tanto os meus homens como os sacerdotes, me seguissem e começámos todos a subir, saltando de rocha em rocha através dos estrondos e jactos de água, através de nuvens e lençóis de espuma, até chegarmos ao declive principal da montanha. O sacerdote principal do Deus do Mar estava ali parado, de braços cruzados sobre o peito, tentando esconder os cotos sem mãos. Não me reconheceu imediatamente sob o meu traje de batalha. Gritou-nos algo em dialecto *hu-*

*ave*. Quando levantei as sobrancelhas, em sinal de que não compreendia o que dizia, utilizou o *lóochi*, dizendo com jactância:

— «A que mais vindes vós, Mexíca? Nós somos os guardiães da tinta do deus e vocês já a têm.»

— «Não a temos toda» — disse eu na mesma língua.

Pareceu estremecer ligeiramente perante a brusca segurança com que eu falei, no entanto insistiu:

— «*Nós* não temos mais.»

— «Não — disse eu —. Mas tendes a que é minha. Um púrpura pelo qual paguei muito ouro. Lembrais-vos? No dia em que vos fiz *isto*.»

Com a parte plana da *maquáhuitl* separei-lhe os braços, de maneira a que os cotos dos pulsos ficassem à vista. Então reconheceu-me e o seu rosto malvado parecia ainda mais horrível devido à raiva e ao ódio impotente. Os sacerdotes, que o ladeavam, rodearam-nos num círculo num círculo ameaçador. Havia dois para cada um de nós, mas nós empunhámos, as lanças em círculo de pontas levantadas.

— «Guiai-nos até a gruta da deusa.» — disse eu ao sacerdote principal.

Moveu os lábios por um momento, pensando provavelmente noutras mentiras, antes de dizer:

— «O vosso exército deixou a gruta de Tiat Ndik vazia.»

Fiz um sinal ao guerreiro que tinha à minha direita. Este cravou profundamente o dardo no sacerdote que estava de pé à esquerda do chefe. O homem dobrou-se, caiu e rolou pelo chão, agarrado à barriga e gritando incessantemente.

— «Isto é para vos demonstrar que estamos impacientes — disse eu —. É para que vejais que estamos com pressa. — Fiz outro gesto e o guerreiro espetou de novo o homem caído, atravessando-lhe, dessa vez, o coração e o homem parou de gritar —. Agora — disse ao sacerdote principal — iremos à gruta.»

Este tragou a saliva e não disse mais nada; aquela demonstração fora suficiente. Comigo e com o meu dardo nas costas, guiou-nos todo o caminho por entre um monte de rochas e depois pelo buraco protector até à gruta. Senti um grande alívio ao deparar que a gruta do deus não tinha sido devastada ou enterrada pelo tremor de terra.

Quando ficámos em frente do monte de pedras manchadas de púrpura que simulavam uma estátua, apontei para os recipientes de couro e para as redes de corante amontoados por todo o lado, e disse ao sacerdote principal:

— «Dizei aos vossos ajudantes que comecem a levar tudo isto para as nossas canoas. — Ele voltou a engolir em seco, mas nada disse —. Dizei-lhe

—, repeti — que lhe vou cortar os braços acima dos cotos, depois os ombros e mais se necessário for.»

Disse apressadamente algo que não entendi na sua língua, mas foi bastante convincente. Sem palavras, mas dirigindo-me olhares assassinos, os desgrenhados sacerdotes começaram a erguer e acarretar os fardos de fio de algodão. Os meus homens acompanharam-nos de ida e volta aos barcos e à gruta, durante as muitas viagens que fizeram para levar todo aquele tesouro de um sítio para o outro. Entretanto, o sacerdote aleijado estava comigo ao lado da estátua, imobilizado pela ponta da minha lança colocada sob o queixo. Poderia ter usado aquele tempo para o obrigar a devolver-me o ouro que me tinha roubado, mas não. Preferi deixá-lo como pagamento pelo que estava a fazer; para não me considerar um ladrão, mas sim um comerciante a terminar uma transacção, ligeiramente atrasada, mas legítima.

Só depois dos últimos recipientes terem sido levados para fora da gruta, é que o sacerdote principal falou outra vez, com ódio na voz:

— «Já antes havíeis profanado este lugar santo. Fizestes com que Tiat Ndik se zangasse a ponto de enviar o *zyuiiu* como castigo. Voltará a fazê-lo ou mandará algo pior. Não vos perdoará este insulto e esta perda. O Deus do Mar não vos deixará partir livremente com a sua púrpura.»

— «Oh, talvez sim — disse eu tranquilamente —, se lhe deixar um sacrifício de outra cor.» — E, ao dizer isto, empurrei o dardo e a ponta passou através do queixo, da língua e do palato até ao cérebro do homem que caiu de costas, com um jorro de sangue a sair-lhe da boca. Tive mesmo de apoiar um pé contra o queixo dele para soltar o cabo da lança.

Ouvi um eco de consternação atrás de mim. Os meus guerreiros acabavam de chegar à gruta com os outros sacerdotes e estes tinham visto o seu chefe cair. Porém, não precisei de fazer qualquer sinal ou dar ordem aos meus homens; antes que os sacerdotes conseguissem recuperar da sua estupefacção, para lutar ou fugir, estavam todos mortos.

— «Prometi um sacrifício a este monte de pedras —, disse eu. — Empilhem os corpos em cima e à volta dele.»

Quando aquilo foi feito, a estátua do deus já não era de cor púrpura mas sim de um vermelho brilhante e o sangue corria por todo o chão da gruta. Acho que Tiat Ndik deve ter ficado satisfeito com a oferta. Não houve qualquer tremor de terra enquanto íamos para as canoas. Nada interferiu contra o nosso precioso carregamento, nem ao deitar à água os nossos pesados barcos. Nenhum Deus do Mar agitou com violência o seu elemento para evitar que pudéssemos remar livremente para longe, para bem longe daquele mar e daquelas águas cheias de rochas que se estendiam até às partes mais altas do seu promontório, para fora do território de os Desconhecidos. Sem nenhum obstáculo, remámos para leste directos à

costa e nunca mais voltei a pôr os olhos em cima daquela montanha que caminha na água.

Contudo, nos dias seguintes, todos nós continuávamos vestidos com os nossos trajes de batalha mexica, enquanto ainda estávamos em águas huave e tzapotéca, passando por Nixibe e por outras aldeias costeiras — e os barcos de pesca cujas confusas tripulações nos acenavam timidamente — até nos afastarmos do istmo de Tecuantépec e chegarmos a Xoconóchco, a nação do algodão. Aí, desembarcámos, durante a noite, num lugar afastado e queimámos os nossos trajes e outras insígnias, enterrando tudo, à excepção de algumas quantas armas. Depois refizemos os nossos fardos para podermos transportar, então, os recipientes de couro e as meadas de algodão com corante.

Quando nos fizemos ao mar no dia seguinte, íamos vestidos mais uma vez como um *pochtécatl* e os seus carregadores. Desembarcámos na tarde desse mesmo dia, abertamente, no porto Mame de Pijijía, e aí vendi as canoas — infelizmente por um preço muito baixo, já que os pescadores daquele sítio, como todos os outros povos da costa, já tinham os barcos de que precisavam. Como havíamos navegado durante muito tempo, os meus homens e eu balançávamos ridiculamente ao tentarmos caminhar. Assim, passámos dois dias em Pijijía para nos habituarmos de novo a andar em terreno sólido, e aproveitei para manter uma conversa muito interessante com os anciãos dos Mame, antes de voltarmos a pegar nos fardos e partir terra adentro.

Perguntais, Frei Toribio, por que nos tínhamos dado a tanto trabalho em fazer uma viagem, tão longa, primeiramente disfarçados de comerciantes, depois de guerreiros e, por fim, de comerciantes outra vez.

Bem, o povo de Acamepúlco sabia que um comerciante tinha comprado quatro canoas para ele e para os seus carregadores, e o povo de Pijijía sabia que um grupo semelhante tinha vendido umas canoas similares e ambos os povos talvez tivessem pensado que as circunstâncias eram estranhas. Mas essas duas terras ficavam tão longe uma da outra, que teria sido impossível trocarem impressões e ambas estavam tão distantes das capitais tzapotéca e mexica que eu pouco receio tinha que as suas más-línguas chegassem aos ouvidos do Bishósu Kosi Yuela ou do Uey-Tlatoáni Auítzotl.

Era inevitável que os Zyú depressa descobrissem o assassinio em massa dos seus sacerdotes e o desaparecimento da púrpura acumulada na gruta do deus. Apesar de termos silenciado todas as testemunhas do saque, era quase certo que haveria outros Zyú na praia que nos poderiam ter visto aproximar da montanha sagrada ou afastar-nos dela e que *levantariam* um clamor que, mais cedo ou mais tarde, chegaria aos ouvidos de Kosi Yuela e



de Auítzotl e iria enfurecer os dois Venerados Oradores. Mas os Zyú apenas poderiam imputar a atrocidade a um grupo de guerreiros mexíca, vestidos com os atavios de guerra. Kosi Yuela talvez suspeitasse que Auítzotl teria feito jogo sujo para ficar com o tesouro, mas Auítzotl poderia dizer honestamente nada saber acerca de saqueadores Mexíca por aquelas bandas. Calculava eu que houvesse tal confusão que os guerreiros nunca poderiam ser relacionados com os comerciantes e que nenhum dos dois grupos pudesse ser alguma vez relacionado comigo.

O meu plano exigia que me deslocasse de Pijijía através das cordilheiras para a nação Chiapa. Como os meus carregadores estavam tão carregados, não vi necessidade de escalarem essas montanhas. Assim, pusemo-nos de acordo quanto ao dia e ao local em que nos voltaríamos a encontrar nos baldios do istmo de Tecuantepec, e aquilo dar-lhes-ia tempo suficiente para viajarem calmamente. Disse-lhes que evitassem as aldeias e os encontros com outros viajantes, pois um grupo de *tamémime* carregados sem o mercador que os guiava poderia provocar comentários e inclusivamente serem detidos para investigação. Assim, quando ficámos bastante longe de Pijijía, os meus sete homens dirigiram-se para oeste, ficando nas terras baixas do Xoconóchco, enquanto eu me dirigia para norte, internando-me nas montanhas.

Desci finalmente à pobre capital de Chiapán, para logo me dirigir à oficina do Mestre Xibalbá.

— «Ah, disse ele, encantado —. Pensei que regressarias, pelo que tenho estado a colecionar todo o quartzo possível e a fazer novos cristais para acender lume.»

— «Sim, vendem-se muito bem — disse-lhe —. Mas desta vez insisto em pagar o valor total da mercadoria e o teu trabalho.»

Também lhe disse que o cristal que me aumentava a visão tinha enriquecido muito a minha vida e que lhe estava muito agradecido.

Quando acabei de encher o meu fardo de cristais envoltos em algodão, fiquei quase tão carregado como os meus carregadores ausentes. Mas, dessa vez, não quis ficar e descansar em Chiapán, pois não me teriam deixado ficar noutra lado que não em casa dos Maaboö, e aí, teria de recusar os avanços amorosos das duas primas, o que teria sido descortês por parte de um convidado. Assim, paguei ao Mestre Xibalbá com ouro em pó e metime apressadamente ao caminho.

Alguns dias mais tarde, depois de procurar pelos arredores, encontrei o local, afastado de qualquer área habitada, onde os meus homens me esperavam, sentados à volta duma fogueira e rodeados de restos de ossos de iguanas e armadilhos. Aí ficámos apenas o tempo suficiente para dormir um bom sono e para que um dos velhos companheiros me cozinhasse a

primeira comida quente que provei, desde que os tinha deixado: um gordo faisão assado no lume.

Quando chegámos à parte oriental da cidade de Tecuantépec, pudemos ver os estragos causados pelos mexíca, apesar de a maior parte das áreas queimadas terem sido já reconstruídas. De facto, a cidade fora mesmo melhorada. Tinham-se construído casas decentes e fortes no sítio onde antes havia uma área esquelética, onde só se viam cabanas de gente miserável, incluindo aquela que deixou uma marca inapagável na minha vida. Quando atravessámos a cidade em direcção a oeste, reparámos que, aparentemente, os guerreiros amotinados não tinham chegado tão longe na sua violência. A hospedaria que me era familiar ainda ali estava. Deixei os meus homens no pátio, enquanto entrava berrando a todos os pulmões:

— «Hospedeira! Tendes quartos para um *pochtécatl* cansado e para os seus carregadores?»

Béu Ribé saiu dum quarto interior; parecia saudável, capaz e tão bonita como sempre, mas a sua única saudação foi.

— «Hoje em dia, os Mexíca não são muito populares por aqui.»

Eu disse-lhe, tentando ainda ser cordial:

— «Certamente, Lua que Espera, que abrirás uma excepção para o teu irmão, Nuvem Escura. A tua irmã mandou-me de tão longe, apenas para se certificar de que te encontras bem. Estou muito satisfeito por ver que ficaste a salvo de tudo o que aconteceu.»

— «A salvo — disse com voz cortante —. Eu também estou muito satisfeita por tu o estares, já que foste tu quem fez com que aqueles guerreiros mexíca viessem para cá. Toda a gente sabe que foram enviados por causa das tuas desventuras com os Zyú e porque não pudeste apoderar-te do corante púrpura.»

Admiti que tudo aquilo era verdade.

— «Mas não me podes culpar por...»

— «Tenho muitas culpas a partilhar contigo! — quase me cuspiu —. Culpo-me, em primeiro lugar, de te ter sempre albergado nesta hospedaria! — Depois, de repente, pareceu acalmar-se —. Mas já há muito tempo que sou tratada com desprezo, não é verdade? Porque me hei-de preocupar pela pouca estima que perdi? Sim, podes ter um quarto e já sabes onde instalar os teus carregadores. Os criados atender-te-ão.»

Virou-me as costas e regressou aos seus afazeres. Apenas umas tumultuosas ou mesmo fraternais boas-vindas, pensei para comigo. Mas os criados instalaram os meus homens, guardaram-me as mercadorias e prepararam-me uma refeição. Quando acabei de comer e estava a fumar um *poquiétl*, Béu entrou na sala e ter-se-ia afastado se eu não a tivesse agarrado pelo pulso.

— «Não penses que me enganas, Béu — disse-lhe —. Sei que não te agrado e que os recentes excessos dos Mexíca serviram para que ainda gastes menos de mim...»

Ela interrompeu-me e ergueu as sobranceiras com altivez:

— «Agradares-me? Gostar de ti? Isso são emoções. Que direito tenho eu de sentir qualquer emoção por ti, *marido* da minha irmã?»

— «Está bem — disse com impaciência —. Despreza-me. Ignora-me. Mas não vais mandar umas palavras a Zyanya, quando eu regressar?»

— «Sim. Diz-lhe que fui violada por um guerreiro mexícatl.»

Aturdido, soltei-lhe o pulso. Tentei pensar nalguma coisa para dizer, mas ela riu-se e continuou:

— «Oh, não me digas que lamentas. Creio que ainda posso dizer que sou virgem, porque ele era excepcionalmente inepto. No seu desejo de me envergonhar, apenas confirmou a opinião tão baixa que eu já tinha dos arrogantes Mexíca.»

Disse-lhe, tentando recuperar a voz:

— «Diz-me o nome dele. Se ainda não foi executado, farei com que o seja.»

— «Achas que ele se apresentou? — disse, rindo-se outra vez —. Creio que não era um vulgar soldado, apesar de não conhecer as vossas patentes militares e o quarto estar escuro. Mas reconheci o traje que me fez vestir para a ocasião, obrigou-me a cobrir a cara com fuligem e a pôr as vestimentas pretas e mal cheirosas que usam as mulheres que servem nos templos.»

— «O quê?» — perguntei estupefacto.

— «Não tivemos muitas conversas, mas pude aperceber-me de que a minha simples virgindade não era suficiente para o excitar. Verifiquei que só conseguia ter erecção se imaginasse que estava a violar algo sagrado e intocável.»

— «Nunca ouvi semelhante...»

Ela disse:

— «Não tentes desculpar os teus conterrâneos. E não precisas de ter pena de mim. Já te disse que ele nem sequer podia ser um violador de mulheres. O... acho que lhe chamais *tepúli*... o *tepúli* dele era nodoso, retorcido e dobrado como um gancho. O acto de penetração...»

— «Por favor, Béu — disse eu, sentindo-me indisposto —. O que me estás a contar não deve ser muito agradável para ti.»

— «A experiência tão pouco o foi — disse tão friamente como se estivesse a falar de outra pessoa —. Uma mulher que tem que sofrer e ser vítima de uma violação, deveria, pelo menos, ser bem violada. O seu *tepúli* defeituoso só conseguia penetrar até à cabeça, ou bolbo, ou o que vós chamais a *isso*. E, apesar de todos os seus esforços e grunhidos, nem sequer o

conseguiu manter aí. Quando por fim emitii o seu suco, este gotejou simplesmente sobre a minha perna. Não sei se há diferentes graus de virgindade, mas *acho* que ainda me posso chamar virgem. Também penso que aquele homem se sentiu mais humilhado e envergonhado do que eu. Nem sequer conseguiu olhar-me nos olhos enquanto me despia outra vez para que ele pudesse recolher aquelas horríveis vestimentas e levá-las com ele.»

— «Realmente não me parece que fosse...» — disse eu desesperado.

— «Que fosse o típico macho mexícatl, sanguinário? Como Záa Nayàzú? — Baixando a voz, sussurrou-me —: Diz-me a verdade, Záa, a minha irmã ficou *realmente* satisfeita no seu leito conjugal?»

— «Por favor, Béu. Isto é vergonhoso.»

Soltou uma blasfémia:

— «*Gi zyabà!* O que é que pode ser vergonhoso para uma mulher já degradada? Se não mo dizes, porque é que não mo demonstras? Prova-me que és um marido adequado. Oh, não te ponhas corado nem te vás embora, lembra-te que uma vez eu vi como o fazias com a minha mãe, mas depois, ela nunca nos disse se tinhas sido *bom* nisso. Ficarei muito contente de o saber por experiência própria. Vem para o meu quarto. Porque hás-de ter escrúpulos em possuir uma mulher que já foi utilizada? Ainda que não muito, claro, mas...»

Mudei de assunto com firmeza:

— «Disse a Zyanya que te levaria comigo para Tenochtítlan se estivesse a sofrer ou em perigo. Temos uma casa com bastantes divisões. Pergunto-te, Béu, se consideras a tua situação aqui intolerável, e queres vir viver connosco?»

— «Impossível — gritou —. Viver contigo debaixo do mesmo tecto? Como te posso ignorar aí, como me sugeriste?»

— «Disse e fiz tudo o que podia dizer e fazer — exclamei, sem conseguir conter-me por mais tempo —. Apresentei-te as minhas desculpas, mostrei contrição, simpatia e amor fraternal. Ofereci-te uma boa casa numa cidade diferente onde podes levantar a cabeça e esquecer o passado. Mas tu só respondes com ironias, desprezo e malícia. Partirei amanhã mulher e podes vir comigo, se quiseres!»

Ela não quis.

Chegámos à cidade capital de Záchilà, para continuar no meu papel de comerciante. Visitei outra vez o Bishósu Ben Záa, que me concedeu uma audiência, e contei-lhe a minha mentira: que tinha andado a vaguear pela nação Chiapa e havia apenas pouco tempo que tinha sabido das ocorrências no mundo civilizado.

— «Como o Senhor Kosi Yuela deve ter adivinhado —, disse-lhe —

foi por instigação minha que Auítzotl trouxe os seus homens a Uaxyácac. Assim, sinto-me obrigado a pedir-vos algumas desculpas.»

Fez um gesto distraído.

— «Quaisquer que tenham sido as intrigas em que nos vimos envolvidos, não têm a menor importância. Estou muito contente por o vosso Venerado Orador ter vindo com boas intenções e estou satisfeito por a longa animosidade que havia entre as nossas nações ter finalmente terminado, para além de não ter nada a objectar em receber um tributo tão rico como a púrpura.»

— «Mas mesmo assim houve o repreensível comportamento dos homens de Auítzotl em Tecuántepéc — disse eu —. Como mexícatl devo acrescentar as minhas desculpas por isso.»

— «Eu não culpei Auítzotl. Nem sequer culpo os teus homens.»

Devo ter demonstrado a minha surpresa, porque me explicou:

— «O vosso Venerado Orador moveu-se com rapidez para evitar os ultrajes. Mandou garrotar os piores e aplacou os outros com promessas que, estou certo, cumprirá. Depois pagou para compensar os estragos ou pelo menos o mais que se *poderia* pagar por eles. As nossas nações, provavelmente, estariam em guerra neste momento se não tivesse sido a actuação rápida e honrada de Auítzotl. Não, Auítzotl estava humildemente ansioso por restaurar as boas relações.»

Era a primeira vez que ouvia descrever como humilde o colérico Auítzotl, o Monstro da Água.

— «Mas havia outro homem, um jovem, o seu sobrinho, o que estava no comando dos Mexíca enquanto conferenciávamos e foi quando começou o tumulto. Esse jovem tem um nome que nós, a Gente Nuvem, detestamos por uma razão histórica. Chama-se Motecuzóma e creio que herdou o desejo sanguinário do seu homónimo. Também creio que viu como um sinal de debilidade a aliança que Auítzotl fez connosco. Penso que queria a Gente Nuvem como vassalos dos Mexíca e não como iguais. Tenho fortes suspeitas de que foi ele que fomentou esse motim, na esperança de que nos voltássemos a degolar uns aos outros. Se vos podeis fazer ouvir por Ahuítzotl, jovem mercador, sugiro-vos que insinueis umas palavras para o prevenir acerca do sobrinho. Este novo e enaltecido Motecuzóma, se chegar a ter qualquer tipo de posição no poder, poderia arruinar todo o bem que o tio pudesse arranjar.»



No passadiço para Tenochtitlan, a cidade surgiu diante de nós, luminosamente branca, no crepúsculo acinzentado. Mandeí os meus homens à frente, dois a dois e três a três. Já caíra a noite quando pus o pé na ilha e a cidade estava iluminada por tochas, candeias e lamparinas. Através dessa luz trémula, pude ver que a minha casa já estava acabada e que ficara muito bonita, mas não consegui ver todos os detalhes exteriores. Uma vez que tinha sido construída sobre pilares mais ou menos da minha altura, tive que subir uma pequena escada para entrar. Fui recebido por uma mulher de meia-idade, que obviamente era uma nova escrava, pois nunca a vira antes. Apresentou-se como Teoxihuitl, ou Turquesa, e disse-me:

— «Quando os carregadores chegaram, a minha senhora subiu para o andar de cima, para que pudésseis falar em privado com os vossos homens. Esperar-vos-á na alcova, meu amo.»

A mulher conduziu-me a uma sala no andar de baixo, onde os meus sete companheiros estavam a devorar uma refeição fria, que ela tivera que arranjar à pressa. Depois de me ter dado também um prato de comida e de todos termos apaziguado a fome, os homens ajudaram-me a mover a parede falsa do quarto e a guardar aí os nossos fardos, onde já haviam sido armazenadas outras mercadorias. Depois, paguei-lhes o salário que lhes correspondia no regresso e dei-lhes mais do que lhes tinha prometido, uma vez que se tinham portado admiravelmente. À saída, todos beijaram a terra diante de mim, depois de me fazerem jurar que os convocaria de novo se concebesse outros projectos que fossem do agrado de sete velhos guerreiros, pois de outra forma estariam no ócio da paz e do aborrecimento.

No piso superior encontrei o quarto sanitário exactamente como dissera ao arquitecto que o queria: tão completo e eficiente como aqueles que se esvaziavam sozinhos e que tinha utilizado nos palácios. A escrava Turquesa já havia colocado as pedras incandescentes no quarto de vapor adjacente, e quando terminei o primeiro banho, deixou cair-lhes água por cima, para produzir uma nuvem de vapor. Ali respirei um bocado e voltei à bacia do banho, até que tive a certeza de que todo o pó, sujidade e mau cheiro da viagem estavam fora dos meus poros.

Quando passei nu para a câmara, encontrei Zyanya igualmente nua e recostada sobre os cobertores macios, numa posição convidativa. Apenas havia a pequena luz avermelhada de uma braseira no aposento, mas era suficiente para iluminar a madeixa mais clara do cabelo e delinear os seios pontiagudos. Eram dois montes simétricos, sobre os quais estavam colocados outros dois mais pequenos, as auréolas, exactamente como o perfil do Popocatépetl, que vós meus senhores frades, podeis ver através da janela; um cone sobre outro cone. Não, claro que não é preciso explicar-vos tais pormenores. Basta dizer-vos por que razão a minha respiração se alterou

enquanto me encaminhava para Zyanya, e por que apenas lhe disse estas palavras:

— «Béu está bem. Há outras notícias, mas podem esperar.»

— «Que esperem» — respondeu a sorrir, e estendeu a mão para a parte de mim que estava mais próxima.

Depois dei-lhe as notícias que trazia de Béu Ribé; que estava sã e salva, mas que era muito infeliz. Alegro-me de termos feito amor primeiro, pois proporcionei a Zyanya a languidez que o prazer satisfeito oferece, e que, esperava eu, tornasse mais suaves as palavras que tinha para lhe dizer. Con-tei-lhe o infeliz encontro que Béu Ribé tivera com o oficial mexica e tentei, tal como Béu tinha feito, que se parecesse mais com uma farsa do que com uma tragédia.

Concluí, dizendo:

— «Penso que é o seu obstinado orgulho que faz com que fique lá, a tratar da hospedaria. Está decidida a não levar em conta o que a gente da terra possa pensar dela, quer sintam vergonha ou simpatia. Não deixará Tecuantépec por nenhuma boa razão ou por uma vida melhor, porque isso seria tomado como um sinal de fraqueza pela sua parte.»

— «Pobre Béu — murmurou Zyanya —. Poderemos fazer alguma coisa por ela?»

Reprimindo a minha própria opinião acerca da “pobre Béu”, reflecti e disse por fim:

— «Não consigo pensar em nada, a não ser *tu* sofreres uma desgraça. Se tu, que és a sua única irmã, precisares desesperadamente dela, creio que te viria ver. Mas não provoquemos os deuses. Não deixemos que a infelicidade dela nos ponha à prova.»

No dia seguinte, quando Auítzotl me recebeu na sua horrível sala do trono, contei outra vez a história que tinha inventado; que tinha ido ver se a irmã da minha mulher não tinha sofrido qualquer percalço no saque de Tecuantépec, e que, enquanto por lá estive, aproveitei a oportunidade para ir um pouco mais para sul, buscar mais cristais de acender. De novo, cerimoniosamente, lhe ofereci um e ele agradeceu-me, entusiasmado. Então, antes de trazer a lume um tema que tinha a certeza lhe iria fazer abrir os olhos de espanto e pôr ao rubro a sua irascibilidade, disse-lhe algo que lhe aplacaria o humor.

— «Nas minhas viagens, Senhor Orador, cheguei à costa da terra de Xonocóchco, de onde provém a maior parte do nosso algodão e do nosso sal. Passei dois dias entre o povo Mame, em Pijijía, a sua aldeia principal, e os anciãos levaram-me ao seu conselho. Desejavam que eu trouxesse uma mensagem para o Uey-Tlatoáni dos Mexica.»

— «Qual é a mensagem?» — perguntou, encolhendo os ombros com indiferença.

— «Sabei primeiro, meu Senhor, que o Xoconóhco não é uma nação, mas simplesmente uma vasta extensão de terra fértil, habitada por vários povos: os Mame, os Mixe, os Comitéca e outras tribos ainda mais pequenas. Os seus territórios encontram-se nessa extensão de terra e estão aliados por meio dessas tribos de anciãos como a de Pijijía. O Xoconóhco não tem capital central, corpo governante, ou exército.»

— «Interessante.»

— «Para leste do rico e fértil Xoconóhco, fica a selva improdutiva da nação Quautemálan, o Bosque Emaranhado. Os seus nativos, os Quiché e Lacadón, são descendentes degenerados dos Maias. São pobres, sujos e preguiçosos e, em tempos passados, foram considerados muito desprezíveis. No entanto, recentemente conseguiram energias para sair de Quautemálan e invadir os territórios do Xoconóhco. Esses desgraçados ameaçam tornar as suas incursões mais frequentes, até as converterem numa guerra contínua, a menos que os povos do Xoconóhco concordem em lhes pagar um grande tributo em algodão e sal.»

— «Tributo? — vociferou Auítzotl, por fim interessado —. O *nosso* algodão e o *nosso* sal!»

— «Sim, meu Senhor. Não podemos esperar que pacíficos fazendeiros de algodão, pescadores e colectores de sal consigam defender ferozmente as suas terras. Mas tiveram espírito bastante para se ressentir face a essas exigências. Não estão dispostos a dar aos Quiché e aos Lacadón aquilo que formal e proveitosamente têm vendido aos Mexíca. Pensam que o nosso Venerado Orador se deveria sentir ultrajado perante esta ideia.»

— «Poupa-nos o ênfase daquilo que é óbvio — resmungou Auítzotl —. O que é que os anciãos propõem? Que entremos em guerra com os Quautemálan em lugar deles?»

— «Não, meu Senhor. Propõem dar-nos o Xoconóhco.»

— «*O quê?*» — Estava honestamente surpreendido.

— «Se o Uey-Tlatoáni aceitar as terras do Xoconóhco como novo domínio, os pequenos governantes abandonarão os seus cargos e todas as tribos porão de lado as identidades e as suas gentes jurarão fidelidade a Tenochtitlan, como voluntários Mexíca. Pedem só duas coisas: que lhes seja permitido continuar a viver e a trabalhar como sempre têm feito, sem que ninguém os incomode, e que continuem a receber um pagamento pelo seu trabalho. Os Mame, falando por todas as restantes tribos, querem pedir que seja enviado um nobre mexícatl como governante e protector do Xoconóhco e que ali se estabeleça e seja mantida permanentemente uma forte guarnição de tropas mexíca.»



Parecendo muito agradado e até deslumbrado pela mudança, Auítzotl murmurou para consigo:

— «Inacreditável. Uma terra rica, livre para ser tomada. Dada gratuitamente. — Dirigindo-se a mim, disse-me muito mais calorosamente do que já o fizera: — Nem sempre nos trazes problemas e aborrecimentos, jovens Mixtli.»

Modestamente, eu não disse nada.

Ele continuou pensando em voz alta:

— «Este seria o mais longínquo domínio da Tripla Aliança. Se colocássemos aí um exército, o Mundo Único ficaria com um amplo domínio de mar a mar, entre duas mandíbulas. As nações que ficassem cercadas por estas, pensariam sempre duas vezes antes de nos causarem problemas, pois esses maxilares fechar-se-iam e apanhá-las-iam. Viveriam sempre com medo, submissas e servis...»

Eu voltei a falar:

— «Se me permitis, posso apontar-vos outra vantagem, Senhor Orador. Esse exército, mesmo que esteja muito longe daqui, não precisa de ser mantido. Os anciãos dos Mame prometeram-me que o manteriam e o forneceriam sem restrições. Os guerreiros viverão bem na abundância do Xoconóchco.»

— «Por Huitztli, vamos a isso! — exclamou Auítzotl —. Claro que iremos apresentar essa proposta ao nosso Conselho de Oradores, mas será apenas uma mera formalidade.»

— «O meu Senhor poderia optar também por dizer ao Conselho de Oradores que, uma vez instalada a guarnição, as famílias dos guerreiros poder-se-iam juntar a eles. Os comerciantes poderiam segui-los. Outros Mexíca talvez quisessem deixar estas terras do lago, já muito povoadas e instalar-se nas amplas terras do Xoconóchco. Uma vez instalada a guarnição poderia vir a ser a semente de uma colónia e, ainda que mais pequena do que Tenochtítlan, talvez um dia chegue a ser a segunda grande cidade dos Mexíca.»

— «Por acaso não sonhais demais?»

— «Talvez tivesse tomado uma liberdade, Venerado Orador, ao referir essa possibilidade de colonização ao Conselho de Anciãos dos Mame. Longe de objectar, disseram-me que se sentiriam muito honrados se a sua terra, com o tempo, chegasse a ser, por assim dizer, a Tenochtítlan do sul.»

Ele lançou-me um olhar aprovador e, por uns instantes, tamborilou com os dedos antes de falar.

— «Na tua condição de civil, não passas de um mercador a contar sementes de cacau e, na hierarquia militar, um simples *tequíua*...»

— «Por cortesia do meu Senhor» — disse eu humildemente.

— «Porém tu, que nada és, vens dar-nos toda uma nova província, muito mais valiosa do que qualquer outra anexada por tratado ou conquista, desde o reinado do nosso estimado pai, Motecuzóma. Esse facto também deve ser apresentado à atenção do nosso Conselho de Oradores.»

— «A menção de Motecuzóma, meu Senhor, recordou-me algo.» — E então contei-lhe o que me custava tanto ter de repetir: as duras palavras do Bishósu Kosi Yuela acerca do sobrinho. Tal como esperava, Auítzotl começou a bufar, a resfolgar e a ficar visivelmente vermelho, mas a sua raiva não era dirigida a mim.

— «Agora compreendo —, disse exasperado —. Como sacerdote, o jovem Motecuzóma era muito zeloso com duas coisas. Uma, prestar infatigável obediência a cada uma das mais triviais e imbecis superstições impostas pelos deuses. Tentava também abolir qualquer falta ou fraqueza humana, tanto nele como nos outros. Nunca se irritava nem deitava espuma pela boca, como fazem muitos dos nossos sacerdotes; permanecia sempre frio e inalterável. Uma vez, quando disse qualquer coisa que lhe pareceu não ser do agrado dos deuses, perfurou a língua e passou por ela um fio com vinte bicos de pita atados. Fazia o mesmo quando um mau pensamento lhe atravessava a mente, picava-se na base do *tepúli* e castigava-se com um fio e espinhos. Bem, agora que se tornou militar, parece que é igualmente fanático em questão de fazer a guerra. Parece que, no seu primeiro comando, a cria de coiole flectiu os músculos, ao contrário das ordens e da boa ordem...»

Auítzotl fez uma pausa. Quando continuou, parecia estar outra vez a pensar em voz alta:

— «Sim, naturalmente que desejaria viver mostrando-se digno do nome do avô, O Senhor Furioso. O jovem Motecuzóma não está contente por reinar a paz entre a nossa nação e as outras, uma vez que assim não terá muitos adversários a quem desafiar. Quer ser respeitado e temido como um homem de punho duro e voz forte, mas um homem deve ser mais do que isso, ou humilhar-se-á quando se tiver de enfrentar com um punho mais duro ou com uma voz mais forte.»

Eu aventurei-me a dizer:

— «Tenho a impressão, meu Senhor, que o Bishósu de Uaxyácac abomina a possibilidade do o jovem Motecuzóma um dia chegar a Uey-Tlatoáni dos Mexíca.»

Aí, Auítzotl olhou directamente para mim e disse com frieza:

— «Kosi Yuela estará morto muito antes de ter que se preocupar com novas relações com qualquer outro Uey-Tlatoáni. Nós só temos quarenta e três anos e pensamos viver muitos mais. Antes de morrermos ou ficarmos caducos, faremos saber ao Conselho de Oradores quem será o nosso sucessor. Ainda que tenhamos que esquecer quantos dos nossos vinte filhos são

varões, de certeza que entre eles se deve encontrar outro Auítzotl. Lembra-te, Tequíua-Mixtli, que o tambor mais ruidoso é o mais cavo e que a sua única função é ficar imóvel para que lhe batam. Nós não poremos no trono um tambor oco como o nosso sobrinho Motecuzóma. *Lembra-te das minhas palavras!*»

Lembrei-as e lembro-as com tristeza.

O Venerado Orador tardou algum tempo a acalmar-se da sua momentânea indignação. Então, disse suavemente:

— «Agradecemos-te, Tequíua-Mixtli, pela oportunidade de instalar essa guarnição em Xoconóhco. Será a próxima nomeação do jovem Senhor Furioso. Receberá ordens para sair imediatamente para sul, para construir, instalar e tomar o comando desse distante local. Assim, teremos Motecuzóma ocupado e bem longe de nós, ou seremos tentados a bater com os mais pesados paus de tambor em quem tem o nosso próprio sangue.»

Passaram-se alguns dias. O tempo que não estive na cama, familiarizando-me de novo com a minha mulher, passei-o habituando-me à minha nova casa. O exterior era de pedra de Xaltócan, deslumbrantemente branca e modestamente decorada com algumas filigranas talhadas, nenhuma delas embelezada pela cor. Para os transeuntes, não passava da casa típica de um bem sucedido *pochtécatl*, mas não *demasiado* próspero. Lá dentro, no entanto, os acabamentos eram muito mais finos e cheirava a novo e não a fumo, a comida, a suor e esteiras velhas, como no tempo dos seus anteriores habitantes. As portas eram todas de bonito cedro talhado, e moviam-se sobre gonzos colocados em cima e em baixo. Havia janelas nas paredes para a rua, à frente e atrás, todas elas com gelosias de ripas que se enrolavam.

O rés-do-chão — que, como já disse, não estava assente no solo — continha uma cozinha, uma sala de refeições separada e noutra ainda maior, na qual podíamos receber convidados ou eu poderia tratar de negócios com os sócios que me visitassem. Como não havia ali espaço suficiente para um quarto de criados, Turquesa enrolava-se simplesmente num cobertor e deitava-se sobre a esteira, na cozinha, depois de nos termos ido deitar. No andar de cima ficava o nosso quarto e outro para as visitas, cada um com o seu sanitário e o seu banho de vapor; havia também outro mais pequeno, para o qual de momento não encontrei qualquer propósito, até que Zyanya, sorrindo, me disse timidamente:

— «Um dia pode haver uma criança, Záa. Talvez crianças. Assim, este quarto é para eles e para a ama.»

O terraço da casa era plano, circundado por uma balaustrada de pedras e argila com um desenho trabalhado, que me dava pela cintura. Toda a

superfície tinha sido preparada com terra fértil das *chinampas*, pronta para plantar flores, arbustos de sombra e ervas culinárias. A nossa casa estava rodeada por outros edifícios mais altos, pelo que não tínhamos vista para o lago, mas podíamos contemplar os dois templos gémeos no alto da Grande Pirâmide, os picos dos vulcões, o fumegante Popocatépetl e o adormecido Ixtaccíhuatl. Zyanya mobilara todos os quartos, tanto os de cima como os de baixo, apenas com o estritamente necessário; camas com vários cobertores, guarda-roupas de vime, algumas cadeiras baixas e bancos. De outra maneira, os quartos ecoariam vazios, pois os pavimentos de madeira ainda não tinham tapetes e as paredes lisas e caiadas estavam por decorar.

— «A mobília mais importante, os ornamentos para pendurar nas paredes... — disse Zyanya — Acho que é o homem da casa que deve escolher essas coisas.»

— «Iremos juntos às oficinas e mercados — disse eu —. Irei apenas para estar de acordo com aquilo que escolheres e pagar.»

Com a mesma deferência, ela tinha comprado a única escrava, e Turquesa chegava para ajudar Zyanya no trabalho da casa. Mas decidi adquirir outra mulher para partilhar as tarefas diárias de cozinhar e limpar, e também um escravo para tratar do jardim do terraço, fazer recados e coisas no género. Assim, arranjámos um escravo não muito novo, mais ainda forte e aparentemente esperto, chamado segundo a patética maneira grandiloquente da classe dos *tlacótl*, Citláli-Cuicáni, ou seja, Estrela Cantora; e uma jovem criada chamada Quequelmíqui, que significa apenas Coceguenta. Talvez merecesse esse nome, pois era muito dada a rir sem qualquer motivo.

Inscrevemos imediatamente os três — Turquesa, Estrela Cantora e Coceguenta — para, nos tempos livres, frequentarem a nova escola fundada pelo meu jovem amigo Cozcatl. A sua maior ambição, nos tempos em que era um menino escravo, fora aprender as competências necessárias para servir no mais alto posto da casa de um nobre, o de Mestre das Chaves. Mas nesta altura tinha superado consideravelmente esse cargo, possuindo uma casa confortável e fortuna própria. Assim, Cozcatl convertera a casa numa escola para ensinar servos. Isto é, para os transformar nos melhores servos possíveis.

— «Claro que contratei os melhores mestres para ensinar as tarefas básicas como as da cozinha, jardinagem, bordados — disse-me com orgulho —. Qualquer coisa em que os alunos se queiram destacar. Mas sou eu quem ensina a cada um deles as maneiras elegantes que, de outra maneira, só poderiam aprender ao longo de muito tempo de experiência, se é que aprenderiam. Como trabalhei em dois palácios, os alunos prestam muita atenção aos meus ensinamentos, mesmo sendo a maior parte deles muito mais velhos do que eu.»

— «Maneiras elegantes? — comentei —. Para simples criados?»

— «Assim *não* serão simples criados, mas valiosos membros da casa. Ensino-lhes a comportarem-se com dignidade, em vez da habitual atitude servil e obsequiosa, e também a anteciparem-se aos desejos dos amos, antes que estes falem. Por exemplo, o criado deve aprender a ter sempre o *poquíetl* preparado, para que o amo fume. A governanta aprende a avisar a ama das flores que vão nascer no jardim; assim, a senhora pode planejar antecipadamente os arranjos florais para os quartos.»

— «Com toda a certeza, um escravo não poderia pagar os teus ensinamentos» — disse eu.

— «Pois não — admitiu —. Como todos os meus estudantes estão a trabalhar como domésticos, como os que tu me trouxeste, quem paga são os amos. Mas, ao estudar, aumentarão as suas capacidades e valor, de maneira que obterão promoções por parte dos amos, ou poderão ser vendidos por mais dinheiro, o que quer dizer que precisarão de os substituir. Por isso, posso prever uma procura de escravos certificados pela minha escola. Poderei mesmo, um dia, comprar escravos no mercado, treiná-los, colocá-los e cobrar-lhes dos salários que vierem a receber.»

Eu concordei e disse:

— «Isso seria muito bom para ti, para eles e para as pessoas que os empregarem. É uma ideia engenhosa, Cozcatl. Não só encontraste o teu lugar certo no mundo, como talhaste um nicho, completo e novo, onde ninguém cabe tão bem como tu.»

— «Nunca o teria conseguido sem ti, Mixtli — argumentou humildemente —. Se não nos tivéssemos aventurado juntos, provavelmente ainda estaria a trabalhar duramente num qualquer palácio de Texcóco. A minha boa sorte devo-a só ao *tonáli*, quer seja o teu ou o meu, que uniu as nossas vidas.»

E eu também, pensei, enquanto caminhava lentamente para casa, estava em dívida com o meu *tonáli*, que uma vez tinha julgado caprichoso, se não maligno. Esse *tonáli* tinha-me causado problemas, perdas e infelicidade. Mas também tinha feito de mim um homem de bem, um homem rico, um homem que tinha subido acima das expectativas do seu nascimento, um homem casado com uma das mulheres mais desejáveis e um homem ainda suficientemente jovem para continuar a explorar e fazer descobertas no futuro.

Enquanto me encaminhava para a minha cómoda casa e para o abraço de boas-vindas de Zyanya, estava contente por ter deixado voar a minha gratidão para o céu, suposta residência dos deuses maiores. «Deuses, — disse, não em voz alta, mas em pensamento —, se houver deuses e fordes vós, dou-vos as graças. Algumas vezes, tirastes-me com uma mão enquanto

me dáveis com a outra. Mas, no fundo, destes-me mais do que me tirastes. Beijo a terra diante de vós, deuses.» E os deuses devem ter-se sentido satisfeitos com a minha gratidão, pois não perderam tempo em compor as coisas, de tal maneira que, quando cheguei a casa, encontrei um pajem do palácio à minha espera, para que me apresentasse a Auítzotl. Só demorei o tempo suficiente para dar um beijo de saudação e despedida a Zyanya e segui o rapaz através das ruas de o Coração do Mundo Único.

Já a noite ia alta quando regresssei a casa. Vinha vestido de maneira muito diferente e mais do que algo embriagado. Quando a criada Turquesa me abriu a porta, perdeu toda a serenidade que podia ter aprendido no seu primeiro dia na escola de Cozcatl. Olhou para mim, para a minha profusão de penas desordenadas, e, dando um grito penetrante, fugiu para as traseiras da casa. Zyanya veio, ansiosa.

— «Záa, estiveste tanto tempo fora...! — Então também ela deu um grito e recuou, exclamando —: O que te fez esse monstro do Auítzotl? Porque estás a sangrar do braço? O que trazes nos pés? O que tens na cabeça? Záa, diz qualquer coisa!»

— «Olá» — murmurei, estupidamente, com um soluço.

— «Olá? — repetiu, surpreendida pelo absurdo. —: Além do mais, estás embriagado.» — Disse zangada e foi para a cozinha. Deixei-me cair num banco, mas levantei-me de um salto, quando Zyanya me despejou um jarro de água, gelada, pela cabeça.

— «O meu elmo!» — Gritei, quando deixei de tossir e de cuspir água.

— «Um elmo, isto? — disse Zyanya, enquanto se esforçava por mo tirar e o secar antes que a água o estragasse —. Pensei que tinhas sido apanhado pelo bico de uma ave gigante.»

— Senhora minha esposa — disse com a augusta sobriedade de quem está meio embriagado —, poderias ter arruinado esta nobre cabeça de águia. E neste momento estás em cima de uma das minhas garras. E olha... olha só, as minhas pobres penas desalinhasadas.»

— «Estou a ver. Já estou a ver — disse ela, com voz abafada, e então apercebi-me que estava a tentar com todas as suas forças não soltar uma gargalhada. — Záa, tira esse traje ridículo. Vai para o quarto de vapor. Sua um bocado o *octli* que tens dentro. Limpa o sangue do braço. E depois, por favor, vem para a cama e explica-me... explica-me com todos os...» — Não consegui conter o riso por mais tempo, e começou a rir à gargalhada.

— «Um traje ridículo, realmente — disse, tentando que a minha voz parecesse ao mesmo tempo altiva e magoada —. Só uma mulher pode ser tão insensível perante tão alta insígnia de honra. Se fosses homem, ajoelhar-te-ias com reverência e admiração, e felicitar-me-ias. Mas não. Fui ignomi-

niosamente encharcado e riste-te com isso.» — após o que me virei e subi majestosamente as escadas, ainda que com algumas quedas ocasionais, devido às sandálias de longas garras, e fui demolhar o mau humor no quarto de vapor.

Assim me comportei com lúgubre fanfarronice e assim fui recebido com indulgente regozijo no que deveria ser a noite mais solene da minha vida. Nem um, nem dez, nem vinte mil dos meus compatriotas chegaram alguma vez ao que eu cheguei naquele dia — um Tlámahuichihuáni Cuaútlit: um campeão da Ordem da Águia dos Mexíca.

Posteriormente, humilhei-me a mim próprio por ter adormecido no quarto de vapor, e porque Zyanya e Estrela Cantora de alguma maneira tiveram de me levar para a cama completamente inconsciente. Assim, apenas na manhã seguinte, quando acordei já tarde e enquanto bebia uma taça de chocolate quente na cama, para aliviar o poderoso peso da minha enxaqueca, é que pude contar coerentemente a Zyanya o que se tinha passado no palácio.

Auíztotl estava sozinho na sala do trono quando eu cheguei, atrás do pajem, e disse-me bruscamente:

— «O nosso sobrinho Motecuzóma deixou Tenochtitlan esta manhã, conduzindo uma força considerável, que será a guarnição de Xoconóchco. Como vos prometemos, referimos diante do Conselho de Oradores o admirável papel que desempenhastes na aquisição desse território e decidiuse que fôsseis recompensado por isso.»

Fez um sinal ao pajem e este saiu; momentos depois, a sala começou a encher-se de homens. Teria esperado que fossem o Mulher Serpente, e outros membros do Conselho de Oradores, mas quando olhei através do meu cristal, fiquei surpreendido, pois eram todos velhos guerreiros — a elite dos guerreiros — todos Campeões Águia, nas armaduras de batalha cheias de penas, os elmos de cabeça de águia, as asas pegadas aos braços e as sandálias de garras nos pés.

Auíztotl apresentou-mos, um a um — os mais altos chefes da Ordem da Águia — e disse:

— «Eles votaram, Mixtli, para te promover, por unanimidade, do insignificante posto de *tequíua*, ao mais alto grau de campeão da sua elevada ordem.

Havia vários rituais a ser cumpridos, claro. Como eu tinha ficado mudo de surpresa, tive que fazer um esforço para recuperar a voz e poder fazer todos os juramentos: que seria leal e lutaria até à morte pela Ordem da Águia, pela supremacia de Tenochtitlan, pelo poder e prestígio da nação Mexíca, pela preservação da Triple Aliança. Tive que fazer um golpe no an-

tebraço, pois os campeões faziam-no, para poder esfregar o meu antebraço no dos outros e assim misturar o nosso sangue em irmandade.

Vesti, então, a armadura acolchoada e todos os seus adornos, para que os meus braços se convertessem em amplas asas, o corpo cobriu-se de penas e os pés cobriram-se com fortes garras de águia. O auge da cerimónia foi a coroação com o elmo: a cabeça de águia. Era feita de casca de árvore, papel rijo e penas coladas com *óli*. O longo bico abria-se, sobressaindo por cima da testa e por baixo do queixo, e os olhos de brilhante obsidiana ficavam algures atrás das minhas orelhas. Deram-me os outros emblemas do meu novo posto: um escudo de couro muito forte, com o símbolo do meu nome trabalhado em penas na parte da frente, as tintas que fariam com que o meu rosto parecesse mais feroz e o brinco de ouro que levaria no nariz, quando o furasse...

Depois, muito sobrecarregado, sentei-me junto de Auítzotl e dos outros, enquanto os criados do palácio serviam um opulento banquete e muitos jarros do melhor *octli*. Tive que fingir que comia bastante, já que nessa altura estava tão nervoso e emocionado que quase não tinha apetite. Contudo, não houve maneira de evitar tanta bebida em resposta aos numerosos e vociferantes brindes — a mim, aos campeões Águia presentes, aos campeões Águia desaparecidos admiravelmente no passado, ao nosso supremo comandante Auítzotzin, ao sempre maior poder dos Mexíca... até que lhes perdi a conta. Por isso, quando por fim me deixaram sair do palácio, eu estava um pouco mais que embriagado e tinha o meu esplêndido uniforme um pouco desordenado.

— «Estou orgulhosa de ti, Záa, e também muito feliz — disse Zyanya, quando acabei de lhe contar tudo —. É realmente uma grande honra. E agora, que bravo feito pensas fazer, meu marido guerreiro? Qual será o teu primeiro acto de valor como campeão Águia?»

— «Hoje, quando a frota de canoas chegar de Xochimílco, não temos de ir comprar flores, minha querida? — respondi debilmente —. Flores para plantar no jardim do nosso terraço?»

A cabeça doía-me tanto, só de me esforçar, que nem sequer tentei compreender por que razão Zyanya, tal como na noite anterior, soltou uma gargalhada.



A nossa nova casa significou uma vida nova para todos os que nela moravam, dado que todos tínhamos muito trabalho a fazer. Zyanya continuou muito ocupada com a interminável e necessária tarefa de visitar os postos do mercado e as oficinas dos artesãos, em busca de «precisamente o



tipo de padrão para o chão do quarto das crianças» ou «uma determinada estatueta para aquele nicho ao cimo das escadas» ou qualquer outra coisa que parecia sempre que lhe escapava.

As minhas contribuições para a casa foram recebidas com aclamações de júbilo, como por exemplo, quando levei uma pequena estátua de pedra para o nicho da escada e Zyanya disse que era «horrrível». Bom, de facto era-o, mas tinha-a comprado porque reparei que era precisamente igual ao disfarce de velho cor de cacau, mirrado, enrugado e curvado que Nezhualpíli usara sempre que se aproximava da minha pessoa. Afinal, a figura representava Huehuetéotl, o Mais Velho dos Velhos Deuses, assim chamado porque era isso que era. Embora já não fosse profundamente venerado, a figura idosa, enrugada e de sorriso trocista, ainda o era como primeiro deus reconhecido por aquelas terras e conhecido desde tempos imemoriais, muito antes de Quetzalcóatl ou qualquer outro, posteriormente adorado. Como se recusou a deixar-me pô-lo em qualquer lugar em que pudesse ser visto pelas visitas, coloquei O Mais Velho dos Velhos Deuses ao lado da nossa cama.

Os três criados, nos poucos meses que estavam connosco, iam à escola de Cozcatl nos seus tempos livres, com resultados apreciáveis. A criadita Coceguenta deixou de se rir estupidamente sempre que alguém falava com ela, e sorria, modesta e serviçal. Estrela Cantora tornou-se tão atento que tinha quase sempre um *poquíetl* aceso para fumar eu, quando me sentava — e eu fumava muito mais do que pretendia.

O meu trabalho passou a ser o de consolidar a minha fortuna. Havia algum tempo que iam chegando a Tenochtitlan caravanas de *pochtéca*, vindas de Uaxyácac, trazendo recipientes com o corante púrpura e os fardos de algodão legalmente comprado ao Bishósu Kosi Yuela. Claro que tinham pago por isso um preço exorbitante e, logicamente, pediam um preço muito mais alto quando o distribuíam pelos mercadores de Tlatelólcó. Mas os nobres mexíca — as mulheres, especialmente — estavam tão ávidos de possuir aquele corante único, que pagavam o que se lhes pedisse. E, uma vez colocado no mercado o púrpura adquirido legalmente, pude, discretamente e sem qualquer perigo, introduzir, pouco a pouco, o meu no mercado.

Vendi o meu tesouro escondido por uma moeda mais fácil de dissimular: jade talhado, algumas esmeraldas e outras pedras, joalheria em ouro e canudos de ouro em pó. Mas Zyanya e eu reservámos o suficiente para uso próprio, tanto que acho que tínhamos mais roupa bordada a púrpura do que o Venerado Orador e todas as suas mulheres. Pelo menos, *sei* que a nossa casa era a única em toda a Tenochtitlan que tinha cortinas de púrpura nas janelas, se bem que apenas fossem admiradas pelos nossos con-

vidados, dado que as que davam para a rua eram de outro material menos sumptuoso.

Visitavam-nos com frequência velhos amigos: Cozcatl, então apropriadamente conhecido por Mestre Cozcatl; os meus associados da Casa dos Pochtéca; um dos vários companheiros de Glutão de Sangue que me tinha ajudado a conseguir a púrpura. Mas também tínhamos feito muitos amigos entre os nossos vizinhos da classe alta, na nossa zona de Ixacuálco e entre os nobres que havíamos conhecido na corte, muito em particular um certo número de damas nobres que se sentiram cativadas pelo encanto de Zyanya. Uma delas era a Primeira-dama de Tenochtitlan, ou seja, a primeira esposa de Auítzotl. Quando vinha de visita, muitas vezes trazia consigo o filho mais velho, Cuautémoc, Águia Em Voo Picado, o jovem senhor que seria o último sucessor ao trono do pai. Se bem que a sucessão dos Mexíca não fosse imutavelmente de pais para filhos, como em algumas outras nações, o filho mais velho era o primeiro candidato a considerar pelo Conselho de Oradores aquando da morte de um Uey-Tlatoáni, sempre que a este não sobrevivesse nenhum irmão. Assim, Zyanya e eu tratávamos Cuautémoctzin e a mãe com a devida deferência; não prejudica estar de boas relações com alguém que, talvez um dia, venha a ser tratado por Venerado Orador.

De tempos a tempos, durante aqueles anos, um mensageiro militar ou o carregador de um mercador chegava do sul e dirigindo-se à nossa casa, trazia-nos uma mensagem de Béu Ribé. A mensagem era sempre a mesma: que ainda não tinha casado, Tecuantépec continuava a ser Tecuantépec, a hospedaria continuava a progredir, e agora muito mais, pelo aumento de tráfego de ida e volta a Xoconóhco. Mas essas escassas notícias eram por demais deprimentes, pois Zyanya e eu só podíamos deduzir que, se Béu continuava solteira, não era por inclinação, mas por falta de pretendentes. E ao pensar nisso, vinha-me sempre à mente o exilado Motecuzóma, porque tinha a certeza, apesar de nunca falar nisso, nem sequer a Zyanya, que fora ele o oficial mexícatl, de estranhas inclinações, que destruíra a vida de Béu. Apenas por uma questão de lealdade familiar, suponho, devia sentir animosidade para com esse Motecuzóma, o Jovem. Apenas pelo que Béu e Auítzotl me tinham dito, devia sentir desprezo por um homem que estropiara, tanto as suas partes privadas, como os seus apetites. Mas ninguém poderia negar que ele fizera o trabalho de guarnição, para manter e desenvolver Xoconóhco.

Colocou uma guarnição armada quase na fronteira com Quautemélan e coordenou pessoalmente o projecto e a construção do forte, que os vizinhos Quiché e Lacandón, sem dúvida, observavam desalentados à medida que se iam erguendo as muralhas e as patrulhas começavam a fazer

as suas rondas. Essa gente desgraçada nunca mais voltou a sair das suas selvas para outros assaltos, nunca mais voltou a ameaçar, a gabar-se ou a demonstrar, de alguma maneira, outro sinal de ambição. Voltaram a ser o que sempre tinham sido, gente esquelética e apática, e, segundo sei, assim continuam.

Os primeiros soldados espanhóis que penetraram em Xoconóchco, surpreenderam-se ao encontrar ali, a tão grande distância de Tenochtitlan, tantos povos que, sem qualquer relação com os Mexíca — os Mame, Mixe, Comitéca e outros — falavam o nosso *náhuatl*. Sim, essa foi a terra mais distante onde se podia parar e dizer: «Isto é solo Mexíca.» Era também, apesar da distância entre ela e O Coração do Mundo Único, talvez a província mais leal, e isso devia-se ao facto de que muitos Mexíca tinham ido viver para Xoconóchco depois da sua anexação.

Muito antes de a guarnição de Motecuzóma estar concluída, outros começaram a estabelecer-se na área e a construir casas, postos de mercado, hospedarias rudimentares e até casas de prazer. Eram imigrantes Mexíca, Acolhia e Tecpanéca em busca de horizontes mais vastos e oportunidades que nunca conseguiriam encontrar nas terras superlotadas da Tripla Aliança. Na altura em que a guarnição ficou completamente acabada, armada e guarnecida, esta estendeu a sua sombra protectora sobre um povo de dimensões consideráveis. A terra tomou o nome *náhuatl* de Tapáchtlan, Lugar de Coral, e apesar de nunca se ter aproximado do tamanho de Tenochtitlan, a cidade que lhe deu origem, é ainda uma das comunidades maiores e de maior movimento a leste do istmo de Tecuantepec.

Muitos dos que vieram do norte, depois de terem estado algum tempo em Tapáchtlan ou em qualquer outro sítio do Xoconóchco, foram ainda para mais longe. Nunca viajei até tão longe, mas sei que mais a leste da selva de Quautemélan há umas terras altas muito férteis e terras costeiras. E para lá delas, há outro istmo, ainda mais estreito do que o de Tecuantepec, dobrado entre os oceanos do norte e do sul, se bem que ninguém possa dizer a que distância fica. Uns insistem em que num qualquer lugar desses há um rio que liga os dois oceanos. O vosso Capitão General Cortés foi procurá-lo, em vão, mas talvez alguns outros espanhóis ainda um dia o consigam encontrar.

Embora a chegada progressiva de imigrantes consistisse apenas em exploradores individuais ou no máximo em grupos de famílias, e apesar de se terem instalado apenas esparsamente por aquelas terras longínquas, disseram-me que deixaram marcas indeléveis entre os nativos desses lugares. Tribos que nunca, nem muito remotamente, seriam aparentados com ninguém da Tripla Aliança, têm agora os nossos traços; falam a nossa língua *náhuatl*, se bem que em dialectos adulterados; adoptaram e perpetuaram

muitos trajes e artesanato Mexíca; começaram a dar nomes *náhuatl* às suas aldeias, montanhas e rios.

Vários espanhóis que tinham vindo de muito longe perguntaram-me: «O vosso império Asteca era realmente tão vasto que os seus confins chegavam até ao império Inca no grande continente a sul?» Se bem que não compreendesse completamente a pergunta, respondia-lhes sempre: «Não, meus Senhores.» Não sei muito bem o que é um império, um continente ou um Inca. Mas sei que nós, os Mexíca — os Azetecas, se preferirem — nunca levámos as nossas fronteiras para além de Xoconóchco.

Naquela época, nem todos os olhos e interesses se concentravam no sul. O nosso Uey-Tlatoáni não ignorava os outros pontos cardeais. Fiquei muito contente por poder interromper a rotina doméstica, quando um dia Auítzotl me mandou chamar ao palácio para me perguntar se eu podia encarregar-me de uma missão diplomática em Michihuacán.

— «Trabalhastes tão bem para nós em Uaxyácac e no Xoconóchco — disse —. Achas que poderias conseguir-nos relações melhores do que as actuais com a Terra dos Pescadores?»

Respondi-lhe que poderia tentar.

— «Mas porquê meu Senhor? Os Purémpecha permitem a livre passagem através das suas terras aos nossos viajantes e mercadores. Negoceiam connosco. Quanto a relações, que mais lhes podemos pedir?»

— «Oh, pensa em qualquer coisa — disse alegremente —. Pensa em qualquer coisa que possa justificar a tua visita ao seu Uandákuari, o velho Yquíngare.» — Devo ter olhado para ele com perplexidade, pois explicou-me: — «As tuas supostas negociações diplomáticas seriam apenas uma máscara para encobrir a tua verdadeira missão. Queremos que nos tragas o segredo de como conseguem o metal extraordinariamente duro capaz de destruir as nossas armas de obsidiana.»

Respirei profundamente e tentei parecer razoável em vez de apreensivo.

— «Meu Senhor, provavelmente os artesãos que sabem como forjar esse metal devem estar a bom recato, longe de um encontro com qualquer estrangeiro que os faça trair o segredo.»

— «E as armas têm que estar guardadas, em segurança, longe da vista de qualquer curioso — disse Auítzotl com impaciência —. Sabemos isso, mas também sabemos que há uma excepção dentro dessa política. Os conselheiros mais próximos e a guarda pessoal de Uandáhuari, andam *sempre* armados com essas armas de metal para o proteger de qualquer atentado. Vai ao seu palácio e terás oportunidade de arranjar uma espada dessas, uma faca, ou algo no género. É tudo o que precisamos. Se os nossos forjadores

conseguirem uma amostra para estudo, poderão determinar a composição do metal.»

Suspirei e disse:

— «Como o meu Senhor ordenar. Um campeão Águia deve fazê-lo. — Pensei nas dificuldades que me esperavam nessa tarefa e então sugeri: — Se apenas lá vou para roubar, na verdade não preciso da complicada desculpa de negociações diplomáticas. Poderia ser apenas um enviado, levando um presente de amizade do Venerado Orador Auítzotl para o Venerado Orador Yquingare.»

Auítzotl reflectiu, franzindo a testa.

— «Mas o quê? — disse —. Há tantas coisas preciosas em Michihuacán como cá, teria que ser algo de valor incalculável para ele, algo único.»

Arrisquei timidamente:

— «Os Purémpecha são muito dados a estranhas diversões sexuais. Mas não. O Uandákuari é velho. Sem dúvida que já experimentou todas as delícias e indecências sexuais e está para além...»

— «*Ayyo!* — gritou Auítzotl, triunfante —. Há uma delícia que não é possível ter provado, uma a que não é possível ele resistir. Um novo *tex-quáni* que acabámos de comprar para o nosso zoológico humano.» — Eu estremeci, tenho a certeza de que visivelmente, mas ele não se apercebeu pois estava a mandar um criado ir buscar qualquer coisa.

Tentei imaginar que tipo de monstro humano poderia fazer erguer o *tepúli* do velho mais licencioso e desavergonhado, quando Auítzotl disse:

— «Olha para isto, Campeão Mixtli! Aqui estão.» — E eu levantei o cristal.

Eram duas raparigas feias, mas por simples caridade eu dificilmente lhes teria chamado monstros. Um pouco invulgares, sim, já que eram gémeas idênticas. Calculei que deviam ter uns catorze anos e que deviam pertencer a alguma tribo Olméca, pois estavam as duas a mascar *tzictli* tão calmamente como um par de manatins. Ficaram de pé ombro com ombro, ligeiramente voltadas uma para a outra, e cada uma apoiava o braço no ombro da outra. Traziam uma simples manta enrolada em volta dos seus corpos, dos pés à cabeça.

— «Ainda não foram mostradas em público — disse Auítzotl — porque a costureira do palácio ainda não acabou as blusas e as saias que elas requerem. Rapaz, tirai-lhes a manta.»

Ele assim fez, e os meus olhos esbugalharam-se de surpresa quando vi as raparigas nuas. Não eram apenas gémeas; parecia que no útero materno alguma coisa delas se tinha fundido. Dos sovacos às ancas, estavam unidas por uma pele comum e tão apertada, que não podiam estar de pé, sentar-se,

andar ou deitar-se excepto meio voltadas uma para a outra. Por um momento pensei que só tinham três seios, mas quando me aproximei, vi que a seio do meio era na realidade formado por dois peitos normais, mas muito juntos, pois eu podia dividi-los com a mão. Olhei as raparigas por todos os lados; quatro peitos à frente, dois pares de nádegas atrás. Apenas por não terem rostos belos nem inteligentes, não conseguia ver outra deformação à excepção da parte da pele que partilhavam.

— «Não poderiam ser cortadas? — perguntei —. Cada uma teria uma cicatriz, mas poderiam viver separadas e normais.»

— «Com que objectivo? — grunhiu Auítzotl —. Que uso mundano se poderia dar a estas fêmeas Olméca, mascadoras de *tziactli* e de *tequáni*? Juntas são uma novidade valiosa e podem gozar uma vida de *tequáni*, agradável e ociosa. De modo nenhum, os nossos cirurgiões chegaram à conclusão de que não podem ser separadas. Por dentro dessa tira pendente de pele, partilham diversas veias e artérias vitais e talvez até um ou dois órgãos. Mas... e é isto que vai seduzir Yquíngare — cada uma tem a sua própria *tipili* e são ambas virgens.

— «É pena que não sejam bonitas — disse eu, pensativo —. Mas tendes razão, meu Senhor. A única novidade que elas oferecem deve-se a essa tira de pele. — Dirigi-me às gémeas —: Tendes nome? Podeis falar?»

Elas responderam em língua *coatlicamac* e quase em uníssono:

— «Eu sou a Esquerda.»

— «Eu sou a Direita.»

Auítzotl disse:

— «Tínhamos intenção de as apresentar ao público como a Senhora Par. O nome da deusa Omecúuatl. Uma espécie de brincadeira.»

— «Se um presente pouco vulgar puder fazer com que o Uandákuari se torne mais amigável para connosco, a Senhora Par seria esse presente e eu ficarei muito contente em poder levá-lo — disse eu —. Apenas uma recomendação, meu Senhor, para o tornar ainda mais atractivo. Mandai cortar-lhes todos os pêlos púbicos, o cabelo e as sobrancelhas. É essa a moda purémpe.»

— «Uma moda singular — comentou Auítzotl, admirado —. O cabelo é o único atractivo que elas têm, mas assim será feito. Prepara-te para partir assim que o guarda-roupa delas estiver acabado.»

— «Estarei às vossas ordens, Senhor Orador. E tenho esperança de que a apresentação da Senhora Par cause suficiente emoção na corte para que possa furtar uma das suas armas de metal no meio da confusão, sem que eles se apercebam.»

— «Não tenhas só esperança — ordenou Auítzotl —. Trata de o fazer!»

— «Ah, pobres raparigas! — exclamou Zyanya quase a chorar, quando lhe apresentei a Senhora Par. Fiquei surpreendido por alguém mostrar pena delas, já que todos os que estavam relacionados com Esquerda e Direita, ou se riam ou troçavam, ou, como Auítzotl, olhavam-nas como mercadoria negociável, como carne de algum animal raro. Mas Zyanya, tratou-as maternalmente e com ternura ao longo de todo o caminho para Tzintzuntzaní, e cuidou continuamente delas garantindo-lhes — como se elas tivessem cérebro suficiente para se aperceber — que iam ao encontro de uma nova vida maravilhosa, de liberdade e luxo. Bem, suponho que estariam muito melhor na liberdade relativa de um palácio, ainda que fossem uma espécie de concubina dupla, do que sendo um objecto sempre a ser apontado e motivo de riso, confinadas ao zoológico da cidade.

Zyanya foi comigo porque, quando lhe falei dessa última e estranha embaixada que me fora atribuída, insistira em ir também. Ao princípio disse-lhe terminantemente que não, pois sabia que, o mais provável seria que nenhum dos que me acompanhavam viveria durante muito tempo se fosse apanhado a tentar roubar uma das sacrossantas armas de metal. Mas Zyanya demonstrou-me persuasivamente que, se conseguíssemos, antecipadamente, dissipar as suspeitas do nosso anfitrião, eu teria uma maior oportunidade de me ir aproximando da tal arma e conseguir obtê-la sem ser descoberto.

— «E o que pode ser menos suspeito do que um homem e a esposa a viajarem juntos? — perguntou —. E eu gostaria de *ver* as paisagens de Michihuacán, Záa.»

A sua ideia do homem com a esposa tinha um certo mérito, reflecti, ainda que não o mérito que ela lhe dava. Para os lúbricos e licenciosos Purémpecha, ao verem um homem a viajar com a própria companheira, a companheira vulgar e corrente de todos os dias, numa nação onde era só pedir, para se poder ter outra, outro tipo, ou várias companhias, ficariam confundidos. Desdenhariam de mim considerando-me impotente, tolo, sem imaginação e letárgico para ser um ladrão, um espião ou até mesmo perigoso. Assim, disse que sim a Zyanya e esta começou imediatamente a preparar tudo para a viagem.

Auítzotl mandou-me chamar quando as gémeas já tinham o guarda-roupa pronto para partir, pelo que me apresentei no palácio. *Ayya!* Fiquei horrorizado quando vi pela primeira vez como tinham rapado as raparigas. As cabeças pareciam-se com os peitos nus — cónicas, rematadas em ponta — e perguntei a mim mesmo se a minha recomendação não teria sido um erro terrível. Uma cabeça rapada poderia ser o cúmulo da beleza para um Purémpe, mas sê-lo-ia também se a cabeça rapada fosse *pontiaguda*? Bom, era tarde demais para o remediar; tinham que ficar como estavam.

Foi também quando descobrimos que uma liteira normal não serviria para levar Esquerda e Direita e que seria preciso construir uma adaptada às suas necessidades peculiares, o que atrasou a partida por alguns dias. Mas Auítzotl estava determinado a não se poupar a despesas com aquela expedição, e assim, quando por fim partimos, constituíamos uma grande caravana.

À frente iam dois guardas do palácio visivelmente desarmados, se bem que eu soubesse que ambos eram especializados em combate corpo a corpo. Eu levava apenas o escudo brasonado que me identificava como campeão Águia e uma carta de apresentação assinada pelo Uey-Tlatoáni Auítzotl. Caminhava ao lado da liteira de Zyanya, carregada por quatro homens, desempenhando o meu papel de marido domesticado, chamando-lhe a atenção para uma ou outra paisagem. Atrás de nós vinha a liteira das gémeas, transportada por oito homens, e a eles seguiam-se outros que os substituiriam no transporte das pesadas varas. A liteira fora construída de uma forma especial, pelo que não era um simples assento, mas tinha tecto como uma pequena cabana e cortinas que podiam ser corridas dos dois lados. A cauda da procissão compreendia numerosos escravos carregados com os nossos fardos, cestos e provisões.

Três ou quatro dias de caminho pela rota dos comerciantes levaram-nos a uma aldeia chamada Zitákuaro, onde, num posto de guarda nas suas redondezas, estava marcada a fronteira com Michihuacán. Aí nos detivemos, enquanto os guardas Purémpecha da fronteira examinaram com todo o cuidado e respeito a carta que lhes apresentei, e picaram, mas sem os abrir, vários dos nossos fardos. Pareceram surpreendidos quando viram a enorme liteira, e dentro dela, as duas raparigas rapadas, idênticas, numa posição que parecia muito desconfortável. Mas não fizeram qualquer comentário; afastaram-se com cortesia para que eu, a minha mulher e a nossa comitiva passássemos.

Depois disso, não nos voltaram a mandar parar ou intimar, mas eu mandei correr as cortinas da liteira da Senhora Par, para que não fossem vistas por nenhum nativo, à nossa passagem. Sabia que um mensageiro veloz estaria nessa altura a informar o Uandákuari da nossa chegada, mas desejava que o presente conservasse o mistério e sem ser descrito, o máximo tempo possível, até à nossa chegada ao palácio. Zyanya pensou que era uma crueldade da minha parte: deixar que as gémeas percorressem todo o caminho sem poderem ver nada do novo país em que iriam viver. Assim, de cada vez que lhe mostrava a *ela* algo de interesse, Zyanya mandava parar toda a caravana e, quando não se via nenhum viajante no caminho, ia pessoalmente ter com as gémeas e abrir as cortinas para lhes mostrar o que tinha despertado o meu interesse. Continuou a fazer isso



enquanto atravessávamos Michihuacán, para minha grande exasperação, já que Esquerda e Direita pareciam completamente apáticas e indiferentes ao que as rodeava.

A viagem teria sido extremamente enfadonha para mim, se não fosse a presença de Zyanya; estava muito satisfeito por ela me ter convencido a tê-la trazido. De vez em quando, fazia-me mesmo esquecer a difícil tarefa que eu teria de levar a cabo quando chegássemos ao nosso destino. Sempre que a caravana descrevia uma curva do caminho ou subia um monte, Zyanya via qualquer coisa de novo, soltava várias exclamações e escutava com uma atenção infantil as minhas explicações.

A primeira coisa que naquela gente despertou a curiosidade de Zyanya foi, claro, a preponderância de cabeças lustrosas pela falta de cabelo. Já lhe tinha falado sobre esse costume, mas dizer não é o mesmo que ver. Quando, pouco a pouco, se habituou a isso, ficava a olhar fixamente para algum jovem e murmurava: Aquele é um rapaz. Não, é uma rapariga...» e tenho que admitir que eles olhavam para ela com a mesma curiosidade. Os Purémpecha estavam habituados a ver outras gentes com cabelo — viajantes estrangeiros, a sua gente de classe baixa e, talvez, alguns excêntricos —, mas nunca tinham visto uma mulher bonita com um cabelo tão comprido e abundante, e que, a partir da testa, tinha uma luminosa madeixa branca, pelo que também eles olhavam fixamente e murmuravam.

Havia outras maravilhas, para além da gente. A parte de Michihuacán que estávamos a percorrer naquela altura tinha montanhas, como qualquer outra terra, mas estas pareciam estar assentes no horizonte, sendo um simples marco das planícies ou da terra levemente ondulante que encerravam. Algumas partes daquele território eram florestas, outras, pradarias cobertas de feno e de flores silvestres. Mas a maior parte consistia em enormes e produtivas terras de cultivo. Havia campos imensos de milho, feijão, *chilis*, hortas de *ahuácatin* e frutos mais doces. Aqui e ali, erguiam-se no meio dos campos celeiros de adobe onde se armazenavam as sementes e a produção. Eram construídos em forma cónica, como que uma reminiscência das cabeças pontiagudas da Senhora Par.

Naquelas regiões, até as habitações mais humildes eram agradáveis de ver. Eram todas feitas de madeira, uma vez que esta abundava ali, as tábuas e vigas eram postas engenhosamente sobre apertados encaixes, todas juntas, sem argamassa ou cordas a amarrá-las. Cada casa tinha um telhado alto e pontiagudo, cujos beirais desciam, cercando-a, pois esse tipo de construção era o melhor para dar sombra durante a estação húmida, e alguns telhados estavam feitos com imaginação, de maneira que as quatro esquinas ficassem levantadas em pontas ornamentais. Aquela era a estação das andorinhas e nunca vi tantas como em Michihuacán, voando, pairando,

esvoaçando, deslizando por todo o lado, sem dúvida porque esses amplos beirais eram muito adequados para fazerem os ninhos.

Com os seus bosques e correntes de água, Michihuacán era um lar hospitaleiro para todo o género de aves. Os rios reflectiam as cores cintilantes e brilhantes dos gaios, papa-mosquitos e pássaros pescadores. Nas florestas, ouvia-se constantemente o peculiar ruído de pregar e tamborilar dos pica-paus. Nos baixios do lago, pousavam as garças brancas e azuis, e o ainda maior *kuinko*. O *kuinko* tem um bico em forma de colher; uma forma deselegante e longas pernas desajeitadas. Mas é soberbo na sua plumagem cor do crepúsculo e, quando um bando levanta voo, é como se o vento se tornasse cor-de-rosa e visível.

A única concentração humana de Michihuáca vivia nas aldeias que la-deavam o grande Lago dos Juncos, Pátzkuaro, ou ainda nas pequenas ilhas do lago. Ainda que cada aldeia dos arredores vivesse da caça de aves e da pesca, cada uma tinha, por ordens do Uandákuari, que produzir ou providenciar uma especialidade local que pudesse trocar com as outras. Uma comunidade trabalhava a madeira, outra tecia a roupa, outra entrançava juncos para os converter em tapetes, outra fazia trabalhos de laca, e assim por diante. Na aldeia com o nome do lago, Pátzkuaro, ficava o mercado para todas essas trocas. Em Xarákuaro, uma ilha, no meio do lago, tinham construído templos e altares, e era o centro cerimonial para os habitantes de todas as aldeias. Tzintzuntzaní, Onde Há Colibris, era a capital e o centro de toda aquela actividade, a qual nada produzia, a não ser as decisões, ordens e regras que governavam a nação inteira. Consistia toda ela em palácios e era inteiramente habitada por nobres e as suas famílias, os seus cortesãos, sacerdotes e servos.

Quando nos estávamos a aproximar de Tzintzuntzaní, o primeiro objecto feito pelo homem que podíamos ver, a várias corridas compridas de distância de caminho, era a antiga *iyákata*, como é chamada a pirâmide em *poré*, que se erguia nas alturas a leste dos palácios dos nobres. Para lá de toda a imaginação, essa *iyákata*, não muito alta mas extravagantemente alongada, era uma curiosa mistura de praças e de edifícios, que tinham acabado por se converter num majestoso monte de pedras, pois havia já muito tempo que o revestimento de lajes e gesso colorido estava muito esboroadado e coberto de verdura.

Os numerosos palácios de Onde Há Colibris eram todos construídos de madeira e, mesmo que parecessem menos impressionantes que os palácios de pedra de Tenochtitlan, eram completamente diferentes, pelo que tinham a sua própria grandeza. Sob os beirais salientes dos altos telhados pontiagudos, de cantos enroscados, havia sempre dois andares e o de cima era totalmente rodeado por uma galeria exterior. Os poderosos troncos de

cedro que sustentavam aqueles edifícios, as colunas, os remates, as muitas vigas visíveis por baixo das goteiras, eram, todos eles, elaboradamente trabalhados e gravados com espirais e filigranas. Sempre que conseguissem arranjar artistas, os trabalhos de laca eram laboriosamente aplicados à mão. Todos os palácios tinham belos ornamentos que brilhavam com cor e ouro laminado, mas, claro, o palácio do Uandákuari fazia com que os outros parecessem insignificantes.

Os mensageiros-velozes tinham mantido Yquíngare informado da nossa aproximação, pelo que a nossa chegada era esperada e um grande número de nobres com as suas esposas aguardava para nos receber. Um pouco antes, a comitiva tinha-se desviado para o lago e, procurado um lugar isolado para nos lavarmos e vestirmos roupas mais finas. Chegámos frescos e altivos ao pátio do palácio — um jardim sombreado por árvores frondosas — onde mandei pousar as liteiras. Dispensei guardas e carregadores, que foram conduzidos às instalações dos criados. Apenas Zyanya, a Senhora Par e eu atravessámos o jardim até ao grande edifício do palácio. Na confusão geral provocada por aqueles que nos recebiam, a maneira singular de caminhar das gémeas passou despercebida.

Entre os alegres murmúrios e tagarelice de boas-vindas, apesar de não compreender absolutamente nada do que diziam, fomos conduzidos através dos portões de cedro até um terraço também de cedro, depois atravessámos uma grande porta aberta e passámos por um corredor até ao salão de recepções de Yquíngare. Era imensamente comprido e largo com dois andares, como o pátio interior do palácio de Tenochtitlan, mas coberto. De cada lado havia uma escada que dava para uma varanda circular, para a qual se abriam as divisões superiores. O Uandákuari estava sentado no trono, que era apenas uma cadeira baixa, mas da entrada até onde ele estava, a distância era tão grande que se notava claramente que tinha sido projectada dessa maneira para que cada visitante se sentisse como um suplicante.

Grande como era, o vestíbulo estava completamente cheio de damas e cavalheiros elegantemente vestidos, que se afastaram para nos dar passagem. Eu, seguido de Zyanya e da Senhora Par encaminhámo-nos, solenemente para o trono, devagar, em procissão. Levantei o cristal apenas o tempo suficiente para olhar bem para Yquíngare. Apenas o vira na dedicação da Grande Pirâmide, e nessa altura não o vislumbrara com nitidez. Já então era velho, e mais velho parecia agora: um homem franzino e enrugado. Deveria ter sido a sua calvície que inspirara aquela moda entre o povo, ainda que ele não precisasse de uma lâmina de obsidiana para se rapar. Era tão desdentado como careca e quase sem voz: deu-nos as boas-vindas num sussurro desmaiado, como o som do agitar de um pequeno pote de sementes. Apesar de me sentir satisfeito por me desembaraçar da desajeitada Senhora

Par, senti um certo remorso ao pô-la, embora ela fosse uma anormalidade, entre os dedos enclavinhados daquela velha semente retorcida e murcha.

Entreguei-lhe a carta de Auitzotl e o Uandákuari, por sua vez, entregou-a ao filho mais velho, ordenando-lhe com impertinência que a lesse em voz alta. Sempre tinha concebido os príncipes como jovens, mas se aquele Príncipe Herdeiro Tzímztzicha deixasse crescer o cabelo, este seria grisalho; contudo o pai ainda lhe dava ordens, como se ele não usasse tanga por baixo do manto.

— «Um presente para mim, heim? — grasnou o pai quando o filho acabou de ler a carta em *poré*. Pousou os olhos remelosos sobre Zyanya, que estava de pé ao meu lado, e estalou as gengivas —. Ah, pode ser uma novidade, sim. Que a rapem toda, menos a madeixa branca...»

Zyanya, horrorizada, pôs-se atrás de mim.

— «Aqui está o presente, meu Senhor Yquíngare.» — disse eu rapidamente e aproximei-me da Senhora Par. Fi-las ficar exactamente em frente ao trono e arranquei-lhes a vestimenta púrpura, de uma só peça, que as cobria do pescoço até aos pés. A multidão ali reunida lançou um grito por eu ter destruído aquela peça feita de um material tão fino, mas, logo a seguir, soltaram outro, de surpresa, quando o tecido caiu e as gémeas ficaram nuas.

— «Pelos ovos emplumados de Kurikáuri!» — resfolegou o velho, usando o nome *poré* de Quetzalcóatl. Continuou a dizer qualquer coisa. Mas a voz perdeu-se entre a tagarelice dos cortesãos, que continuavam com as suas exclamações de surpresa, e o único que consegui perceber, é que ele se estava a babar pelo queixo. Obviamente, o presente fora um sucesso.

Foi dada a oportunidade a todos os presentes, incluindo às diversas esposas coroadas e concubinas do Uandákuari, de se aproximarem aos encontros, para verem de perto a Senhora Par. Alguns homens e também mulheres aproximaram-se descaradamente e acariciaram com as próprias mãos uma parte do corpo da Senhora Par. Quando a curiosidade de todos ficou satisfeita, Yquíngare grasnou uma ordem que deixou o salão de recepções completamente vazio, à excepção de nós, do Príncipe Herdeiro e de alguns guardas impassíveis, nos cantos.

— «Alimentem-me agora — disse o velho, esfregando as mãos secas uma na outra —. Devem preparar-se para fazer um bom relato de mim, heim?»

O príncipe Tzímztzicha transmitiu a ordem a um guarda, que saiu. Momentos depois começaram a chegar criados trazendo uma toalha para a comida, que depositaram ali mesmo e depois de Zyanya acabar de vestir as gémeas, com o vestido rasgado, sentámo-nos os seis. Deduzi que normalmente não era permitido ao Príncipe Herdeiro comer ao mesmo

tempo que o pai, mas como falava correctamente *náhuatl*, poderia servir de intérprete quando o velho e eu não nos conseguíssemos entender. Entretanto, Zyanya ajudava a Senhora Par a comer, com uma colher, já que, de outra maneira, até teriam tomado a espuma do chocolate com os dedos e às mãos-cheias, mastigando com as bocas abertas e fazendo enjoar todos os presentes.

Mesmo assim, os seus modos não eram piores do que os do velho. Quando nos serviram o delicioso peixe branco, que só se consegue encontrar no lago de Pátzhuaro, disse-nos com o seu sorriso desdentado:

— «Comam, desfrutem. Eu só posso beber leite.»

— «Leite? — repetiu Zyanya, delicadamente —: Leite de gazela, meu Senhor?»

Então ela levantou as sobrancelhas de surpresa. Uma mulher muito forte, muito rapada, chegou, pôs-se ao lado do Uandákuari, levantou a blusa e ofereceu-lhe um peito muito, muito grande que, se tivesse cara, poderia ser a sua cabeça rapada. Durante o resto da refeição, quando Yquíngare não estava a fazer perguntas acerca das peculiaridades da Senhora Par, da sua origem e da sua aquisição, estava a sugar ruidosa e indistintamente ora de um peito ora do outro.

Zyanya evitava olhar para ele, tal como o Príncipe Herdeiro; estes passavam a comida de um lado para o outro, nos pratos de ouro e lacados. As gémeas comiam vorazmente, como sempre faziam, e eu também, porque prestava menos atenção às vulgaridades de Yquíngare do que a outra coisa que via atrás dele. Quando entrei no salão pela primeira vez, pude aperceber-me de que os guardas usavam lanças, cujas pontas eram de cobre, mas de um peculiar cobre escuro. Naquele momento, apercebi-me de que, tanto o Uandákuari como o filho, usavam adagas do mesmo metal, penduradas na cintura e seguras com presilhas de cabedal.

O velho estava a impingir-me um discurso circular com o objectivo de me perguntar se também lhe conseguia arranjar um par de adolescentes varões unidos, quando Zyanya, como se não conseguisse aguentar mais, o interrompeu, perguntando-lhe:

— «Que bebida deliciosa é esta?»

O Príncipe Herdeiro pareceu muito satisfeito com esta interrupção e, inclinando-se sobre a toalha, disse que era *chápári*, um produto do mel de abelhas, muito, muito forte, e que seria bom que ela não bebesse muito, da primeira vez.

— «Que maravilha! — exclamou, esgotando a taça lacada —. Se o mel pode embriagar tanto, porque é que as abelhas não andam sempre tontas? — Deu um soluço e ficou a pensar, evidentemente nas abelhas, porque quando o Uandákuari tentou retomar aquela tola investigação, Zyanya dis-

se em voz alta: — E talvez andem. Quem sabe?» — E serviu mais uma taça para ela e outra para mim, entornando um pouco.

O velho suspirou, chupou pela última vez o peito babado da sua ama de leite e deu-lhe uma sonora palmada numa nádega, em sinal de que a horrorosa refeição tinha terminado. Zyanya e eu apressámo-nos a beber as nossas segundas taças de *chápari*.

— «Muito bem» — disse Yquíngare, apertando tanto a boca, que chegou com o nariz ao queixo. O filho levantou-se de um salto, para o ajudar a pôr-se de pé.

— «Um momento, meu Senhor — disse eu —. Só um momento; vou dar, algumas instruções à Senhora Par.»

— «Instruções» — perguntou, suspeito.

— «Para que sejam condescendentes — disse eu, sorrindo como se fosse um alcoviteiro —. Como são virgens, podem ser tímidas ao serem acariciadas.»

— Ah? — exclamou com voz rouca, sorrindo também —. Com que então, virgens? Sim, condescendência, tendes toda a razão, condescendência.»

Zyanya e Tzímzticha lançaram-me ambos um olhar de desprezo quando chamei as gémeas à parte e lhes dei instruções urgentes que naquele momento me ocorreram. Foi bastante difícil, pois tinha que falar muito baixo e numa mistura de *náhuatl* e *coatlicamac*, e elas eram extremamente estúpidas, mas, por fim, assentiram as duas, ainda que com um certa compreensão lenta e, encolhendo os ombros, de esperança e desespero, levei-as até ao Uandákuari. Sem protestar, acompanharam-no escada acima, ajudando-o a subir e, de facto, pareciam um caranguejo a ajudar um peixe-sapo. Um pouco antes de chegar ao andar de cima, o peixe-sapo voltou-se e gritou qualquer coisa em *poré*, com voz tão rouca que não consegui entender uma palavra. Tzímzticha assentiu obediente, depois voltou-se, e perguntou-me se eu e a minha senhora estávamos prontos para nos retirarmos. Ela soltou apenas um soluço, pelo que eu respondi que sim, pois tinha sido um dia muito longo. Seguimos o Príncipe Herdeiro escadas acima, pelo outro lado do vestíbulo.

E aconteceu que, em Tzintzuntzaní, pela primeira e única vez na nossa vida de casados, Zyanya e eu nos deitámos com outras pessoas. Mas por favor lembrai-vos, reverendos frades, que tanto ela como eu estávamos um pouco embriagados do *chápari*. De qualquer maneira, não foi exactamente como parece, e vou explicar-vos o melhor que puder.

Antes de sair de casa, tinha tentado explicar a Zyanya a predilecção dos Purémpecha por inventarem práticas sexuais voluptuosas e perversas.

Concordámos em não demonstrar surpresa ou repugnância perante qualquer tipo de hospitalidade dessa natureza que o nosso anfitrião nos pudesse oferecer, senão decliná-la da melhor maneira possível. Ou pelo menos assim combinámos. Mas quando essa hospitalidade nos foi brindada e quando nos apercebemos do que se tratava, já estávamos a tomar parte nela. E não recuámos porque, — ainda que ela e eu não conseguíssemos depois decidir se fora maldoso ou inócuo — foi inegavelmente delicioso.

À medida que nos conduzia pelo piso superior, Tzímzticha voltou-se e, imitando o meu sorriso de alcoviteiro, perguntou:

— «Quererão, o senhor campeão e a sua senhora, quartos separados? Camas separadas?»

— «Com certeza que não» — disse eu antes que me perguntasse «Que-  
reis outros amantes?», ou qualquer outra indecência.

— Então é uma câmara conjugal, meu senhor — disse ele, concordando —. Mas, por vezes — voltou ao mesmo, como que em conversa —, depois de um esgotante dia de viagem, até o casal mais bem avindo pode estar fatigado. A Corte de Tzintzuntzaní julgar-se-ia negligente se os seus hóspedes se sentissem demasiado fatigados para se poderem satisfazer um ao outro. Portanto, oferecemo-vos um serviço chamado *atánatanárani*. Este aumenta adequadamente o homem e torna a mulher mais receptiva, talvez até a um extremo que nunca tendeis desfrutado.»

A palavra *atánatanárani*, até onde consegui interpretar os seus elementos, significava apenas «juntar-se ao mesmo tempo». Antes de conseguir averiguar como poderiam aumentar alguma coisa, juntando-a ao mesmo tempo, já ele se tinha inclinado à nossa frente, dentro dos nossos aposentos e, dando meia volta, fechou atrás de si a porta lacada.

O quarto, iluminado por lamparinas, tinha a cama maior, mais macia e com a maior profusão de cobertores que eu já tinha visto. Estavam também dois escravos de meia-idade à nossa espera: um homem e uma mulher. Olhei-os com uma certa apreensão, mas apenas me pediram autorização para preparar os nossos banhos. Junto à câmara, havia duas casas de banho completas, uma para cada um, incluindo a banheira e o quarto de vapor, já pronto. O meu criado ajudou-me a lavar com a esponja e depois esfregou-me vigorosamente com pedra-pomes, no quarto de vapor, mas não fez mais nada que me incomodasse. Pensei que os escravos, o banho de água e de vapor eram o que o Príncipe Herdeiro tinha querido dizer com «um serviço chamado *atánatanárani*». Se era isso, não era senão uma coisa agradável e civilizada, nada obscena e tinha funcionado muito bem. Sentia-me fresco, com a pele formigante e muito mais «adequado» para, como disse Tzímzticha, poder «satisfazer» a minha mulher.

A escrava dela inclinou-se ao mesmo tempo que o meu escravo, antes

de sair, e ela e eu saímos das casas de banho para encontrarmos o quarto completamente às escuras. As cortinas estavam corridas e as lamparinas apagadas, pelo que levámos algum tempo a encontrar-nos naquele imenso quarto e outro tanto a encontrar a imensa cama. Estava uma noite quente; só o cobertor de cima tinha sido dobrado. Deslizámos para ela e descansámos um ao lado do outro, de costas, contentes por poder desfrutar de uma suavidade de nuvem por baixo de nós.

Zyanya murmurou, dormente:

— Sabes, Záa? Ainda me sinto embriagada como uma abelha. — Então, subitamente, estremeceu e ofegou —: *Ayyo*, estás muito ansioso! Apanhaste-me de surpresa.»

Estive quase a dizer o mesmo. Apalpei-me por baixo, onde uma mãozinha manuseava suavemente, com gentileza; a mão *dela*, pensei — e exclamei, espantado:

— «Zyanya!»

Quase ao mesmo tempo, ela disse:

— «Záa, posso senti-lo... é uma *criança* que está aqui em baixo. A brincar com a minha... a brincar comigo.»

— «Eu também tenho um — disse, ainda mais surpreendido —. Estavam à nossa espera debaixo dos cobertores. O que vamos fazer agora?»

Esperava que ela dissesse «Dar-lhes um pontapé!» ou que fizesse ambas as coisas, mas em vez disso, deu outro pequeno estremeção, riu, sufocada, e repetiu a minha pergunta:

— «O que vamos fazer? O que está *o teu* a fazer?»

Eu disse-lhe.

— «Também o meu.»

— «Não é desagradável.»

— «Não, realmente não é.»

— «Devem ser preparados para isto.»

— «Mas não para sua própria satisfação. Este, pelo menos, é muito novo.»

— «Não. Fazem-no só para aumentar o nosso prazer, como disse o príncipe.»

Faço estes comentários com voz fria e desapaixonada. Mas não era assim. Falávamos com vozes roucas e entrecortadas por arquejos e movimentos involuntários.

— «O teu é rapaz ou rapariga? Não consigo esticar-me o suficiente para... ah! sim! Com as pestanas!»

— «Estão bem treinados.»

— «Oh, refinadamente. Pergunto-me se cada um foi treinado para... quero dizer...»



— «Vamos trocar e já saberemos.»

As duas crianças não puseram qualquer objecção por trocar de lugar e a execução não diminuiu em absolutamente nada. Talvez a boca brincalhona desta fosse mais quente e molhada, acabando por fazer com que...

Bem, não me quero entreter muito com este episódio; Zyanya e eu depressa entrámos num frenesim, beijando-nos cada vez mais apaixonadamente, agarrando-nos e arranhando-nos; fazendo outras coisas acima da cintura, enquanto as crianças estavam mais ocupadas que nunca lá em baixo. Quando já não me podia conter mais, acasalámos como jaguares a copular e as crianças, saindo do meio de nós, estrebuchavam sobre nós, deditos aqui, linguítas ali.

Isto não aconteceu apenas uma vez, foram mais vezes do que eu me posso recordar. Depois de cada ejaculação, as crianças descansavam um pouco contra os nossos corpos ofegantes e suados, e, muito delicadamente, voltavam a insinuar-se e começavam a importunar-nos e a acariciar-nos. Moviam-se para trás e para a frente entre Zyanya e eu, umas vezes individualmente, outras em conjunto, de modo que, durante algum tempo fui acariciado pelos dois e pela minha mulher, e depois ambas as crianças e eu concentrávamo-nos nela. Esta actividade só terminou quando ela e eu já não podíamos mais e caímos num sono profundo. Nunca chegámos a saber qual o sexo, a idade ou o aspecto dos nossos acompanhantes. Quando acordámos muito cedo na manhã seguinte, tinham partido.

O que me acordou foi um arranhar na porta. Semi-inconsciente, levantei-me e fui abrir. Não vi nada a não ser a escuridão do alvorecer na varanda e a grande fonte por trás do vestíbulo, mas então um dedo arranhou-me uma perna. Estremeci e olhei para baixo e ali estava a Senhora Par, tão nuas como eu. Nelas tudo eram quatros — ou oitos, deveria eu dizer; o caranguejo outra vez — Mostravam as duas os dentes lascivamente, em frente às minhas partes privadas.

— «Coisa agradável» — disse Esquerda.

— «A dele, também» — disse Direita, abanando a cabeça em direcção à câmara do velho, segundo deduzi.

— «O que fazeis aqui?» — perguntei tão ferozmente quanto se podia fazer num sussurro.

Uma das oito extremidades levantou-se e pôs-me na mão a adaga de Yquíngare. Investiguei o metal, muito mais escuro nas trevas e fiz deslizar o meu polegar ao longo do fio. Era na verdade afiado e pontiagudo.

— «Conseguiram!» — disse eu, sentindo uma intempestiva gratidão, quase afecto, por aquele monstro agachado aos meus pés.

— «Fácil» — disse Direita.

— «Ele pôs a roupa ao lado da cama» — disse Esquerda.

— «Ele pôs isto em mim — disse Direita, picando o meu *tepúli* e fazendo-me saltar outra vez —. Agradável.»

— «Eu aborreci-me — disse Esquerda —. Nada que fazer. Só vaivém. Eu procurei entre as roupas, senti uma coisa redonda, encontrei faca.»

— «Ela segurou faca enquanto eu tinha diversão — disse Direita —. Eu segurei faca enquanto ela tinha diversão. Ela segurou faca...»

— «E agora?» — interrompi-a.

— «Ele ronca finalmente. Nós trouxemos faca. Agora nós despertá-lo. Ter mais diversão.»

Como se fosse muito difícil esperar, antes de lhes poder agradecer, as gêmeas foram a correr como um caranguejo ao longo do corredor escuro. Em vez de agradecer a elas, agradei às propriedades aparentemente fortes do leite que Vandákuari mamara e entrei outra vez na câmara, para esperar pelo nascer do sol.

Os cortesãos de Tzintzuntzaní não pareciam ser muito madrugadores. Apenas o Príncipe Herdeiro Tzímzticha se juntou a Zyanya e a mim ao pequeno-almoço. Disse ao velho príncipe que o meu cortejo e eu nos deveríamos pôr a caminho. Parecia óbvio que o pai estava a gozar o seu presente; não queríamos ficara ali sem fazer nada e obrigá-lo a interromper o seu prazer só para entreter uns hóspedes que não tinham sido convidados.

O príncipe disse suavemente:

— «Bem, se sentis que deveis partir, não vos deteremos, excepto para uma formalidade. Uma revista às vossas pessoas, aos vossos pertences, bagagens e qualquer coisa que leveis. Posso garantir-vos que não vos queremos insultar; eu também tenho que o suportar sempre que saio para qualquer lado.»

Encolhi os ombros com tanta indiferença como quando se é cercado por um grupo de homens armados. Discretamente e com respeito, mas também cabalmente, eles apalpam ligeiramente todas as partes das nossas vestimentas, tanto as minhas como as de Zyanya; depois pediram-nos que descalçassemos por um momento as nossas sandálias. No jardim que ficava em frente do palácio fizeram o mesmo aos nossos guardas e carregadores, desfizeram todos os nossos fardos, até apalpam os coxins e as cortinas das liteiras. Nessa altura, já se tinham levantado outras pessoas e andavam pelas proximidades, a maioria eram crianças do palácio que observavam todos aqueles procedimentos com olhos brilhantes e conhecedores. Olhei para Zyanya. Estava a olhar para as crianças, tentando saber qual delas... Quando me viu a sorrir para ela, pôs-se tão corada como a pequena folha de metal que, já sem o punho de madeira, eu levava escondida no pescoço, por baixo do cabelo.

Os guardas disseram a Tzímzticha que não levávamos nada que não

tivéssemos trazido. O seu mau humor mudou imediatamente e, mostrando-se amigável, disse:

— «Então, claro que insistimos em que leveis *algo*, como presente recíproco, ao vosso Uey-Tlatoáni. — Estendeu-me um pequeno saco de pele. Mais tarde vi que continha uma quantidade das mais finas pérolas coração de ostra —. E — continuou — algo que ainda é mais precioso. Caberá nessa liteira. Não sei o que o meu pai vai fazer sem ela, já que é o bem mais precioso que tem, mas são essas as suas ordens.» — e dizendo isto, deu-nos a tremenda mulher rapada que alimentara o velho na ceia da noite anterior.

Era pelo menos duas vezes mais pesada do que as gémeas juntas e, durante todo o caminho de regresso a casa, os carregadores tiveram que se revezar continuamente para conseguirem sobreviver; e toda a comitiva se detinha mais ou menos a cada meia distância, esperando impacientes, enquanto a ama-seca, sem qualquer vergonha, secava o leite com os dedos, para aliviar a pressão. Zyanya riu durante todo o caminho de regresso e continuou a rir mesmo quando apresentei o presente a Auítzotl e este ordenou que me garrotassem no local. Então, rapidamente, expliquei-lhe o que aparentemente podia fazer pelo velho mirrado Yquíngare. Auítzotl olhou-a apreciativamente e cancelou a ordem de me estrangular, e Zyanya continuou a rir tanto, que não nos restou outro remédio, ao Venerado Orador e a mim, do que nos juntarmo-nos ao riso dela.

Se Auítzotl conseguiu ter mais vigor com o leite da mulher, esta terá sido um saque mais valioso do que a adaga do metal assassino acabou por ser. Os nossos forjadores mexíca estudaram-na ansiosamente, raspando-a profundamente, tirando limalhas dela e por fim chegaram à conclusão de que era feita de uma mistura de cobre e estanho. Mas por mais que tivessem tentado, nunca conseguiram encontrar as proporções certas, a temperatura ou qualquer coisa no género, pelo que nunca conseguiram reproduzir o metal.

No entanto, como não havia estanho nestas terras, excepto aquelas miniaturas cruciformes que usávamos como moeda corrente para trocas, já que estas nos eram passadas de mão em mão, vindas através das rotas comerciais de um qualquer país distante, lá muito a sul, Auítzotl conseguiu pelo menos ordenar a confiscação imediata e continuada de todas elas. Assim, o estanho desapareceu como moeda circulante e uma vez que não tínhamos outro uso a dar-lhe, suponho que Auítzotl o guardou num sítio qualquer fora de vista.

De certo modo, esse foi um gesto egoísta: se os mexíca não podiam ter o segredo do metal, ninguém mais o poderia ter. Mas os Purémpecha já tinham nesta altura armas suficientes para que Tenochtitlan não se sentisse animado declarar-lhes guerra e, ao deter os envios de estanho, pelo menos,

impedíamos que continuassem a fabricar mais armas, e assim se atrevessem a declarar-nos guerra. Por isso, acho que posso dizer que a minha missão em Michihuácan não foi de todo inútil.



Mais ou menos na altura em que regressámos de Michihuácan, Zyanya e eu fizemos sete anos de casados e atrevo-me a dizer que os meus amigos nos olhavam como um velho casal; e tanto ela como eu começámos a considerar a nossa vida estável no seu decurso e sem previsíveis mudanças ou quebras, e éramos felizes um com o outro o bastante para nos sentirmos satisfeitos por estar assim. Mas os deuses quiseram-no de um modo diferente e Zyanya deu-mo a saber da maneira seguinte:

Uma tarde tínhamos ido visitar a Primeira-dama nos seus aposentos do palácio. Quando já estávamos de saída, vimos no pátio de entrada aquela mulher-animal de leite trazida da corte de Tzintzuntzaní. Suspeito que Auítzotl a deixava simplesmente viver no palácio, como um criada para todo o serviço, mas naquela ocasião fiz um comentário jocoso sobre a «ama de leite», esperando que Zyanya se risse. Em vez disso, disse em tom demasiado cortante:

— «Záa, não deves dizer piadas vulgares sobre o leite. Sobre o leite das mães. Sobre as mães.»

— «Não, se isso te ofende. Mas porque te havia de ofender?»

Tímida, ansiosa e apreensiva, disse:

— «Dentro de algum tempo, lá para finais do ano, eu... eu serei também um animal de leite.»

Fiquei a olhar para ela. Levei algum tempo a compreender e antes que eu pudesse responder, acrescentou:

— «Já há algum tempo que suspeitava, mas há dois dias que o físico me confirmou. Tenho estado a pensar na maneira de te dizer com palavras suaves e doces. E agora — fungou, infeliz — digo-to assim, de rompante. Záa, onde vais? Záa, não me deixes!»

Fui a correr, sim, e de maneira pouco digna, mas apenas para conseguir uma liteira do palácio, para que ela não tivesse que caminhar até casa. Riu-se e disse, quando insisti em levantá-la para a pôr sobre os coxins:

— «Isso é ridículo. Mas, isso quer dizer, Záa, que estás contente?»

— «*Contente!* — exclamei —. *Contentíssimo!*» — E desatei a falar enquanto caminhava, saltando ao lado da liteira. Já me esqueci de quais foram exactamente as palavras, mas estas expressavam prazer, deleite e preocupação.

Em casa, Turquesa olhou para mim, preocupado ao ver-me ajudar e proteger Zyanya, que protestava, subindo pouco a pouco os degraus. Mas eu gritei-lhe: «Vamos ter um filho!» e ela soltou uma exclamação de júbilo. Com o barulho, Coceguenta surgiu a correr, vinda de um lado qualquer e eu ordenei:

— «Coceguenta, Turquesa, ide imediatamente dar uma boa limpeza ao quarto das crianças! Comprai tudo o que for preciso. Um berço. Brinquedos. Flores. Ponde muitas flores por todo o lado!»

— «Záa, queres estar calado? — disse Zyanya, meio divertida, meio zangada —. Ainda faltam meses, o quarto pode esperar.»

Mas as duas escravas já tinham corrido escada acima, obedientes e excitadas. E, apesar dos protestos de Zyanya, também a ajudei a subir a escada e insisti para que descansasse um pouco, depois do esforço da visita ao palácio. Por fim acedeu — imagino que apenas para se livrar de mim — e eu fui, escadas abaixo, para me felicitar a mim mesmo com um brinde de *octli* e uma fumaça de *picíetl*, e sentar-me ao crepúsculo, satisfeito na minha solidão.

Gradualmente, a minha eufórica satisfação transformou-se numa séria meditação e comecei a perceber a razão pela qual Zyanya tinha hesitado ao comunicar-me aquele facto. Ela tinha dito que ocorreria nos finais do ano. Eu contei pelos dedos, voltando atrás no tempo, e apercebi-me de que o nosso bebé devia ter sido concebido durante aquela maravilhosa noite no palácio do velho Yquíngare. Disfarcei um sorriso. Zyanya estava sem dúvida um pouco perturbada por esse facto; preferia ter concebido o filho em circunstâncias mais sossegadas. Bem, pensei, é muito melhor conceber um filho num paroxismo de êxtase, como tínhamos feito, do que numa adormecida conformidade, por obrigação ou inevitabilidade, como o fazem a maioria dos pais.

Mas não sorri quando, depois, comecei a pensar que a criança poderia ter uma deficiência desde nascença, porque era possível que herdasse a minha falta de vista. Ainda que não tivesse que andar aos tropeções e a tactear como eu fizera durante muitos anos, antes de descobrir o cristal, eu teria muita pena de uma criança que tivesse de aprender a sustentar um cristal no olho antes de aprender a levar a colher à boca, e que, sem esse objecto, fosse pateticamente incapaz de andar pelos arredores com passos seguros, nas suas excursões infantis; e que seria cruelmente tratado pelos companheiros de brincadeiras por Olho Amarelo ou qualquer coisa parecida...

Se o bebé fosse uma menina, essa visão não seria muito desfavorável. As brincadeiras de criança e as ocupações de adulta não seriam vigorosas e ousadas nem teriam que depender da agudeza dos sentidos físicos, como acontece com os rapazes. As mulheres não são competitivas umas com as

outras até atingirem a idade em que desejam o mais apetecível dos maridos e então seria muito menos importante o modo como a minha filha visse. Mas — pensamento angustiante — suponhamos que ela visse e se parecesse comigo!. Um filho ficaria contente, por herdar a minha estatura de cabeça inclinada. Uma filha ficaria desolada e poderia odiar-me, e eu ficaria revoltado pelo seu aspecto. Imaginava a nossa filha parecendo-se exactamente como a tremenda mulher leiteira...

Esse pensamento fez nascer outra preocupação. De facto, tempos antes da noite da concepção da criança, Zyanya tinha estado intimamente próximo da monstruosa Senhora Par! Estava bem provado que crianças sem conta tinham nascido deformadas ou deficientes quando as mães se viram afectadas pelo fluxo de influências horrorosas. Ainda pior, Zyanya dissera: «Lá para finais do ano». E, precisamente nessa altura, seriam os cinco dias *nemontémtin!* Uma criança nascida nesses dias sem vida e sem nome seria de tão mau agouro que se esperava e até se encorajavam os pais a deixá-la morrer de fome. Não era supersticioso para fazer isso, quaisquer que fossem as pressões que sofresse. Mas estão, que tipo de destino, de monstro ou de malfeitor poderia ser essa criança quando crescesse...

Fumei *picíetl* e bebi *octli* até que Turquesa chegou e, ao ver as condições em que estava, me disse: «Que vergonha, meu senhor amo!», e chamou Estrela Cantora para me ajudar e ir para a cama.

— «Vou ser uma ruína trôpega antes de chegar o tempo — disse a Zyanya, na manhã seguinte —. Pergunto-me se todos os pais passam por estas importunas apreensões.»

Ela sorriu e disse:

— «Creio que não tanto como as mães. Mas uma mãe sabe que não pode fazer absolutamente mais nada senão esperar.»

Suspirei e disse:

— «Também não vejo outra saída para mim. Só posso dedicar cada momento a tomar conta de ti, a apoiar-te e a zelar para que não tenhas o mais pequeno incómodo ou aflição...»

— «Faz isso e também ficarei uma ruína! —. Gritou! E estava a falar a sério —. Por favor, querido, arranja outra coisa para te ocupares.»

Aborrecido e afastado pela rejeição, fui, cabisbaixo, tomar o meu banho matinal. Mas após ter descido a escada e tomado o pequeno-almoço, apresentou-se-me uma distração, na pessoa de Cozcatl, que chamava por mim.

— «*Ayyo*, como pudeste saber tão depressa? — exclamei —. Foi muita amabilidade tua, teres vindo ver-nos tão depressa.»

O meu cumprimento pareceu surpreendê-lo.

— «Saber o quê? Na verdade, vim para...»

— «Que vamos ter um filho!»

Por um momento, o seu rosto ficou sombrio. Depois disse:

— «Fico muito satisfeito por ti, Mixtli, e por Zyanya. Peço aos deuses que vos abençoem com uma bela criança. — Depois murmurou: — Foi só porque esta coincidência me surpreendeu, momentaneamente, pois vim pedir-te autorização para me casar.»

— «Para te casares? Mas essa é uma notícia tão maravilhosa como a minha! — Abanei a cabeça —. Incrível... o miúdo Cozcatl já está em idade de arranjar mulher. Muitas vezes não me apercebo de como passam os anos. Mas porque tens de me pedir autorização?»

— «A minha futura mulher não é livre para se casar. Quero casar-me com Quequelmíqui e ela quer casar-se comigo.»

— «O quê?»

— «Foi por teu intermédio que a conheci e confesso que muitas das minhas visitas aqui, em parte, foram um pretexto, para que ela e eu pudéssemos passar algum tempo juntos. A maior parte do nosso namoro teve lugar na tua cozinha.»

Eu estava pasmado.

— «Coceguenta? A nossa criadita? Mas é quase uma adolescente!»

Ele recordou-me suavemente:

— «Era quando a compraste, Mixtli. Os anos *passaram*.»

Pensei neles. Coceguenta podia ser um ou dois anos mais nova que Cozcatl, e ele tinha — deixai-me ver — mais ou menos vinte e dois anos. Disse-lhe magnanimamente:

— «Tens a minha autorização e as minhas felicitações. Mas comprá-la? Claro que não. Ela será um dos nossos primeiros presentes de casamento. Não, não, não quero ouvir proposta nenhuma, insisto nisso. Se não tivesse sido ensinada por ti, a rapariga nunca teria alcançado consideração para ser uma esposa. Lembro-me dela quando veio para cá. Só ria.»

— «Então agradeço-te, Mixtli, e também a ela. E também te queria dizer — sorriu de novo — que claro que lhe falei sobre mim. Sobre o ferimento que sofri. Ela compreende que nunca poderemos ter filhos, ao contrário de ti e Zyanya.»

Foi então que me apercebi que, como a minha abrupta notícia deveria ter desencorajado o seu entusiasmo. Sem saber e sem intenção, tinha-o magoado, mas antes de eu poder dizer algumas palavras de desculpa, continuou:

— «Quequelmíqui jura que me ama e me aceita como sou, mas quero estar seguro de que compreende perfeitamente... a extensão da minha incapacidade. Nas nossas carícias, na cozinha, nunca chegámos ao ponto de...»

Como gaguejava, embaraçado, tentei ajudá-lo:

— «Queres dizer que ainda não...»

— «Ela nunca me viu nu — disse ele, abruptamente —. E é virgem, inocente por completo sobre a relação entre um homem e uma mulher.»

— «É da responsabilidade de Zyanya, como sua ama, sentar-se com ela e terem uma conversa de mulher para mulher. Tenho a certeza de que Zyanya a poderá instruir nos aspectos mais íntimos do casamento.»

— «Isso seria muita bondade da parte dela — disse Cozcatl —. Mas depois disso, poderias também falar com ela, Mixtli? Conhecês-me há muito tempo e... melhor que Zyanya. Tu poderias explicar a Quequelmíqui o que é que ela *pode* realmente esperar de mim, como marido. Farias isso?»

— «Farei o melhor que puder, Cozcatl, mas quero prevenir-te. Uma rapariga virgem e inocente é atormentada por dúvidas e ansiedades até para casar com um noivo vulgar, com os atributos físicos normais. Quando lhe disser claramente o que ela pode esperar deste casamento e o que não pode esperar, é muito provável que se assuste.»

— «Ela ama-me — disse Cozcatl em tom vibrante —. Fez-me a sua promessa. Conheço o coração dela.»

— «Então és único entre os homens — disse-lhe secamente —. Eu sei apenas isto. Uma mulher pensa no casamento em termo de flores, cantos de pássaros e borboletas a esvoaçar. Quando falar com Coceguenta em termos de carne, órgãos e tecidos, será uma desilusão para ela. O pior que lhe poderia acontecer seria entrar em pânico e evitar casar contigo ou com qualquer outro. Não me agradecerás por isso.»

— «Mas fá-lo-ei — disse ele —. Quequelmíqui merece algo melhor do que uma espantosa surpresa na noite do casamento. Se se recusar a casar comigo, é melhor que seja agora do que depois. Oh, claro que isso me destruiria. Se a boa e amada Quequelmíqui não me quiser por marido, nenhuma outra mulher me terá. Alistar-me-ei nas forças de algum exército, irei para a guerra num qualquer lugar e morrerei nela. Mas, passe-se o que se passar, Mixtli, não te deitarei culpas. Antes pelo contrário, imploro-te que me faças esse favor.»

Assim, quando ele se foi embora, informei Zyanya da notícia e do que ele nos pedia. Ela chamou Coceguenta, que estava na cozinha, e a rapariga veio corada, tremendo e enrolando os dedos na bainha da blusa. Abraçámo-la e felicitámo-la por ter sabido conquistar o carinho de um rapaz tão bom. Depois, Zyanya, cingindo-a maternalmente pela cintura, levou-a escadas acima, enquanto eu me sentava em baixo, com os meus potes de tinta e papel de casca de árvore. Quando acabei de escrever o documento de alforria, fumei mais um *poquíetl* — para juntar aos que já tinha fumado —, antes de Coceguenta voltar a descer.



Se estava corada antes, agora reluzia como um braseiro e tremia visivelmente. A sua agitação talvez a fizesse parecer mais bonita do que o habitual mas, na verdade, aquela era a primeira vez que eu me apercebia desse facto; era uma rapariga muito atraente. Acho que nunca ninguém presta muita atenção aos móveis da sua casa, até que chegue alguém de fora e se agrade por uma peça em particular.

Estendi-lhe o papel dobrado e ela perguntou:

— «O que é isto, senhor meu amo?»

— «Um documento em que se diz que a mulher livre Quequelmíqui nunca mais voltará a chamar amo a ninguém. Trata, em vez disso, de me ver como um amigo de família, porque Cozcatl me pediu que te explique umas coisas. — Fui directo ao assunto e temo que não com muita delicadeza —. A maioria dos homens, Coceguenta, tem uma coisa chamada *tepúli...*»

Ela interrompeu-me, ainda que sem levantar a cabeça inclinada.

— «Sei isso, meu senhor. Tenho irmãos na minha família. A minha senhora ama diz que o homem põe isso dentro de uma mulher...aqui. — Apontou modestamente para a saia —. O que faz se ele tiver um. Cozcatl explicou-me como tinha perdido o dele.»

— «E com isso perdeu para sempre a capacidade de te fazer mãe. Também está privado de alguns dos prazeres do casamento, mas isso não quer dizer que não tenha desejo de que tu gozes esses prazeres ou habilidade para tos dar. Ainda que não tenha *tepúli* para vos unirdes, há outras maneiras de fazer o acto de amor.»

Afastei-me um pouco dela, com o objectivo de ambos nos pouparmos ambos ao incómodo de a ver corar e tentei falar com voz calma e em tom aborrecido, como um mestre-escola. Bem, as instruções básicas podem ser ditas com a voz de um mestre-escola, mas — quando comecei a descrever as numerosas coisas estimulantes e satisfatórias que se podem fazer nos seios, *tipíli* e especialmente no sensitivo *xacápili* duma mulher, usando os dedos e a língua e até as pestanas — bem, não pude deixar de me lembrar de todas as variantes e requintes que eu tinha empregado e gozado, em tempos recentes e passados, e a minha voz tendeu a ser inconsequente, pelo que me apressei a concluir:

— «Uma mulher pode achar esses prazeres quase tão satisfatórios como o acto normal. Muitos serão bastante mais agradáveis do que o simples facto de ser penetrada, algumas mulheres fazem-no mesmo com outras mulheres e nem sequer pensam na falta do *tepúli*.»

Coceguenta disse:

— «Isso parece... — murmurou com voz tão trémula, que me virei para olhar para ela. Sentou-se como o corpo tenso e rígido, os olhos e os punhos fortemente cerrados —. Parece... - e todo o seu corpo estremeceu

— *Ma-ra-vi-lho-so...!* — A palavra foi dita demoradamente, como se lha tivessem extraído à força. Passou algum tempo até abrir os punhos e os olhos. Então levantou-os para mim, e eram como lamparinas fumegantes.

— «Obrigada por... por me terdes dito essas coisas.»

Lembrei-me de como Coceguenta se costumava rir sem motivo. Seria possível que se excitasse de outra maneira, sem ser tocada ou despida?

— «Só te quero pedir outra coisa. Já não te posso ordenar, e isto é uma impertinência que podes recusar, mas gostaria de ver os teus seios.»

Olhou para mim com um largo olhar de inocência e hesitou um momento, mas acabou por levantar a blusa. Os seios não eram muito grandes, mas eram bem feitos e os mamilos encolheram-se com o meu olhar, as auréolas eram muito grandes, quase tão grandes que a boca de um homem as poderia circundar. Suspirei e fiz-lhe sinal para se ir embora. Esperava estar enganado, mas receei muito que Coceguenta nem *sempre* se satisfaria com qualquer coisa que não fosse a cópula normal, e que Cozcatl se estivesse arriscar a ser mais um entre tantos maridos infelizes.

Fui para cima e encontrei Zyanya de pé, junto à porta do quarto das crianças, contemplando, sem dúvida, todos os arranjos que tinham sido feitos. Não lhe disse nada acerca dos meus pressentimentos quanto à prudência do casamento de Cozcatl ou da probabilidade do seu fracasso. Apenas referi:

— «Quando Coceguenta se for embora, ficaremos sem uma criada. Turquesa não pode encarregar-se de toda a casa e tratar de ti ao mesmo tempo. Cozcatl escolheu uma altura pouco oportuna para nos declarar as suas intenções. É um infortúnio para nós.»

— «Infortúnio! — exclamou Zyanya, com um grande sorriso —. Disseste-me uma vez, Záa, que se precisasse de ajuda, podíamos convencer Béu a vir ter connosco. A saída de Coceguenta é um pequeno infortúnio, graças aos deuses, mas que nos serve de desculpa. Nós *vamos* precisar de uma mulher em casa. Oh, Záa, vamos perguntar-lhe se ela quer vir!»

— «Uma ideia inspirada — disse eu. Não estava exactamente muito satisfeito com a ideia de ter a alegria de Béu por perto, especialmente durante aquele período de tensão, mas qualquer coisa que Zyanya quisesse, dar-lha-ia —. Vou-lhe enviar um convite e implorar de tal forma, que não poderá recusar.»

Enviei-o pelos mesmos sete guerreiros que tinham ido uma vez comigo para sul, pelo que Lua que Espera teria uma escolta protectora, caso concordasse em vir para Tenochtitlan. E assim fez, sem nenhum protesto ou resistência. De qualquer modo, demorou algum tempo a fazer todos os preparativos necessários para deixar a hospedaria nas mãos

dos criados e escravos. Entanto, Zyanya e eu organizámos uma grande cerimónia de casamento para Cozcatl e Coceguenta, e estes foram viver para sua casa.

Já o Inverno ia adiantado quando os sete velhos guerreiros deixaram Béu Ribé à porta da nossa casa. Nessa altura eu estava tão sinceramente ansioso e contente por a ver, como Zyanya. A minha mulher estava muito gorda — alarmantemente, na minha opinião — e começara a sofrer enxaquecas, estava irritadiça e tinha sintomas de angústia. Apesar de, teimosamente, continuar a garantir que essas coisas eram absolutamente naturais, preocupavam-me e faziam com que andasse sempre à volta dela a tentar ser-lhe útil. Porém, apenas conseguia aumentar o seu mau humor.

— «Oh, Béu, obrigada por teres vindo! — exclamou. — Dou graças a Uizye Tao e a todos os outros deuses por teres chegado! — E caiu nos braços da irmã como se estivesse a abraçar uma libertadora —. Podes salvar a minha vida! Têm-me *estragado* com mimos!»

A bagagem de Béu foi posta no quarto das visitas, preparado para ela, mas passou a maior parte desse dia com Zyanya no nosso quarto, do qual eu tinha sido corrido à força, para vaguear, abatido, pelo resto da casa, aborrecido e sentindo-me posto de lado. Já próximo do crepúsculo, Béu desceu sozinha e enquanto tomávamos uma chávena de chocolate juntos, disse-me como se conspirasse:

— «Zyanya dentro de pouco tempo estará na etapa da gravidez em que deves pôr de lado os teus... os teus direitos de marido. O que vais fazer durante esse tempo?»

Estive a ponto de lhe dizer que isso não era assunto seu, mas respondi apenas:

— «Imagino que sobreviverei.»

Ela persistiu:

— «Seria indecoroso que recorresses a uma estranha.»

Encarando-a, pus-me de pé e disse inflexivelmente:

— «Talvez não goze com a abstinência, mas...»

— «Mas talvez não possas encontrar uma substituta como Zyanya?»

Fez um gesto, como se na verdade esperasse uma resposta.

— «Não conseguirias encontrar em todo Tenochtitlan uma mulher tão bonita como ela?

Então foi por isso que me mandaste trazer de Tecuantépec, de tão longe? — Sorrii e levantou-se aproximando-se muito de mim, os seus seios roçavam-me o peito —. Pareço-me tanto a Zyanya que pensaste que eu seria uma substituta satisfatória, não é? — Brincou maliciosamente com o alfinete do meu manto, como se o fosse abrir. — Mas Zaa, mesmo que Zyanya e eu sejamos irmãs e muito parecidas fisicamente, não quer dizer

que sejamos iguais. Na cama poder-te-ias aperceber que somos muito diferentes...»

Afastei-a de mim firmemente.

— «Desejo-te uma estada feliz nesta casa, Béu Ribé. Muito embora não possas esconder a antipatia que sentes por mim, pelo menos, deixar de mostrar essa tão maliciosa e pouco sincera sensualidade? Não poderíamos arranjar maneira de simplesmente nos ignorarmos um ao outro?»

Quando me afastei, a grandes passadas, tinha o rosto tão corado como se a tivesse surpreendido a fazer algum acto indecoroso e esfregava a face como se eu lhe tivesse dado uma bofetada.



*Señor* Bispo Zumárraga, é uma honra e um elogio para mim que vos junteis outra vez a nós. Haveis chegado, Excelência, no preciso momento em que eu ia anunciar, tão orgulhosamente como o anunciei há muitos anos, o nascimento da minha amada filha.

Todas as minhas apreensões, e estou muito satisfeito por o dizer, foram infundadas. A criança demonstrou uma clara inteligência mesmo antes de emergir para esta vida, pois esperou prudentemente na barriga da mãe até passarem os *nemontémтин*, os dias sem vida, e fez a sua aparição no dia *Ce-Malináli*, o Um Erva, do primeiro mês do ano Cinco Casa. Eu tinha nessa altura trinta e um anos, já um pouco velho para dar início a uma família, mas envaideci-me e pavoneei-me tão absurdamente como os homens muito jovens, como se tivesse sido eu a conceber, carregar e dar à luz a criança.

Enquanto Béu ficava ao lado da cama com Zyanya, o físico e a parteira vieram imediatamente dizer-me que o bebé era uma menina e responder às minhas ansiosas perguntas. Devem ter pensado que estava louco quando lhes perguntei torcendo as mãos:

— «Dizei-me a verdade. Consigo aguentar. São duas meninas num só corpo?» — disseram-me que não, que não se tratava de nenhum tipo de gémeas, que era apenas uma menina. Não, ela não era extraordinariamente grande. Não, não era um monstro nem nada que se parecesse e não tinha marcas de mau agoiro. Quando pressionei o físico sobre a agudeza da sua vista, respondeu-me, algo exasperado, que nos recém-nascidos não se notava uma visão de águia ou, pelo menos, eles não se vangloriavam disso. Devia esperar até que ela pudesse falar e mo dissesse por si mesma.

Deram-me o cordão umbilical da menina e regressaram ao quarto das crianças para mergulhar Um Erva em água fria, para a enfaixar e submeter à lengalenga instrutiva e prudente da parteira. Desci as escadas e, com

dedos trémulos, enrolei o cordão umbilical à volta de um fuso de cerâmica murmurando em silêncio algumas orações para agradecer aos deuses, e enterrei-o debaixo das pedras no meio da cozinha. Depois subi de novo a escada, impaciente para que me deixassem entrar e ver pela primeira vez a minha filha.

Beije a minha pálida e sorridente esposa e, com o cristal, examinei a carinha engelhada que se escondia no recanto do seu braço. Tinha visto outros recém-nascidos, pelo que não me surpreendi muito, mas fiquei um pouco desiludido ao ver que a minha filha não era, de modo algum superior a eles. Estava tão vermelha e enrugada como uma vagem de *chopíni chiliti*, tão careca e feia como um velho purémpe. Tentei sentir um amor envolvente por ela, mas não consegui. Todos os presentes me garantiram que era na verdade minha filha, mas também teria acreditado neles se me tivessem dito que esse novo fragmento da humanidade era um macaco uivador recém-nascido e ainda sem pêlo. De qualquer maneira, estava a uivar.

Não preciso de dizer que a menina parecia mais humana, em cada dia que passava, e que acabei por encará-la com maior afecto e solicitude. Chamei-lhe Cocóton, um carinhoso diminutivo, muito comum entre as meninas, que quer dizer migalha que cai de um bocado de pão. Pouco tempo depois, Cocóton começou a parecer-se com a mãe e, naturalmente, com a tia, o que quer dizer que rapidamente se tornou mais bonita do que qualquer outro bebé. O cabelo cresceu em anéis, as pestanas cresceram com a mesma abundância, mas em miniatura, como as asas do colibri, tal como as de Zyanya e de Béu. As sobrancelhas surgiram com o mesmo arco alado das da mãe e da tia. Começou a sorrir com mais frequência do que a chorar, e era o mesmo sorriso de Zyanya, reflectindo-se ao seu redor. Até Béu, que nos últimos tempos andara tão amargurada, voltara a esboçar de novo um sorriso alegre.

Zyanya depressa se levantou, se bem que as suas actividades durante algum tempo apenas se concentrassem em Cocóton, que insistia em que o seu animal de leite estivesse frequentemente disponível. A presença de Béu tinha feito com que eu não tivesse necessidade de velar pelo bem-estar de Zyanya e do nosso bebé, e fosse frequentemente ignorado por ambas as mulheres, até pelo bebé, quando de vez em quando proferia sugestões ou atenções não solicitadas; mas havia ocasiões em que me obedeciam, simplesmente porque era o homem da casa. Quando Cocóton tinha cerca de dois meses e já não necessitava com tanta frequência da sua fornecedora de leite, Zyanya começou a dar mostras de desassossego.

Tinha estado fechada em casa durante meses, sem ir mais além do que o jardim do terraço, para se banhar com os raios de Tonatíu e receber a brisa de Ehécatl. Nessa altura, pretendia sair, passear, segundo me dizia, e

recordou-me que em breve seria a cerimónia de Xipe Totec no Coração do Mundo Único. Zyanya queria assistir, mas eu proibi-a terminantemente.

— «Cocóton nasceu sem marcas —, disse eu —. Sem ser um monstro e, à primeira vista, intacta, graças ao seu ou aos nossos *tonáli*, ou aos bons desejos dos deuses. Não a ponhamos agora em perigo. Enquanto mamar, devemos ter cuidado para que nenhuma influência maligna possa chegar ao teu leite, por meio de um susto ou de uma contrariedade perante a vista de algo desagradável. Não posso pensar em alguma coisa que te possa aterrorizar mais do que a celebração de Xipe Totec. Iremos a qualquer lado que queiras, meu amor, mas não aí.»

Oh, sim, Excelência, eu já tinha visto, por várias vezes, as honras a Xipe Totec, já que era um dos rituais religiosos mais importantes observados pelos Mexíca e por muitos outros povos. A cerimónia era impressionante, e até poderia dizer que inolvidável, mas, nesses dias, não posso acreditar que nenhum dos participantes ou espectadores *desfrutasse*. Mesmo agora, que já passaram tantos anos desde que vi pela última vez Xipe Totec morrer e voltar de novo à vida, ainda não consigo tolerar e descrever de que maneira o fazia, e a minha repulsa não tem nada a ver com o facto de me ter tornado cristão e civilizado. No entanto, Excelência, se estais tão interessado e insistis tanto...

Xipe Totec era o nosso deus das sementeiras e estas efectuavam-se durante o mês de Tlacaxípe Ualíztli, que pode ser traduzido por O Suave Esfolador. Estávamos na estação em que o restolho e as ervas mortas da colheita do ano anterior eram queimadas, retiradas ou enterradas e, assim, a terra ficava limpa e pronta para receber novas sementes. A morte dando lugar à vida, como podeis ver, como inclusivamente fazem os Cristãos, quando em cada época de sementeira Jesus morre e ressuscita. Não protesteis, Excelência, a semelhança ímpia não vai mais além.

Não irei descrever todos os preliminares públicos e os acompanhamentos: as flores, a música, a dança, a cor, os costumes e procissões e o ribombar do tambor. Serei misericordiosamente breve.

Sabei então que, um ou uma jovem era seleccionada de antemão para representar o papel de Xipe Totec, o que quer dizer O Querido Esfolado. O sexo de quem desempenhava esse papel não era importante, era mais importante o facto de que, ele ou ela, fosse virgem. Regra geral, era um estrangeiro nobre, capturado nalguma guerra quando ainda era criança e que era guardado especialmente para representar o deus, quando crescesse. Nunca era um escravo comprado para esse fim, uma vez que Xipe Totec merecia e exigia uma pessoa jovem que fosse sempre da classe social mais elevada.

Alguns dias antes da cerimónia, o jovem era hospedado no templo

de Xipe Totec e tratado com toda a amabilidade, brindado com todos os prazeres da comida e da diversão. Uma vez que a virgindade do jovem fosse comprovada, podia perdê-la imediatamente. Era-lhe permitida toda a liberdade sexual — e encorajado a isso, até forçado quando necessário — pois era uma parte vital no papel que desempenhava do deus da fertilidade da Primavera. Se o *xochimique* era rapaz, podia nomear todas as mulheres ou raparigas da comunidade que desejasse, fossem solteiras ou não. Supondo que essas mulheres consentissem, como muitas mesmo casadas faziam, eram-lhe levadas. Se o *xochimique* era rapariga, poderia nomear, convocar e deitar-se com todos os homens que quisesse.

Algumas vezes, no entanto, um jovem seleccionado para essa honra sentia aversão por esse aspecto do desempenho. Se era rapariga e se tratasse de declinar essa oportunidade, era então desflorada à força por um dos altos sacerdotes de Xipe Totec. No caso de ser um rapaz muito casto, era atado e punham uma das mulheres que serviam no templo escarranchada em cima dele. Se, uma vez introduzida no prazer, a jovem pessoa continuava recalcitrante, tinha que sofrer repetidas violações, fosse por parte das mulheres ou pelos sacerdotes do templo, ou quando estes se fartavam, qualquer pessoa comum podia fazê-lo, se quisesse. Havia sempre muita gente dessa: o devoto que copulava como um escravo com o deus ou a deusa, o simples licenciado, o curioso, as mulheres estéreis ou os homens impotentes, elas na esperança de uma gravidez, eles em serem rejuvenescidos pela deusa. Sim, Excelência, tudo isso tinha lugar dentro do templo e incluía todo o excesso sexual que a vossa fantasia possa vislumbrar, à excepção da cópula de um deus com um homem ou de uma deusa com uma mulher, pois esses actos vão contra a fertilidade e seriam repugnantes para Xipe Totec.

No dia da cerimónia, depois da multidão ali reunida se ter divertido com as muitas representações de anões, malabaristas, *tocotíne* e outras, Xipe Totec fazia a sua aparição em público. Ele ou ela vestiam-se como o deus, com um traje que combinava as maçarocas de milho velhas e sem grão, a colheita verde, nova e brilhante, e com um grande penacho de belas cores, um manto esvoaçante e sandálias douradas. O jovem era levado a dar várias voltas ao redor do Coração do Mundo Único, numa elegante liteira, com muita pompa e música ensurdecadora, enquanto atirava sementes ou grãos de milho sobre a multidão alegre que entoava cânticos. Depois a procissão chegava à pirâmide baixa de Xipe Totec, numa esquina da praça, e cessava todo o ruído produzido pelos tambores, pela música e pelos cantores, e a multidão acalmava-se, enquanto aquele que personificar o deus era posto na base da escada do templo.

Dois sacerdotes ajudavam-no a despir-se, retirando peça por peça, até ficar completamente nu ante os olhos de todos os que estavam na praça

— alguns dos quais conheciam cada detalhe e parte privada do seu corpo. Os sacerdotes davam-lhe um feixe de vinte pequenas flautas de cana e ele voltava as costas à multidão. Ladeado pelos dois sacerdotes, subia devagar em direcção ao altar de pedra e ao alto do templo. Tocava uns trinados numa das flautas a cada um dos vinte degraus ascendentes, e partia essa flauta com as mãos. No último degrau, tocava talvez um pouco mais prolongadamente e mais tristemente a última flauta, mas os sacerdotes da escolta não permitiam qualquer perda de tempo e eles mesmos partiriam a flauta se tentasse prolongar indevidamente a canção. Impunha-se que a vida de Xipe Totec terminasse quando os trinados da última flauta se extinguissem.

Era então segurado pelos outros sacerdotes que esperavam no alto da pirâmide e levado e colocado de costas em cima da pedra. Dois sacerdotes baixavam com força as facas de obsidiana. Enquanto um abria o peito e sacava o coração palpitante, o outro cortava de uma cutilada a cabeça cujos olhos ainda pestanejavam e a boca murmurava. Em nenhuma outra das nossas cerimónias a vítima sacrificada era decapitada, e mesmo nos ritos de Xipe Totec isso não tinha qualquer significado religioso, já que o *xochimiqui* era decapitado apenas por uma razão prática: é mais fácil tirar a pele a uma pessoa morta quando a cabeça está separada do corpo.

O esfolamento era levado a cabo à vista da multidão, sendo os sacerdotes muito hábeis e, de seguida, os pedaços do corpo eram rapidamente arrastados para dentro do templo. A pele da cabeça era cortada a partir de trás, da nuca até acima; o couro cabeludo e a pele da cara desprendiam-se da caveira e as pálpebras eram cortadas. Também era feita uma incisão por trás no corpo, desde o ânus até ao pescoço, mas tiravam a pele tão cuidadosamente que os braços e as pernas não ficavam rasgados, mas sim como tubos vazios. Se se tratava de uma mulher, a carne macia que preenchia os seios e as nádegas ficava intacta, para preservar a sua forma. Se era um rapaz, o *tepúli* e o *olóltin* ficavam pendurados.

O sacerdote mais pequeno de Xipe Totec — e havia sempre um de pequena estatura entre eles — despia-se rapidamente e, nu, colocava as duas peças como vestimenta. Como a pele do corpo ainda estava húmida e escorregadia, não tinha qualquer dificuldade em fazer deslizar as suas pernas e braços pelos tubos correspondentes. Os pés do morto eram cortados para não interferirem na dança, mas as mãos do morto ficavam ligadas para acenarem e baterem ao mesmo tempo que as do sacerdote. Claro que a pele do tronco estava aberta por trás, mas tinha sido furada com espinhos e era atada fortemente ao corpo por meio de cordões. Depois, o sacerdote punha o cabelo e a pele da cara do morto, de maneira que pudesse ver através dos buracos e cantar através dos lábios, tudo aquilo também amarrado por trás.



Lavava-se qualquer resto de sangue, para que não se visse no traje e a fenda da pele do peito era cosida.

Tudo isto era feito em muito pouco tempo, em menos tempo do que eu demoro a contá-lo, Excelência. Aos espectadores, parecia que Xipe Totec mal acabara de morrer na pedra do altar quando aparecia na porta do templo, curvado, fingindo ser um velho e usando os únicos ossos do corpo do *xochimíqui* que se utilizavam na cerimónia. Enquanto os tambores rugiam para lhe dar as boas-vindas, O Querido Esfolado tinha-se endireitado lentamente, como um velho que voltava a ser jovem outra vez. Dançava, descendo a escada da pirâmide, e depois saltava como um louco pela praça, esgrimindo os ossos limpos das coxas e usando-os para dar uma pequena pancada a abençoar todos os que estivessem suficientemente próximo.

Antes da cerimónia, o pequeno sacerdote ficava sempre embriagado e comia grande quantidade de cogumelos chamados carne dos deuses, para entrar em transe. Tinha que o fazer, pois correspondia-lhe a parte mais árdua. Durante os cinco dias e cinco noites seguintes, tinha de dançar freneticamente, sem parar, excepto nos períodos em que caía inconsciente. Claro que a dança ia perdendo lentamente os movimentos selvagens com que era iniciada, conforme a pele ia secando e o ia apertando. Ao fim dos cinco dias estava realmente muito encolhida e estalada e o sol e o ar tinham-lhe dado uma cor amarelada e doentia — era por esta razão que lhe chamavam a Veste de Ouro — e tinha um cheiro tão horrível, que ninguém na praça se chegava para que Xipe Totec o abençoasse com o toque de um osso.

A última saída tão angustiada de Sua Excelência leva-me a salientar — se não for irreverente, senhores escritvães — que Sua Excelência tem a extraordinária faculdade de se juntar a nós sempre que tem que ouvir as coisas que mais o incomodam ouvir.

Nos últimos anos, ia eu a dizer, com profundo pesar, que nunca tinha querido negar nada a Zyanya; que a devia ter deixado fazer, ver e experimentar tudo o que lhe interessasse e que os seus olhos se regozijassem com essas maravilhas; que nunca devia, nem uma única vez, ter obstado ao seu natural entusiasmo pelas mínimas coisas do mundo que a rodeava. Mesmo assim, não me posso recriminar por não a ter deixado assistir à cerimónia de Xipe Totec.

Quer possa ou não afirmar que tenha sido por causa disso, o facto é que não houve qualquer má influência no leite de Zyanya. A pequena Cocóton desenvolveu-se bem ao tomá-lo e cresceu cada dia mais bonita, parecendo uma miniatura da mãe e da tia. Eu estava louco por ela, mas não era o único. Um dia, Zyanya e Béu levaram a menina ao mercado e um *totonácatl* que passava, quando viu Cocóton, que lhe sorria de den-

tro do xaile em que Béu a envolvera, pediu autorização às mulheres para moldar aquele sorriso em barro. Eram um desses artistas ambulantes, que faziam grandes quantidades de moldes de estatuetas de terracota e depois viajavam continuamente por todo o país para as vender. No local, com rapidez e destreza, esculpiu o rosto de Cocóton em argila e depois, quando tirou o molde para fazer cópias, ofereceu o original a Zyanya. Os traços dela estavam muito bem feitos e ele tinha esculpido sobre a cabeça um toucado *totonáca*. Mas de imediato reconheci o amplo e contagioso sorriso da minha filha, incluindo as covinhas. Não sei quantas cópias fez, mas durante muito tempo viram-se por todo o lado rapariguinhas a brincar com bonecas dessas. Houve mesmo alguns adultos que as compraram a pensar que representava o jovem sorridente deus Xochipíli, Senhor das Flores, ou a alegre deusa Xilónen, Jovem Mãe do Milho. Não ficaria muito surpreendido se, algures, houvesse ainda algumas dessas estatuetas, que não se tivessem partido, mas o meu coração sentir-se-ia dilacerado se encontrasse agora uma e voltasse a ver o sorriso da minha filha e da minha mulher.

Por volta do primeiro ano de vida, quando lhe nasceu o primeiro dente, qual grãozinho de milho, a menina foi desmamada como era costume das mães mexíca. Quando chorava porque queria mamar, os lábios encontravam-se cada vez com mais frequência não com o doce peito de Zyanya, mas sim com uma folha amarga colocada sobre ele: um desses adstringentes que deixa a boca franzida feito de *maguey*. Pouco a pouco, Cocóton deixou-se convencer a tomar um caldo ligeiro de *atóli*, até que, por fim, abandonou o peito para sempre. Foi então que Béu Ribé nos disse que tinha que voltar para a hospedaria, pois já não precisávamos dela, já que Turquesa podia tratar facilmente da menina quando Zyanya estivesse cansada ou ocupada com outras coisas.

De novo lhe providenciei uma escolta; os mesmos sete velhos guerreiros, aos quais tinha acabado por considerar como o meu exército privativo, e acompanhei-os até ao passadiço.

— «Esperamos que voltes outra vez, irmã Lua Que Espera» — disse, apesar de termos estado a maior parte dessa manhã a despedirmo-nos. Béu recebera muitos presentes e as duas mulheres fartaram-se de chorar.

— Votarei sempre que precisardes de mim... ou que queirais. Agora, que já saí pela primeira vez de Tecuantépec, daqui para a frente ser-me-á muito mais fácil viajar. Apesar de não acreditar que me queirais ver ou que ireis precisar de mim com muita frequência. Durante muito tempo não quis reconhecer o meu erro, Záa, mas a honestidade obriga-me a fazê-lo. És um bom marido para a minha irmã.»

— «Não me dá muito trabalho sê-lo. O melhor marido é aquele que está casado com a melhor esposa.»

Ela disse, na sua maneira zombeteira de falar:

— «Como é que sabes? Só te casaste uma vez. Diz-me, Záa, nunca sentes, nem que seja uma atracção passageira por... por qualquer outra mulher?»

— «Oh, sim — respondi, rindo-me de mim mesmo —. Eu sou humano e as emoções humanas podem ser difíceis de dominar e há sempre outras mulheres bonitas. Como tu Béu. Até me posso sentir atraído por mulheres muito menos atraentes de que Zyanya e tu... por simples curiosidade acerca de possíveis outros atributos que possam esconder debaixo dos vestidos ou por trás do rosto. Mas, em quase nove anos, os meus pensamentos nunca se tornaram realidade e, ao deitar-me com Zyanya, depressa desaparecem, pelo que não fico corado com eles.»

Apresso-me a dizer, reverendos frades, que os meus catequistas cristãos me educaram de maneira diferente: ensinaram-me que entreter-me com um pensamento pode ser tão pecaminoso como a mais lasciva fornicção. Mas, nessa altura, eu era ainda um idólatra; éramos todos. Assim, as fantasias que não partilhei nem cometi não me causavam problemas e também mais ninguém foi perturbado por isso.

Béu olhou para mim com os seus maravilhosos olhos e disse:

— «Já és campeão Águia. Agora só falta seres honrado com *-tzin* no nome. Como nobre, não precisarás sufocar mais os teus desejos. Zyanya não teria qualquer objecção em ser a Primeira Esposa entre as outras. Poderias ter as mulheres que quisesses.»

Eu sorri e disse:

— «Já tenho. O nome Sempre foi-lhe muito bem posto.»

Béu assentiu, virou-se e, sem olhar para trás, desapareceu de vista pelo passadiço.

Nesse dia, havia homens a trabalhar no extremo da ilha, junto ao passadiço por onde Béu seguira e também ao longo deste, até meio caminho do forte de Acachinánco; outros trabalhavam a sudoeste no continente. Os homens estavam a construir as duas últimas partes de um novo aqueduto de pedra que traria maior quantidade de água fresca para a cidade.

Durante muito tempo, as comunidades das terras compreendidas no distrito do lago tinham crescido com tanta rapidez em população, que todas as nações da Tripla Aliança tinham acabado por ficar intoleravelmente super-povoadas. Tenochtitlan, claro, era a mais afectada, pela simples razão de que era uma ilha sem possibilidades de expansão. Foi esse o motivo pelo qual muitos Mexica, que residiam na cidade, levaram as famílias e haveres e

foram estabelecer-se em Xoconóhco, quando este foi anexado. Esta migração voluntária deu ao Uey-Tlatoáni a ideia de encorajar mais mudanças.

Por essa altura, chegou a ser evidente que a guarnição de Tapáchatlan impediria para sempre a invasão de qualquer inimigo estrangeiro no Xoconóhco; então, Motecuzóma, o Jovem, mudou de posto. Como já expliquei, Auítzotl tinha as suas razões para manter o sobrinho longe, mas era suficientemente perspicaz para aproveitar a sua já provada habilidade para organizar e administrar. Enviou Motecuzóma a Teloloápan, uma aldeia insignificante entre Tenochtítlan e o oceano do sul, e mandou-o levantar aí outra comunidade tão fortificada e próspera como Tepáchtlan.

Para isso, entregou a Motecuzóma uma grande quantidade de tropas e um número considerável de civis. Talvez algumas dessas famílias ou indivíduos estivessem contentes em Tenochtítlan ou nos arredores, mas quando o Venerado Orador disse: «Vós ireis», obedeceram. Quando Motecuzóma distribuiu entre eles uma considerável quantidade de terra nos arredores de Teloloápan e quando se instalaram sob o seu governo, a aldeia miserável converteu-se numa respeitável povoação.

Assim, logo que a guarnição de Teloloápan ficou pronta e se começou a alimentar com as suas próprias colheitas, Motecuzóma, o Jovem mudou outra vez de cargo e foi enviado para um outro lugar para fazer o mesmo. Auítzotl mandou-o de uma aldeia insignificante para outra, sempre com as mesmas ordens; foram várias as aldeias: Oztóman, Alahuítztlán... esqueci o nome das outras, mas todas ficavam situadas nas fronteiras distantes da Tripla Aliança. À medida que essas colónias remotas se multiplicavam e cresciam, ficavam resolvidos três problemas, o que deixou Auítzotl bastante satisfeito. Houve um escoamento cada vez maior do excesso de população do distrito do lago — de Texcóco, Tlácopan e de outras cidades do lago, tal como Tenochtítlan. Proporcionaram-nos fortes postos fronteiriços. E, por sua vez, a continuidade desse processo de colonização manteve Motecuzóma proveitosamente ocupado e longe de qualquer possibilidade de fomentar intrigas contra o tio.

Mas as emigrações e renovações apenas puderam conter o contínuo *incremento* de população em Tenochtítlan; nunca chegaram para diminuir o gentio e deixar espaço suficiente para os que ficaram. A necessidade principal da ilha-cidade era a necessidade de mais água. O abastecimento regular de água doce vindo de Chapultépec chegava até nós, desde que o primeiro Motecuzóma se tinha preocupado em mandar construir o aqueduto, mais ou menos um feixe de anos antes; também, por essa altura, ele mandara ainda construir o Grande Dique para proteger a cidade das cheias provocadas pelos ventos. Mas o caudal de Chapultépec não podia ser persuadido a crescer só porque era preciso e o facto provou-se; um número

de sacerdotes e adivinhos tentaram-no fazer utilizando todos os meios de persuasão, mas todos fracassaram.

Foi então que Auítzotl determinou arranjar uma nova fonte de água e enviou esses mesmos sacerdotes e adivinhos, e também alguns sábios do Conselho dos Oradores, para explorar algumas regiões do continente que ficassem próximas. Por uma qualquer adivinhação, estes deram com uma nascente nunca antes descoberta, e o Venerado Orador iniciou de imediato o plano para a construção do novo aqueduto. Uma vez que esse fluxo recém-descoberto perto de Coyohuácan, jorrava com mais força do que o de Chapultépec, Auítzotl planeou também abrir fontes para o Coração do Mundo Único.

Mas nem toda a gente ficou tão entusiasmada e um dos que aconselharam precaução, foi o Venerado Orador Nezahualpíli de Texcóco, quando, a convite de Auítzotl, visitou a nova nascente mal os trabalhos tinham começado no local onde se situaria o novo aqueduto. Não ouvi a conversa com os meus próprios ouvidos, pois não havia motivo para estar presente; nessa altura eu estaria provavelmente a brincar com a minha filha. Mas posso reconstituir o que disseram os Venerados Oradores, pelo que me contaram os assistentes muito depois do acontecimento.

Entre outras coisas, Nezahualpíli chegou a preveni-lo: «Meu amigo, vós e a vossa cidade terão que escolher entre ter muito pouca água ou tê-la em demasia» e recordou a Auítzotl vários factos históricos.

Esta cidade é agora, e tem sido durante feixes de anos, uma ilha, por isso rodeada de água, mas nem sempre foi assim. Quando os primeiros antepassados dos Mexíca chegaram a este vale e aqui se estabeleceram definitivamente, *vieram a pé* até aqui. Era, sem dúvida, um caminho escorregadio e desconfortável, mas não tiveram que nadar. Toda esta área que agora tem água, entre onde estamos e o continente para oeste norte e sul, era nesse tempo um pântano lamacento de água estagnada e juncos, e este lugar era o único com terra firme e seca naquele extenso paul.

Ao logo dos anos em que esta cidade foi construída, esses primeiros povoadores também fizeram veredas mais firmes para terem melhor acesso a terra firme. As primeiras não passavam de montes de terra batida erguidos um pouco acima do pântano. Mas, por fim, os Mexíca começaram a erguer uma dupla fila de estacas que encheram de cascalho e sobre essa construção colocaram um pavimento empedrado e os parapeitos dos três passadiços que até hoje perduram. Estes impediram as águas do pântano de correrem para o lago e, assim, as águas bloqueadas começaram a subir perceptivelmente.

Foi uma considerável melhoria das condições anteriores. A água cobriu as fedorentas águas estagnadas, os juncos que magoavam as pernas e

também os lodaçais do pântano que criavam uma eterna nuvem de mosquitos. Claro que se as águas continuassem a subir, teriam acabado por cobrir a ilha e inundar as ruas de Tlácopan e de outras cidades do continente. Mas as pontes tinham sido construídas com aberturas intervaladas e a ilha, em si, era atravessada por muitos canais para permitir a passagem das canoas. Essas comportas possibilitavam que houvesse um contínuo escoamento de águas para o lago de Texcóco, a leste da ilha, pelo que o caudal da laguna criada artificialmente subia, mas nunca em demasia.

— «Ou tal ainda não aconteceu, — disse Nezahualpíli a Auítzotl —. Mas agora que vos propondes trazer mais água do continente, esta deve escoar-se para algum sítio.»

— «Vai para consumo da nossa gente na cidade — disse Auítzotl, arrogante —. Para ser bebida, para os banhos, para as lavagens...»

— «É sempre *consumida* muito pouca água — disse Nezahualpíli —. Mesmo que o vosso povo beba durante todo o dia, da mesma maneira teria que urinar. Por isso repito: a água tem que se escoar para algum sítio. E onde será, senão para este maldito lago? O seu nível pode subir mais depressa do que escoar-se através dos canais e pelas aberturas dos passadiços para o lago de Texcóco.»

Começando a ficar vermelho e zangado, Auítzotl perguntou:

— «Então sugeris que ignoremos esta nascente recém-descoberta que é uma oferta dos deuses? Que não façamos nada para mitigar a sede de Tenochtitlan?»

— «Podíeis ser mais prudente. Pelos menos, sugiro-vos a construção do vosso aqueduto de modo a que o fluxo de água possa ser vigiado e controlado, se necessário.»

Auítzotl disse num grunhido:

— «Com o passar dos anos, meu amigo, acabastes por ser medroso como uma velha. Se os Mexíca tivessem dado sempre ouvidos àqueles que nos diziam que não fizessemos isto ou aquilo, nunca teríamos feito nada.»

— «Pedistes uma opinião, meu amigo, e eu dei-a — disse Nezahualpíli —. Mas a responsabilidade final é vossa, e — sorriu — passarei a chamar-vos Monstro da Água.»

O aqueduto de Auítzotl foi terminado, mais ou menos, um ano depois, e os adivinhos do palácio tiveram grandes problemas para escolher o dia mais favorável para a inauguração e para soltar as suas águas. Lembro-me muito bem da data, Treze Vento, pois estive de acordo com o nome.

A multidão começou a reunir-se muito antes do início da cerimónia, pois era um acontecimento tão importante como a dedicação à Grande Pirâmide que tinha sido levada a efeito doze anos antes. Claro que não tinham

deixado entrar toda essa gente na ponte de Coyohuácan, onde se efectuavam os ritos cerimoniais. A multidão de plebeus aglomerou-se no extremo da ilha-cidade, a sul; e aos empurrões, comprimiu-se para tentar lançar um olhar de relance a Auítzotl, às suas esposas, ao seu Conselho de Oradores, aos altos nobres, sacerdotes, campeões e outras personagens que tinham chegado em canoas, vindos do palácio, para tomarem lugar na ponte, entre a cidade e o forte de Acachinánco. Infelizmente, tive que estar entre esses altos dignitários, com o meu uniforme completo e na companhia de todos os campeões Águia. Zyanya também queria assistir levando Cocóton com ela, mas mais uma vez a dissuadi.

— «Mesmo que te conseguisses aproximar o suficiente para poderes ver alguma coisa — disse-lhe nessa manhã, enquanto lutava por vestir os meu traje de penas acolchoado —, o vento do lago fustigar-te-ia e a brisa molhar-te-ia. Ou, no meio daquela multidão, poderias cair ou desmaiar e a menina ser espezinhada.»

— «Acho que tens razão — disse Zyanya sem se sentir muito desiludida. Impulsivamente, pegou na menina ao colo e abraçou-a fortemente —. E Cocóton é demasiado bonita para que possa ser apertada por mais alguém, além de nós.»

— «Não apertar!» — queixou-se Cocóton, mas com dignidade. Em seguida, libertando-se dos braços da mãe, dirigiu-se a saltitar para o outro canto do quarto. Com dois anos, a nossa filha tinha um vocabulário considerável, mas não era palradora; raramente utilizava mais de duas palavras de cada vez.

— «Quando a Migalhinha nasceu pensei que ia ser muito feia — disse eu, enquanto me vestia —. Mas agora acho que é tão bonita que não é possível ser mais. Só poderá ficar mais feia, o que é uma lástima. Quando a quisermos casar, vai parecer uma porca selvagem.»

— «Porca selvagem,» — acrescentou Cocóton, do canto.

— «Não vai nada — disse Zyanya firmemente —. Quando uma criança é muito bonita atinge quase a sua máxima beleza aos dois anos e continua a ser muito bonita, com subtis mudanças, claro, até atingir, aos seis anos, a máxima beleza infantil. Os rapazinhos ficam por aí, mas as meninas...»

Eu resmunguei.

— «Quero dizer que os rapazes deixam de ser *belos*, para passarem a ser bem parecidos, agradáveis, varonis, mas não belos. Ou pelo menos não o deveriam querer ser. A maior parte das mulheres não gosta de homens bonitos, e os outros homens também não.»

Disse-lhe então que estava satisfeito por não ter crescido feio. Quando ela não me desmentiu, assumi um olhar melancólico.

— «Então — continuou —, as meninas atingem outro grau de beleza

quando chegam, mais ou menos, aos doze anos, precisamente antes da primeira menstruação. Durante a adolescência, geralmente ficam demasiado nervosas e mal-humoradas para serem admiradas. Mas voltam a florescer por volta dos vinte anos... sim, aos vinte, uma rapariga chega a ser tão bela como nunca o foi antes nem voltará a ser.»

— «Eu sei. Tu tinhas vinte anos quando me apaixonei por ti e casei contigo. E, desde então, não tens idade.»

— «És um adulator e um mentiroso — disse-me ela, mas a sorrir —. Tenho rugas nos cantos dos olhos, os seios não são tão firmes como nessa altura, há marcas no meu ventre e...»

— «Não importa. A beleza dos teus vinte anos causou tanta impressão na minha mente, que ficou aí indelevelmente gravada, nunca te poderei ver de outra maneira, mesmo que as pessoas um dia digam: “Velho tonto, não estás a ver mais do que uma velha”. E não conseguirei acreditar neles.»

Fiz uma pausa para pensar um momento, mas logo disse em língua nativa: «*Rizalazi Zyanya chuiipa chíi, chuiipa chíi zyanya*», que era um jogo de palavras que queria dizer, mais ou menos: «Recorda, Sempre, que os vinte anos te deixarão sempre nos vinte anos.»

Ela perguntou ternamente:

— «*Zyanya?*»

E eu assegurei-lhe:

— «*Zyanya.*»

— «Isso será muito bonito — disse ela com o olhar turvado pelas lágrimas —, pensar que durante todo o tempo que estiver a teu lado serei sempre uma rapariga de vinte anos. Mesmo que nos tenhamos que separar por algumas vezes. Não importa onde estejas, eu continuarei a ser para ti uma rapariga de vinte anos. — Pestanejou, até que os olhos lhe brilharam de novo e disse, sorrindo, —: Devia ter-te dito antes, Zaa... tu não és realmente feio.»

— «Realmente feio» — disse a minha amada e adorável filha.

Aquilo fez-nos rir aos dois, quebrando aquele momento de encanto.

Pegando no meu escudo, disse:

— «Tenho de ir.» — Zyanya deu-me um beijo de despedida e saí de casa.

Era de manhã muito cedo. O batelão colector de lixo abria passagem no canal, ao fundo da nossa rua, recolhendo os desperdícios amontoados durante a noite. A recolha dos desperdícios da cidade era o trabalho mais baixo de Tenochtitlan, e só os desgraçados mais infelizes desempenhavam essa tarefa — aleijados desesperados, bêbados incorrigíveis e outros. Vi-rei as costas àquele espectáculo deprimente e caminhei noutra direcção,



rua acima para a praça principal. Tinha apenas dado alguns passos quando ouvi Zyanya a chamar pelo meu nome.

Voltei-me e levantei o cristal. Tinha vindo à porta de casa para me dizer adeus outra vez, com a mão, e mais qualquer coisa antes de voltar a entrar em casa. Deve ter sido qualquer coisa própria das mulheres, como: «Depois contas-me o que a Primeira-dama tinha vestido.» Ou algo que só uma mulher pode dizer, como: «Tem cuidado para não chegares todo encharcado.» Ou qualquer coisa do coração: «Lembra-te que te amo.» O que quer que fosse, não ouvi, pois naquele momento chegou o vento, e este levou as suas palavras.



Uma vez que a nascente de Coyohuácan se situava na parte do continente, que era um pouco mais elevada do que o nível das ruas de Tenochtitlan, o aqueduto inclinava-se encosta abaixo desde aí. Era tão largo e alto que um homem não o podia abarcar com os dois braços, nem com uma corrida de duas distâncias de comprimento. O ponto de união com a ponte era onde se encontrava, precisamente, o forte de Acachinánco; e, fazendo um ângulo, partia dali paralelo ao parapeito da ponte, direito à cidade. Uma vez aí, dividia-se em ramificações para alimentar os canais que tinham menos água e que corriam por Tenochtitlan e Tlaltelólco, enchendo também os tanques de abastecimento colocados em locais convenientes em cada quarteirão e as diversas fontes recém-construídas na praça principal.

De certo modo, Auítzotl e os seus construtores tinham tido em consideração a advertência de Nezahualpíli, quanto ao controlar a água da nascente. No ângulo onde o aqueduto corria paralelo à ponte e num outro ponto, já quase à entrada da cidade, tinham aberto entalhes verticais na calha, onde eram introduzidas tábuas com a mesma curvatura da calha. As tábuas eram introduzidas nos entalhes para cortar o fluxo de água, sempre que fosse necessário.

A nova estrutura deveria ser dedicada à deusa dos lagos, correntes e outras águas, Chalchiuhtlicué com cabeça de rã, que não exigia muitos sacrifícios humanos, como muitos outros deuses. Assim, os sacrificados desse dia iriam ser apenas os necessários. Onde o aqueduto começava, na nascente, fora do alcance da nossa vista, estava outro contingente de nobres e sacerdotes e vários guerreiros a guardar os prisioneiros. Uma vez que nós, os Mexíca, estávamos naquele momento muito ocupados para entrar em qualquer outra Guerra Florida, a maioria desses prisioneiros eram bandidos comuns que Motecuzóma, o Jovem, tinha encontrado nas suas idas e vindas, e que tinha capturado e enviado para Tenochtitlan com esse único propósito.

No passadiço em que Auítzotl se encontrava, comigo e com as outras centenas de pessoas, todos tentávamos conservar os penachos e as penas que faziam de asas nos nossos trajes, ao abrigo do vento de leste. Havia rezas, cantos e invocações, enquanto os sacerdotes menores matavam uma quantidade de rãs, *axolóltin* e outras criaturas aquáticas, para agradar a Chalchihuítlicué. Depois acenderam uma fogueira e espalharam por cima uma substância sacerdotal e secreta para que se elevasse um fumo azul. Apesar da força do vento ter desfeito a coluna de fumo, esta chegou a subir o suficiente para dar sinal ao outro grupo cerimonial que se encontrava na nascente de Coyohuácan.

Aí, os sacerdotes deitaram o primeiro prisioneiro sobre a calha, naquele extremo do aqueduto, abriram-no e deixaram o corpo ali, enquanto o sangue corria. Depois foi lá colocado outro prisioneiro a quem fizeram o mesmo. Quando um corpo começava a secar era atirado para um lado e punha-se outro. Assim, havia sempre sangue fresco a correr. Não sei quantos *xoquimíque* mataram e sangraram, antes que o primeiro sangue, que corria suavemente, chegasse à vista de Auítzotl e dos seus sacerdotes, que nesse momento soltaram um grito de louvor. Foi lançada outra substância para a fogueira, produzindo um fumo vermelho, um sinal para que os sacerdotes presentes na nascente não matassem mais ninguém.

Era altura de Auítzotl fazer o sacrifício mais importante, tendo-lhe sido entregue a vítima mais adequada: uma pequenita de quatro anos, vestida com um traje azul-água que tinha cosido por todo o lado pedras verdes e azuis. Era filha de um caçador de aves que se afogou quando o seu *acáli* se virou na água pouco antes de ela nascer, e esta viera ao mundo com uma cara muito parecida à de uma rã — ou da deusa Chalchihuítlicué. A viúva considerara essas circunstâncias relacionadas com a água como um sinal da deusa e oferecera voluntariamente a filha para a cerimónia.

Com grande acompanhamento de cantos e cacarejos por parte dos sacerdotes, o Venerado Orador levantou a menina sobre a calha que estava por trás de si, enquanto os sacerdotes se balanceavam junto à fogueira. Auítzotl deitou a menina sobre o aqueduto e tirou a faca de obsidiana da cintura. O fumo da urna mudou para verde, outro sinal para que os sacerdotes que se encontravam no continente, na outra ponta do aqueduto, deixassem correr a água. Não sei se o fizeram libertando algum obstáculo, partindo um último dique de terra ou rolando para o lado um pedregulho.

Sei que, a princípio, embora a água chegasse vermelha, não vinha a gotear como acontecera com o sangue. Com a força que lhe era dada pelo declive de terra firme, rugiu como uma imensa lança líquida, com uma ponta de fervilhante espuma cor-de-rosa. Nem toda a água conseguiu descrever a curva da calha, pelo que a que vinha de trás se elevou e irrompeu sobre o

parapeito com a força de uma onda do oceano. No entanto, grande quantidade surgiu na curva, apanhando Auítzotl de surpresa. Este acabava de abrir o corpo da menina e de lhe tirar o coração, mas não tinha tido tempo de separar os vasos, quando a água arrastou o corpo da criança, levando-o para longe. Separado do seu próprio coração — Auítzotl ficou com ele na mão, estupefacto — o corpo saiu disparado em direcção à cidade, como o projectil de uma zarabatana.

Todos os que estávamos no passadiço parecíamos estátuas, imóveis, excepto os penachos, mantos e bandeiras agitados pelo vento. Apercebi-me então de que estava molhado até aos joelhos, como todos os outros, e que as mulheres de Auítzotl começavam a gritar aflitas. O pavimento debaixo de nós começava a alagar-se rapidamente. A água continuava a saltar por cima do ângulo do parapeito e todo o forte de Acachinánco estremecia sob o seu impacto.

Apesar de tudo, grande parte da água continuava a correr pela calha para a cidade, com tanta força que, quando embateu no sítio onde os canais se ramificavam, rebentou como uma onda na praia. Através do cristal, vi a multidão de espectadores apinhados, que nesse momento eram envolvidos na rebentação e no jacto, e se esforçavam por fugir. Por toda a cidade, para lá da nossa vista, os novos canais e depósitos de água transbordaram, encharcando as ruas e escoando para as valas. Na praça. As novas fontes lançavam jorros de água a uma tão extraordinária altura que a mesma não voltava a cair nos tanques de drenagem construídos em redor, mas antes se espalhava completamente pelo Coração do Mundo Único.

Os sacerdotes de Chalchihuítlicué começaram a balbuciar orações, suplicando à deusa que amainasse a sua abundância. Auítzotl rugiu para que se calassem e depois começou a vociferar nomes: — «Yocat! Papaquilíztli!» —, os homens que tinham descoberto a nascente. Os que estavam presentes, obedientemente, chapinharam na água até aos joelhos e, sabendo perfeitamente para o que tinham sido chamados, deitaram-se lentamente sobre o parapeito. Auítzotl e os sacerdotes, sem palavras ou gestos rituais, abriram os peitos dos homens, arrancaram-lhes os corações e mergulharam-nos nas águas turbulentas. Foram sacrificados oito homens nesse acto de desespero, dois dos quais eram membros, anciãos augustos, do Conselho de Oradores — mas não lhes serviu de nada.

Então Auítzotl gritou — «Baixem a porta da calha!» — e vários campeões Água treparam para o parapeito. Tentaram colocar a porta de madeira, que estava preparada para conter o jorro de água, fazendo-a deslizar através das ranhuras mas, por mais esforços que fizessem, combinando as forças e o pesos, os campeões apenas a conseguiram empurrar um pouco. Assim que a aresta curva entrou na água, a poderosa corrente atravessou-

-a nas ranhuras e, envolvendo-a, aí a imobilizou. Por um momento, fez-se silêncio no passadiço, à excepção do borbulhar da água, do som sibilante e uivante do vento, do forte ranger oprimido da madeira e dos gritos surdos que nos chegavam da multidão em fuga no extremo da ilha. Vendo-se, por fim, derrotado, com a plumas encharcadas e descaídas, o Venerado Orador disse suficientemente alto para que todos o ouvissem:

— «Devemos regressar à cidade, para ver todo o prejuízo causado e tentar dominar o pânico. Os campeões Flecha e Jaguar que venham comigo. Encarregar-vos-eis de todos os *acáltin* da ilha, para que partam imediatamente para Coyohuacán. Os tolos devem ainda estar a celebrar. Fazei todos os possíveis para deter ou desviar a água do seu curso. Os campeões Água ficam aqui. — Apontou para o local onde o aqueduto se juntava com o passadiço —. Parti-o ali! *Já!*»

Houve alguma confusão quando os diversos grupos se dispersaram. Auítzotl, as esposas e os campeões Flecha e Jaguar — todos eles se encaminharam penosamente para Tenochtitlan, tão depressa quanto a água, que já quase lhes chegava às coxas, o permitia. Nós, os campeões Água, ficámos a contemplar a pesada pedra e a sólida argamassa da calha. Dois ou três campeões bateram na pedra com as *maquáhuime*, fazendo com que caísse sobre os outros uma chuva de fagulhas e de obsidiana partida. Depois, olhando desgostosos para as espadas estragadas, atiraram-nas para o lago.

Então, um dos campeões mais velhos caminhou pelo aqueduto e olhou por cima do parapeito. Chamou-nos e perguntou:

— «Quantos de vós sabeis nadar? — e quase todos levantaram a mão. Ele apontou e disse —: É precisamente aqui, onde o aqueduto se desvia, que a força da água muda de direcção e faz com que as estacas se ressentam. Talvez possamos cortá-las ou parti-las o suficiente para que a estrutura caia por si mesma.»

Foi isso que fizemos. Eu e oito campeões despimos os trajes molhados e sujos, enquanto nos arranjavam umas *maquáhuime*. Em seguida, saltámos por cima do parapeito para as águas do lago. Como já disse, as águas a oeste da ponte não eram muito profundas, pois se tivéssemos que nadar, teria sido impossível cortar as estacas, mas, naquele sítio, a água só nos chegava aos ombros. Apesar disso, não foi um trabalho fácil. Aqueles troncos de árvore de suporte tinham sido impregnados de *chaporótl* para resistirem ao apodrecimento e isso também os tornavam muito resistentes às nossas espadas. A noite chegara e partira, e o sol já ia alto quando uma das pesadas estacas estremeceu com um ruído explosivo. Eu estava debaixo de água nesse momento, e o susto quase me fez perder os sentidos, mas vim à superfície a tempo de ouvir um dos companheiros a gritar para que todos voltássemos a subir para o passadiço.

Sáímos mesmo a tempo. A parte do aqueduto que formava um ângulo com a ponte estremeceu violentamente. Com um som triturador, partiu-se na curva lançando água em todas as direcções. Essa parte da estrutura, que caía por fim, parecia a cauda de guizos de uma *coacuéchtli*, cascavel. Depois, uma secção de dez passos de comprimento tombou para o lado, quando as estacas que tínhamos cortado cederam sob o seu peso, e partiu-se soltando um gemido, e caíu na água com um poderoso ruído. A parte dentada da calha que ainda estava de pé parecia uma cascata sobre o lago, mas a água já não corria para Tenochtítlan. Inclusivamente, quando ainda lá estávamos, a água que estava na ponte começou a baixar.

— «Voltemos para casa — disse um dos nossos irmãos campeões, suspirando — e esperemos ter salvo alguns lares para onde possamos regressar.»

Lar! Deixem-me adiar por algum tempo a narração do meu regresso a casa.

A água tinha corrido para Tenochtítlan durante a maior parte do dia e toda a noite, inundando partes da cidade até à altura de oito homens. Algumas casas que haviam sido construídas junto ao chão, que não eram de pedra, e mesmo outras assentes sobre estacas, tinham ruído com a inundaçāo. Muita gente tinha ficado ferida e cerca de vinte pessoas — a maior parte crianças — tinham morrido afogadas, esmagadas ou haviam desaparecido. Mas os danos não se haviam limitado às partes da cidade onde as ramificações de canais e os tanques de aprovisionamento tinham transbordado; a água também tinha corrido para outros canais, muito antes de os campeões Águia terem cortado o aqueduto.

No entanto, antes da pequena enxurrada ter baixado completamente, chegou uma segunda, muito maior. Tínhamos apenas partido o aqueduto, mas não tínhamos detido a água e os campeões que Auítzotl enviara ao continente não conseguiram parar a água da nascente. Esta continuou a lançar água para o lago, na parte limitada pelas pontes a leste e a sul. Entretanto, o vento continuava a soprar de leste, impedindo que o excesso de água fosse drenado para o grande lago de Texcóco, pelas passagens da ponte e pelas valas que atravessavam a cidade. Assim, os canais encheram-se, transbordaram e fizeram a água subir na ilha; Tenochtítlan transformou-se num enorme cacho de edifícios apinhados, não sobre uma ilha, mas sim sobre um enorme e liso lençol de água.

Imediatamente a seguir a ter regressado da inconclusa cerimónia de dedicação, Auítzotl enviou um remador a Texcóco e Nezahualpíli veio imediatamente, em resposta à chamada de auxílio. Trouxera consigo um grupo de trabalhadores, que se dirigiram a toda a pressa para a nascente inextin-

guível de Coyohuácan e, como todos esperávamos, idealizou uma maneira de desviar a água. Nunca visitei o local, mas sei que fica ao lado de uma colina e soube que Nezahualpíli comandou o sistema de escavação de valas e aterros para poder desviar a corrente da nascente para o outro lado da colina, onde correria, então, sem causar danos, por uma terra vazia. Quando aquilo acabou de ser feito, a nascente foi domada e, uma vez que as águas da inundação dispersaram completamente, o aqueduto pôde ser reparado e posto de novo em funcionamento. Nezahualpíli desenhou umas comportas que deixariam correr muita ou pouca água, consoante as necessidades da cidade. Assim, até hoje, continuamos a beber dessa água doce.

Mas a operação para salvar Nezahualpíli não foi efectuada numa noite. Enquanto os homens trabalhavam, a segunda inundação continuou no seu nível mais alto durante quatro dias inteiros. Apesar de ter morrido pouca gente, pelo menos dois terços da cidade foram destruídos e a reconstrução total de Tenochtitlan demorou, no mínimo, cerca de quatro anos. A inundação não teria causado muitos prejuízos se as águas apenas tivessem coberto as ruas, permanecendo calmas. Contudo, ondularam furiosamente, movimentando-se de um lado para outro, devido à força que as impelia e ao vento leste que as empurrava. A maior parte dos edifícios de Tenochtitlan estava assente sobre estacas ou outro tipo de fundações, acima do nível da rua, mas isso apenas os mantinha acima da humidade da terra. As fundações nunca tinham sido construídas para suportar a investida de tais correntes — e a maioria não conseguiu aguentar. As casas de adobe dissolveram-se simplesmente na água; as de pedra, pequenas e grandes, caíram quando as estacas ficaram corroídas e os blocos com que tinham sido construídas se partiram.

A minha casa ficou intacta, provavelmente porque era uma construção relativamente nova o que fazia com que fosse mais forte do que as outras. Em o Coração do Mundo Único, as pirâmides e templos também ficaram de pé, só a barra dentada para as caveiras, relativamente frágil, veio abaixo. Mas, precisamente à saída da praça, um palácio ruiu completamente — o mais novo e magnífico de todos —, o palácio do Uey-Tlatoáni Auítzotl. Já vos contei como um dos canais da cidade passava por baixo dele, de forma a que o público que por lá passava de barco pudesse admirar o seu interior. Quando esse canal, como todos os outros transbordou, primeiro inundou os andares baixos e, depois, arremeteu com grande força contra as paredes baixas exteriores, pelo que o grande edifício veio abaixo com grande estrondo.

Na altura, eu não sabia ainda desses acontecimentos. Nem sequer se seria tão afortunado que ainda tivesse a minha própria casa; não o soube senão quando as águas baixaram. Naquela segunda e mais terrível inunda-

ção, as águas não subiram tão rapidamente, dando tempo para evacuar a cidade. À excepção de Auítzotl, de outros nobres governantes, da guarda do palácio, de algumas tropas de guerreiros e de um certo número de sacerdotes perplexos que continuavam a rezar, pela intervenção da deusa, praticamente toda a gente fugira de Tenochtitlan, cruzando a ponte do norte para procurar refúgio nas cidades de Tepeyáca e Atzacóalco, no continente. Fui também, com os meus criados e o que me restava da família.

Voltemos a esse longínquo dia, a essa madrugada, quando regresssei a casa arrastando o meu traje sujo e encharcado de campeão Águia...

Conforme me ia aproximando, era óbvio que o meu bairro de Ixacuálco fora um dos distritos que mais tinha sofrido com a primeira inundação. Ainda se podia ver a marca húmida e alta que a água tinha deixado nos edifícios, à altura da minha cabeça, aqui e ali, jazia inclinada uma casa de adobe. A terra batida da minha rua estava escorregadia sob uma camada de lama; havia lodo e escombros, bem como alguns objectos de valor que, aparentemente, haviam sido deixados pelas pessoas em fuga. Naquele momento não havia uma única alma na rua — estavam todos, sem dúvida, nas suas casas, na incerteza sobre se a onda ou a inundação voltariam — mas a rua, invulgarmente vazia, causou-me um sobressalto. Estava cansado demais para correr, mas arrastei os pés o mais depressa que pude e o meu coração voltou a bater quando vi a minha casa ainda de pé, sem marcas, à excepção de uma camada de limo sobre os degraus de entrada.

Turquesa veio a correr à porta, exclamando:

— «Ayyo! É o nosso amo! Graças sejam dadas a Chalchihuítlicué por o ter deixado viver!»

Cansado, mas de todo o coração, disse que desejava que essa deusa estivesse em Mícltan.

— «Não faleis assim! — suplicou Turquesa e as lágrimas corriam-lhe pelas rugas do rosto —. Receávamos ter perdido também o nosso amo!»

— «Também? — arquejei, e uma faixa invisível apertou-me dolorosamente o peito. A velha escrava desatou a chorar violentamente e não conseguiu responder. Deixei cair as coisas que trazia e abanei-a pelos ombros —. A menina? — perguntei. Ela abanou a cabeça, mas eu não conseguia saber se era para negar ou confirmar. Abanei-a ferozmente de novo e disse —: Fala, mulher!»

— «Foi a nossa senhora Zyanya — disse outra voz por trás dela; era o criado Estrela Cantora, que tinha chegado à porta torcendo as mãos —. Eu vi tudo. Tentei detê-la.»

Não larguei Turquesa ou teria caído, só consegui dizer:

— «Conta-me, Estrela Cantora.»

— «Saiba então o meu amo que foi ontem, ao entardecer, no momento em que as tochas das ruas são normalmente acesas. Claro que não as acenderam, pois a rua parecia uma catarata. Só apareceu um homem — arrastado pela corrente e projectado contra os postes das tochas e contra os degraus das casas. Tentava, por todos os meios, firmar os pés ou agarrar-se a qualquer coisa para se segurar, mas quando estava a uma distância suficiente, pude ver que era um aleijado e que não...»

Tão asperamente quanto o permitiu a minha agonia e fraqueza, disse-lhe:

— «O que é que isso tudo tem a ver com a minha mulher? Onde está ela?»

— «Ela *estava* na janela da frente — disse ele, apontando, e continuou com furiosa teimosia —. Tinha estado ali durante todo o dia, preocupada à espera do vosso regresso, meu senhor. Eu estava com ela quando o homem chegou, golpeado e açoitado rua abaixo e ela gritou-me que tínhamos que o salvar. Naturalmente que eu não tinha muita vontade de me meter nas águas furiosas e disse: “Minha senhora, daqui posso reconhecê-lo. É apenas um velho desgraçado, que ultimamente tem estado a trabalhar nas canoas do lixo que servem este bairro. Não vale a pena ninguém incomodar-se com ele.”»

Estrela Cantora fez uma pausa, engoliu a saliva e disse com voz rouca:

— «Não me queixarei se o meu amo me bater, me vender ou me matar, porque devia ter ido salvar o homem, pois a minha senhora, lançando-me um olhar de indignação, foi ela mesma. Dirigiu-se à porta e desceu a escada, enquanto eu olhava por esta janela, e, inclinando-se sobre a corrente, apanhou-o.»

Voltou a fazer uma pausa e eu disse, irritado:

— «E então? Se estão os dois a salvo...?»

Estrela Cantora abanou a cabeça.

— «É isso que eu não compreendo. Claro que os degraus estavam molhados e resvaladiços, meu senhor, mas parece que... parece que a minha senhora falou com o homem e começou a afastar-se dele, mas então... então a água levou-os, levou-os aos dois, já que ele estava a agarrá-la. Só pude ver como um vulto era arrastado à minha vista, já que os dois estavam juntos. Então corri para a rua e meti-me à corrente, atrás deles.»

— «Estrela Cantora quase se afogou, meu senhor — disse Turquesa, soluçando —. Ele tentou, ele realmente tentou...»

— «Não sei nada deles — resumiu miseravelmente —. Até ao fim da rua, várias casas de adobe acabavam de cair, talvez sobre eles, pensei eu. Mas já estava muito escuro para conseguir ver, as madeiras que boiavam ti-



nham-me atingido e estava quase inconsciente. Agarrei-me à porta de uma casa, segurando-me com força e assim passei toda a noite.»

— «Chegou a casa quando as águas baixaram, esta manhã — disse Turquesa —. Depois fomos os dois para a rua e procurámos.»

— «E encontraram alguma coisa?» — grunhi.

— «Só encontrámos o homem — disse Estrela Cantora —. Meio enterrado debaixo dos tijolos caídos, tal como eu tinha suspeitado.»

Turquesa disse:

— «Ainda não dissemos nada a Cocóton acerca da mãe. Quer o meu senhor falar com ela agora, lá em cima?»

— «E dizer-lhe aquilo em que eu mesmo não consigo acreditar? — gemi. Apelei às minhas últimas energias para endireitar o meu corpo vergado e disse —: Não, não o vou fazer. Anda, Estrela Cantora, vamos procurar outra vez.»

Para lá da minha casa, a rua deslizava num pequeno declive conforme nos aproximávamos da ponte que atravessava o canal, pelo que as casas ali em baixo, tinham, naturalmente, sido fustigadas com maior violência pela muralha de água. Também era ali que ficavam as casas menos imponentes da rua, construídas com madeira e adobe. Como Estrela Cantora tinha dito, já não havia casas ali; apenas montes de tijolos, lama e palha, meio partidos, meio dissolvidos, estilhaços de tábuas e pedaços de móveis. O criado apontou para um amontoado de roupa misturado com eles e disse:

— «Aí está aquele desgraçado. Não foi perda nenhuma para ninguém. Vivia a vender-se a si mesmo, aos homens que trabalhavam nas barcas collectoras de lixo. Àqueles que não tinham como pagar a uma mulher usavam-no a ele, pois só cobrava uma semente de cacau.»

O corpo jazia de boca para baixo. Era uma coisa com trapos sujos e cabelo grisalho, comprido e emaranhado. Usei um pé para o voltar de boca para cima e olhei-o pela última vez. Chimáli olhava para mim com as órbitas dos olhos vazias e a boca aberta.

Não foi nesse momento, mas sim mais tarde, quando me pus a pensar, que recordei as palavras de Estrela Cantora; o homem tinha andado ultimamente a bordo das barcas de recolha de lixo da nossa zona. Perguntei a mim próprio se Chimáli apenas recentemente teria descoberto onde eu vivia. Tinha vindo à minha procura, às cegas, na esperança de ter outra oportunidade de me fazer mal, a mim ou aos meus? A inundaçãõ ter-lhe-ia oferecido essa oportunidade para me causar um dano mais doloroso e, ao mesmo tempo, para o pôr para sempre fora do alcance da minha vingança? Ou toda a tragédia havia sido uma lúgubre maquinação dos deuses? Parece que estes se divertem em arranjar um encadear de acontecimentos que, de outra maneira, seriam inverosímeis, inexplicáveis e inacreditáveis.

Nunca o saberei.

Naquele momento, só sabia que a minha mulher tinha desaparecido, que não conseguia aceitar o seu desaparecimento e que tinha que a procurar. Assim, disse a Estrela Cantora:

— «Se este maldito homem está aqui, Zyanya também tem que estar. Removeremos um a um, todos estes milhões de tijolos. Vou começar com isso, enquanto tu vais buscar mais mãos para nos ajudarem. *Vai!*»

Estrela Cantora partiu a correr e eu inclinei-me para levantar e afastar para um lado uma viga de madeira, mas continuei inclinado e com a cabeça para baixo.

Já a tarde ia avançada quando recuperei os sentidos na minha cama, com os dois criados inclinando-se solícitamente sobre mim. A primeira coisa que perguntei foi:

— «Encontraste-a? — Quando ambas as cabeças abanaram numa triste negação, ralhei —: Disse-vos que removêsseis os tijolos um a um!»

— «Amo, não se pode fazer isso — soluçou Estrela Cantora —. A água voltou a subir. Eu voltei lá e encontrei-vos mesmo a tempo, ou teríeis lá ficado de cara para baixo dentro de água.»

— «Estávamos a ponderar se vos devíamos despertar — disse Turquesa com manifesta ansiedade —. O Venerado Orador mandou evacuar toda a cidade antes de ficar toda debaixo de água.»

E assim, sentei-me nessa noite na vertente da colina, sem conseguir dormir no meio da multidão de fugitivos adormecidos.

— «Grande passeio» — comentara Cocóton pelo caminho. Uma vez que só as primeiras gentes a saírem de Tenochtitlan tinham arranjado alojamento no continente, os que chegaram depois detiveram-se em qualquer sítio onde se pudessem deitar, ao ar livre. Nós os quatro nem sequer conseguimos arranjar uma árvore debaixo da qual nos resguardássemos, mas Turquesa havia levado mantas. Ela, Estrela Cantora e Cocóton enrolaram-se e dormiram abrigados, mas eu sentei-me com o cobertor pelos ombros e olhei para baixo, para a minha filha, a minha Migalha, o único resto da minha mulher, e senti um enorme pesar.

Há algum tempo, meus senhores frades, tentei descrever Zyanya comparando-a com a generosa e útil planta do *maguey*, mas há algo de que me esqueci de vos dizer sobre este. Uma vez na vida, apenas uma, brota nele uma simples vara totalmente coberta de flores amarelas de doce fragrância e em seguida o *maguey* morre.

Naquela noite, tentei com todas as minhas forças encontrar alívio para o meu pesar, recordando as servis certezas dos nossos sacerdotes, que diziam sempre: a morte não deve ser motivo de aflição ou de tristeza. A morte, diziam, é apenas o despertar do sonho de ter vivido. Talvez seja assim.

Os vossos sacerdotes cristãos dizem a mesma coisa. Mas essas palavras não me confortavam muito, a mim que tinha ficado para trás nesse sonho, vivo, só, triste. Assim, passei essa noite recordando Zyanya e o tempo, demasiado breve, que passámos juntos antes do seu sonho ter terminado.

Ainda recordo...

Uma vez, quando fomos a Michihuacán, ela viu uma flor que nunca antes vira e que crescia na fenda de um penhasco, um pouca acima das nossas cabeças; gostou muito dela e disse que gostaria de ter uma para plantar no jardim da nossa casa; eu poderia ter trepado facilmente e apanhá-la para lhe oferecer...

E de outra vez, oh, não foi em nenhuma ocasião em particular, acordou apaixonada pelo dia, coisa muito frequente em Zyanya, e compôs uma pequena canção; em seguida fez a melodia e passou todo o dia a cantá-la em surdina, até que a gravou na memória; depois perguntou-me se lhe podia comprar uma dessas flautas de barro, que eram chamadas água murmurante, para nela poder tocar a canção. Eu disse-lhe que sim, que da próxima vez que encontrasse um músico meu conhecido, ia convencê-lo a fazer-me uma, mas esqueci-me; ela — vendo que eu tinha outras coisas em que pensar — nunca mo fez lembrar.

E outra vez...

*Ayya*, as muitas vezes...

Oh, eu sei que ela nunca duvidou que eu a amava, mas, porque deixei eu passar cada pequena oportunidade de lho demonstrar? Sei que me perdoava os lapsos ocasionais de descuido e as negligências triviais; provavelmente esquecia-as no mesmo instante, coisa que eu nunca consegui fazer. A partir daí, ao longo da minha vida, tenho vindo a recordar este ou aquele tempo em que devia ter feito isto ou aquilo e não o fiz, e que nunca voltarei a ter oportunidade de fazer. Entretanto, as coisas que queria recordar persistem em não chegar à minha memória. Oh, se pudesse recordar as palavras daquela pequena canção que compôs quando se sentia tão feliz, ou apenas a melodia, poderia sussurrá-la algumas vezes para mim. Ou se soubesse o que foi que ela me disse quando o vento lhe levou as palavras, na última vez que a vi...

Quando por fim todos regressámos à ilha, a maior parte da cidade estava em ruínas, tanto que os primeiros escombros que se tinham amontoado na nossa rua não se distinguiam dos que haviam caído depois. Trabalhadores e escravos estavam já a tirar os despojos, aproveitando os blocos de calcário que não se tinham partido e que poderiam ser reutilizados, e a nivelar as fundações para voltar a construir. Mas o corpo de Zyanya nunca foi encontrado, não se achou nenhuma pista dela; nem sequer um dos

anéis ou uma sandália. Desvaneceu-se tão completa e irreparavelmente como aquela cançãozinha que uma vez compôs. Mas, meus senhores, eu sei que ela ainda está aqui em algum lado, mesmo que desde então as nossas cidades se tenham construído sucessivamente sobre o seu túmulo perdido. Eu sei, porque ela não levou consigo o pedacinho de jade que garante a sua passagem para o outro mundo.

Muitas vezes, já muito tarde, de noite, caminhei por essas ruas chamando-a suavemente. Fi-lo em Tenochtitlan e também o fiz nesta cidade de México. Um velho dorme muito pouco de noite. Apesar de ter visto muitos aparições, nenhuma era ela.

Só me encontrei com espíritos desgraçados ou malvados e nenhum deles era Zyanya, nisto não posso estar enganado, já que ela foi feliz durante toda a sua vida e morreu enquanto tentava praticar o bem. Vi e reconheci muitos guerreiros mexíca mortos; a cidade estava cheia desses espectros angustiados. Vi a Chorona, que é como uma espiral de névoa arrastada pelo vento, mas com a forma de uma mulher; ouvi os seus gemidos e lamentações. Mas não me assustei, antes pelo contrário, sinto pena dela porque também sei o que é perder um ente querido, e como não me conseguia assustar com os seus lamentos, fugia das minhas palavras de consolo. Uma vez, pareceu-me ter encontrado e conversado com dois deuses vagabundos, o Vento da Noite e O Mais Velho dos Deuses Velhos. De qualquer maneira, foi isso que eles disseram ser, mas não me fizeram nenhum mal, acreditando que eu já tinha dores demais na minha vida.

Por vezes, nas ruas completamente escuras e desertas, parecia-me ouvir o alegre riso de Zyanya. Poderia ser produto da minha imaginação senil, mas o riso era sempre acompanhado por um reflexo de luz na escuridão, muito parecido à madeixa branca que ela tinha no seu cabelo negro. E podia ser também uma partida da minha vista fraca, pois a visão desaparecia sempre que levava o cristal ao olho. De qualquer maneira, sei que ela está aqui, em qualquer parte, e não preciso de nenhuma prova, por muito que a deseje.

Tenho pensado neste assunto e pergunto-me: só me encontro com estes lúgubres e misantropos cidadãos da noite porque eu próprio me pareço com eles? É possível que as pessoas que têm um carácter melhor e um coração alegre possam perceber com mais facilidade os fantasmas mais simpáticos? Suplico-vos, meus senhores frades, que não vos esqueçais de me dizer se, por acaso, algum dos vossos homens bons, uma qualquer noite, chegar a encontrar-se com Zyanya. Reconhecê-la-ão imediatamente e não se espantarão perante um fantasma de tanta beleza. Ela continuará a parecer uma rapariga de vinte anos, como era então, pois a morte, pelo menos, poupou-a às doenças e ao definhar próprios da idade. Reconhecereis o seu sorriso, e

não podereis deixar de lho retribuir. E, se ela falar...

Mas não, não compreenderíeis o que ela dissesse. Tende apenas a bondade de me dizer que a vistes. Ela continua caminhando por estas ruas, bem o sei. E ela está aqui e estará para sempre.

IHS



S.C.C.M.

*Santificada, Cesárea, Católica Majestade,  
O Imperador Dom Carlos, nosso Senhor Rei:*

Real e Admirável Majestade, nosso Rei Supremo: desde esta cidade de México, capital da Nova Espanha, no dia de São Pafenúcio, mártir, do ano de Nosso Senhor de mil e quinhentos e trinta, vos saúdo.

É uma atenção típica do Nosso Compassivo Soberano que vos apiedeis do Protector dos Índios de Vossa Majestade e que soliciteis mais detalhes sobre os problemas e obstáculos com que diariamente nos confrontamos no nosso ofício.

Em tempos passados, Senhor, era uma prática muito comum entre os espanhóis a quem concederam terras e fazendas, nesta província, que também se apropriassem de muitos índios que viviam nos arredores das mesmas; eles costumavam marcá-los com um «G» de «guerra», proclamando-os prisioneiros de guerra, tratando-os cruelmente e explorando-os como tal. Pelo menos esta prática melhorou, a ponto de os índios já não poderem ser condenados à escravatura, a menos que sejam considerados culpados de algum crime pelas autoridades seculares ou eclesiásticas.

Também a lei da Mãe Espanha é agora aplicada mais estritamente nesta Nova Espanha, pelo que um índio aqui, como um judeu aí, tem os mesmos direitos que qualquer espanhol cristão e não pode ser condenado por um crime sem o devido processo de acusação, julgamento e condenação. Claro que o testemunho de um índio, como o de um judeu — mesmo dos convertidos ao Cristianismo — não pode ser considerado igual ao testemunho de uma pessoa que sempre foi cristão. A partir deste momento, se um espanhol pretender adquirir como escravo algum robusto homem vermelho ou alguma mulher vermelha de boa aparência, tudo o que tem a

fazer para o conseguir é deixar cair sobre esse índio qualquer acusação que tenha a espreiteza de inventar.

Porque acreditamos que muitas das acusações contra os índios eram falsas, e porque tememos pelas almas dos nossos compatriotas, que aparentemente estão a engrandecer eles próprios, bem como as suas propriedades, por meios sinuosos, impróprios de Cristãos, nós, embora tristemente, vimo-nos obrigados a agir. Utilizando a influência do nosso título de Protector dos Índios, temos tido êxito em persuadir os juizes da Audiência de que todos os índios que tiverem que ser marcados, devem, no futuro, ser registados com o nosso officio. Por isso, a partir de agora, os ferros de marcar estão fechados numa caixa que deve ser aberta por duas chaves, ficando uma delas na nossa posse.

Como nenhum índio pode ser marcado sem a nossa colaboração, temos recusado firmemente os casos de flagrante abuso da justiça e esses índios têm sido libertados à força. Esse exercício da autoridade própria do nosso officio de Protector dos Índios granjeou-nos o ódio de muitos dos nossos compatriotas, mas podemos ultrapassá-lo com serenidade de espírito, sabendo que agimos para o bem de todos os envolvidos. No entanto, o desenvolvimento económico de toda a Nova Espanha poder-se-ia ressentir (e o Quinto dessas riquezas pertencente ao Rei, diminuído), se obstruíssemos demasiado o recrutamento de escravos de trabalho, de que depende a prosperidade destas colónias. Assim, agora, quando um espanhol pretende adquirir algum índio como escravo, não recorre ao braço secular; ele acusa o índio de ser um cristão convertido que cometeu algum *lapsus fidei*. Uma vez que o nosso officio de defensor da fé está muito acima dos nossos outros officios e dos seus problemas, nestes casos não impedimos o ferro de marcar.

Assim, cumprimos simultaneamente três coisas que estamos certos serão favoráveis aos olhos de Vossa Majestade. *Primus*, prevenimos efectivamente a negligência legal na lei civil. *Secundus*, protegemos firmemente o dogma da igreja, para que não deixe de ser observado pelos convertidos. *Tertius*, não impediremos a manutenção de um trabalho regular e adequado.

Incidentalmente, saiba Vossa Majestade, que o ferro de marcar a cara já não tem a letra «G», que implica a desonra do vencido na guerra. Agora, aplicamos as iniciais do novo proprietário do escravo (a menos que o convertido seja uma bela mulher, cujo amo não queira desfigurar). Para além da marca servir para identificar o proprietário do escravo e o escravo que fugir, serve também para distinguir aqueles escravos irremediavelmente rebeldes e incapazes para o trabalho. Muitos desses intratáveis descontentes, tendo mudado várias vezes de amo, têm agora numerosas iniciais sobrepostas na cara, como se a sua pele fosse um palimpsesto.

Há uma evidência tocante do bom coração de Vossa Compassiva Majestade, nesta última carta, quando mencionais o nosso cronista azteca, no que respeita à morte da mulher: «Apesar de pertencer a uma raça inferior, parece ser um homem com emoções humanas, capaz de sentir felicidade e dor tão veementemente como nós.» A vossa simpatia é muito compreensível, já que o amor contínuo de Vossa Majestade à vossa jovem Rainha Isabel e ao vosso filho Felipe é uma notável e terna paixão, muito admirada por todos.

No entanto, muito respeitosamente, sugerimos que Vossa Majestade não exceda demasiado a sua compaixão para com estas pessoas que não conhece tão bem como nós, e especialmente para com este que, uma e outra vez, demonstra ser indigno disso. Pode, em determinada ocasião, ter sentido uma emoção ocasional ou ter-se entretido com um ocasional pensamento humano, que não o faria desacreditar perante um homem branco. Mas Vossa Majestade terá notado que, apesar de ele ser agora cristão, o velho tonto murmurou muito sobre o facto da sua fêmea morta andar ainda a vaguar por este mundo... e porquê? Porque não tinha uma certa pedra verde quando morreu! Também, como Vossa Majestade poderá perceber, o Asteca não se deixou abater durante muito tempo por essa aflicção. Nas páginas seguintes da sua narração, diverte-se outra vez como um colosso e volta a comportar-se como já antes o fizera.

Senhor, não há muito tempo, ouvimos um sacerdote mais sábio do que nós dizer o seguinte: que *nenhum* homem pode rir sem reservas, enquanto ainda estiver vivo e navegar pelo mar incerto da vida. Nem ele nem nenhum outro pode saber quando sobreviverá a todas as tempestades, recifes escondidos e perturbantes cantos de sereias, para chegar, por fim, a porto seguro. Esse homem pode considerar-se justamente glorificado quando Deus for o seu guia, de maneira a que possa acabar a sua vida no porto da Salvação, pois a *Glória* só no final é cantada.

Queira o Nosso Senhor Deus continuar a sorrir sobre e a favor de Vossa Imperial Majestade, cujos reais pés são beijados pelo vosso capelão e servo,

(*ecce signum*) ZUMÁRRAGA